

PRETO NO BRANCO

experiências inerentes à prática profissional

Prova Final de Licenciatura orientada por:
Arq. João Nuno Pinto Bastos Moreira Gomes

Vasco Joel Monteiro Dias Alves, Coimbra, Setembro 2009
Departamento de Arquitectura da FCTUC

| | |
|--|------------|
| Introdução | 8 |
| Memórias de escola | 16 |
| Museu San Telmo, San Sebastian | 24 |
| Habitação no Monte Ulia, San Sebastian | 32 |
| Centro de Alojamento e Cultura, Estella | 42 |
| Quiosque de rua | 60 |
| Aproximação à Realidade | 70 |
| SIRUM | 76 |
| Roteiro da Universidade de Aveiro | 94 |
| Memórias de atelier | 116 |
| Projectos | 124 |
| Unidade de Cuidados Continuados No Hospital Rovisco Pais | 124 |
| Lar de Idosos + Creche em Soure | 156 |
| Habitação Unifamiliar em Pereiras, Loulé | 174 |
| Concursos | 182 |
| Casa da juventude de Portimão | 182 |
| Centro Escolar de Fonte de Angeão | 202 |
| Conclusão | 214 |
| Bibliografia | 220 |

INTRODUÇÃO

No meu entendimento, a prova final não é nem pode ser o fim de um percurso. Posso então considerá-la como mais uma etapa no desenvolvimento da minha formação de arquitecto. Quando terminei o quinto ano, as minhas expectativas perante a prova eram bastante diferentes do que são hoje. Passado este tempo, o percurso que tive, as experiências que vivi nunca poderiam ser ignoradas para marcar esta etapa que é a prova final. Esta deve reflectir o sentimento vivido até aos dias de hoje. Não numa perspectiva romântica, mas tal e qual como elas são, Preto no Branco.

Assim sendo, pretendo aproveitar este momento de pausa para reflectir sobre este período, que atravessa o mundo académico e o início de uma experiência profissional, mostrando um pouco do meu percurso.

Começo por abordar alguns exercícios das cadeiras de projecto em âmbito académico. Não farei uma reflexão sobre os projectos elaborados no departamento, porque esses já foram alvo de avaliação, mas sim os que realizei durante a minha passagem pela Universidade do País Basco, onde tive a oportunidade de estudar durante 1 ano, no Âmbito do programa Erasmus.

Numa segunda fase, em ambiente “extracurricular”, abordo a minha participação no SIRUM- Seminário Internacional de Reabilitação Urbana do Mindelo, Cabo Verde. Neste Workshop, na companhia de outros colegas do d’ARQ e de outras 4 escolas de arquitectura do Brasil e de Itália, foi-nos proposto reflectir sobre uma área específica da capital Cultural de Cabo Verde e produzir algumas soluções que visem a reabilitação urbana desta. Não deixarei de referir a fantástica

experiência pessoal que foi este workshop nem as consequências que este teve no meu percurso.

Após a minha colaboração neste workshop, em Setembro de 2006 surgiu a intenção da Universidade de Aveiro em criar um Roteiro de Arquitectura da Universidade. Com a coordenação do Arq. Walter Rossa, e na companhia do Pedro Navega, fizemos um levantamento exaustivo dos edifícios da Universidade, produzimos os desenhos e também a elaboração de uma ficha técnica para cada um. Estudámos a evolução da Universidade, os planos previstos, suas alterações e evoluções.

Com esta experiência extra curricular, surgiu a intenção de a aproximar da Conclusão do curso, através da Prova Final. Tendo acesso facilitado ao material necessário, a vantagem de algum trabalho de casa feito e a possibilidade de estudo das Novas Universidades, criadas com a reforma na Educação de Veiga Simão, datada de 1973. No entanto, e por outras razões que não interessará referir, esta intenção acabou por cair por terra.

A última fase refere-se ao início da minha experiência profissional em ambiente de atelier. Em Setembro de 2007, comecei a colaborar em Part-time num pequeno gabinete de Arquitectura de Coimbra. Esta experiência mostrou-se muito enriquecedora, tanto a nível profissional como a nível pessoal. Rapidamente passei a trabalhar a tempo inteiro, tendo a oportunidade de participar em colaboração e co-autoria em alguns projectos de várias escalas. Desta experiência pretendo salientar alguns desses projectos, não apenas no sentido de reflexão no âmbito da arquitectura, mas também no sentido da

evolução do projecto, do trabalho em equipa e de coordenação das várias vertentes deste.

O primeiro projecto que pretendo apresentar é uma adaptação de um edifício no Hospital Rovisco Pais, dos anos 50, na Tocha, Cantanhede, a Unidade de Cuidados Continuados; de seguida revelo a minha participação num Lar de Idosos e Creche na Vila de Soure e termino com uma habitação Unifamiliar em Pereiras, Loulé. Abordo também dois concursos em que participei em co-autoria no atelier.

A minha prova não pretende ser uma compilação dos projectos que apresento. A minha prova traduz-se nas experiências vividas e adquiridas nesses projectos construindo um percurso de trabalho marcado pelas oportunidades que surgiram e outras que perdi.

MEMÓRIAS DE ESCOLA



San Sebastian / Donostia - Também conhecida como cidade da concha

Enquanto aluno de arquitectura, sempre me interessaram as novas experiências. Ao longo do curso, de diversas formas se foram revelando estas experiências às quais sempre dei valor. Ainda no ensino secundário tive a oportunidade, em âmbito escolar extra-curricular de percorrer algumas cidades europeias. A minha primeira grande aproximação ao mundo da arquitectura foi provavelmente no 3º ciclo do ensino básico quando um grupo de alunos e professores embarcou numa viagem estrada fora até Roma. Hoje posso dizer que muito do meu interesse pela arquitectura partiu dessa viagem de 3 semanas realizada em pleno Agosto. Dois anos mais tarde, uma nova oportunidade surgiu e com ela uma viagem a Atenas, também em âmbito extracurricular. Quando entrei no d'ARQ pensei que essas viagens teriam acabado, pelo menos nos mesmos moldes...

Felizmente estava enganado.

No primeiro ano, na companhia do Arq. Raul Hestnes, visitei novamente a cidade de Roma, numa experiência bastante diferente da inicial, enriquecida pelos conceitos que fui adquirindo e muito mais construtiva. Ao longo dos anos seguintes visitei Granada, Sevilha, Córdoba, Bilbao e San Sebastian. Esta última cidade, no 2º ano, no âmbito da cadeira de Projecto, rapidamente me apaixonou.

Em 2004, surgiu a oportunidade de me envolver no programa ERASMUS. Escolhi a cidade da Concha, onde vivi e estudei um ano. Este ano fora de Coimbra, longe da minha terra natal, proporcionou-me muitas experiências e troca de conhecimentos entre colegas Espanhóis e de outras nacionalidades assim como professores, que desde o início se mostraram muito interessados no ensino da

arquitetura em Portugal e no seu potencial. Recordo-me de um professor de Sistemas Urbanos dedicar uma aula à calçada portuguesa, defendendo a sua aplicação nas cidades espanholas e referindo as suas vantagens construtivas de permeabilidade das estradas e passeios e a facilidade de remoção e aplicação para manutenção e instalação de infra-estruturas.

A metodologia de Trabalho na Universidade do País Basco (UPB/EHU) surpreendeu-me desde o início. Bastante rigoroso na divisão de fases de projecto, mostrava-se mais flexível quando se tratava da representação dos desenhos, correndo muitas vezes o risco de nos perdermos na noção de escala do espaço. O uso de escalas como 1/750 e 1/350 nunca me convenceu verdadeiramente. No entanto os colegas espanhóis pareciam navegar em águas conhecidas. O uso de maquetes para perceber projecto também não era muito usado por eles, que optavam pela imagem tridimensional. Apesar disso, desde o início me mantive fiel aos instrumentos de trabalho que aprendi no d'ARQ e felizmente este acabou sendo valorizado ao longo do ano.

Neste capítulo descrevo essas minhas experiências fora do d'ARQ em ambiente de escola. Ao longo desse ano, e na cadeira de projecto do quarto ano de curso, desenvolvemos três projectos. O primeiro é a ampliação do Museu Municipal de San Telmo, em San Sebastian, numa ocupação de uma praça existente no casco velho da cidade, muito perto do mar. Um segundo exercício, sem acompanhamento pedagógico, para uma habitação unifamiliar para um Historiador de arte, também em San Sebastian. O terceiro e último em Estella, vila de passagem dos peregrinos nos Caminhos de Santiago, com um

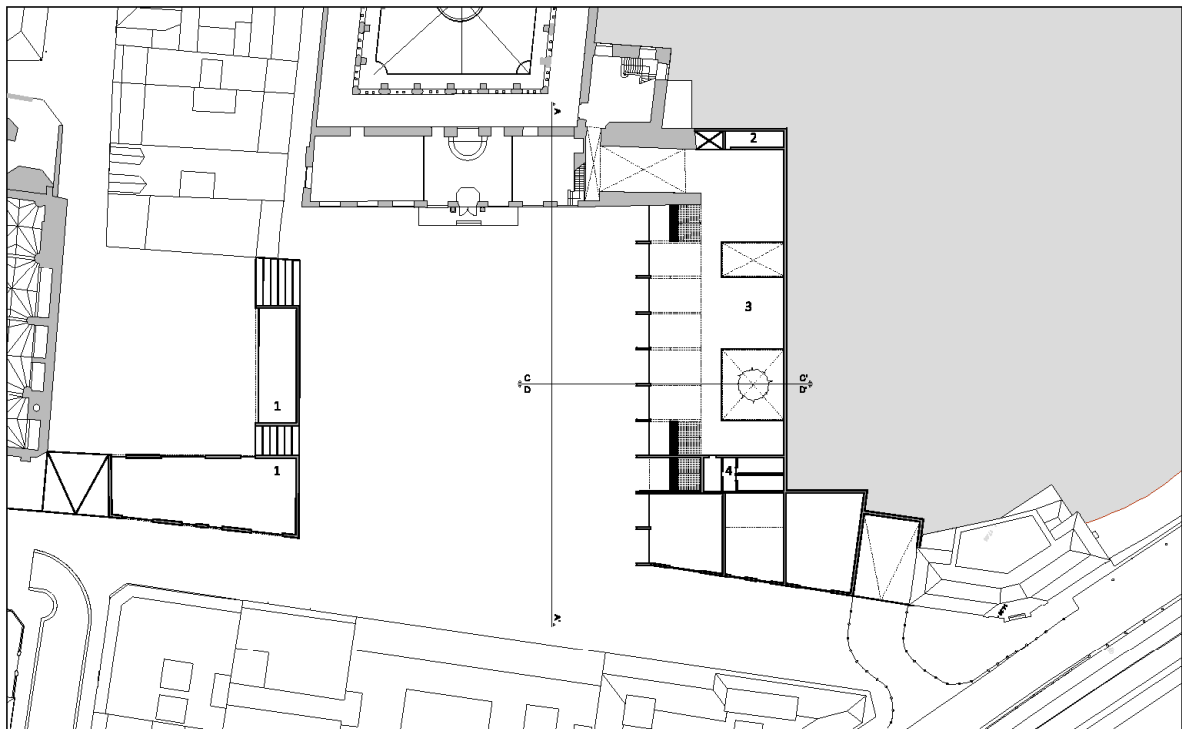
programa multidisciplinar que incluía um albergue, um centro de estudos e um templo multi-confessional.

Na cadeira de construção desenvolvemos um sistema construtivo para uma hipótese de pequena escala (quiosque) com a vertente da pré-fabricação. Os temas foram variados, e as possibilidades de projecto bastante alargadas. Descrevo então as minhas opções de projecto.

Importante será referir que pela distância temporal e física, alguns dos elementos dos trabalhos foram perdidos. Algumas maquetes ou outros elementos concretizados não puderam ser então aqui apresentados.



Localização do terreno, Encostado ao Monte Urgull



IMPLANTAÇÃO

LEGENDA: 1. QUIOQUE 2. ARRUMOS 3. SALA DE EXPOSIÇÕES 4. INSTALAÇÕES SANITÁRIAS



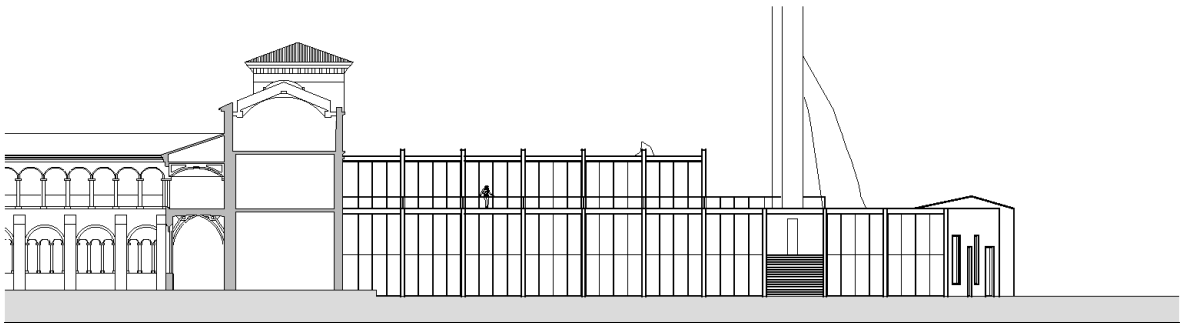
Museu San Telmo, San Sebastian

No casco antigo da cidade, encostado ao Monte Urgull está o Museu de San Telmo, edifício de meados do séc. XVI. A Praça Ignácio Zuloaga é o espaço de chegada a este museu e é também o motivo da intervenção. O pretexto era uma ampliação do museu com algumas salas de exposição e programa auxiliar. A praça é ladeada pelo terreno em causa, base do monte e protegido do mar, um bloco habitacional com um cinema e a igreja de São Vicente. Apresentando um desnível considerável, a praça em causa apresenta-se em duas plataformas a níveis diferentes, que foi mantida, valorizando de diferentes modos os vários elementos que a constituem. Numa primeira fase, foi realizado um levantamento desta praça e dos seus edifícios. Na segunda fase, já em trabalho individual, foi desenvolvido o programa pretendido.

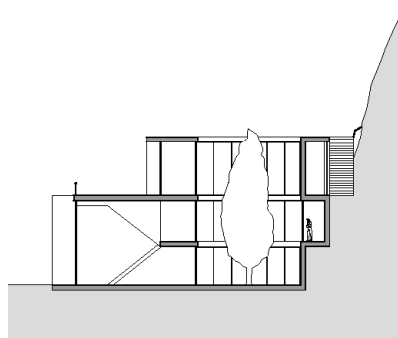
Implantou-se um volume que encerra os dois momentos do espaço, sugerindo às pessoas a zona de entrada no museu. Este volume, acolhe 2 quiosques de turismo, com programa a definir que poderão ser de apoio ao museu. Do terreno, sabia-se que permitia um percurso pedonal para o Monte Urgull e cedo foi constatado que não só seria importante manter mas também melhorar o acesso ao monte. Foi perceptível também que a melhor opção seria encerrar a praça, criando um volume que a delimitasse e que complementasse o programa cultural desta. Este volume, encostado à base do monte, permitia a comunicação



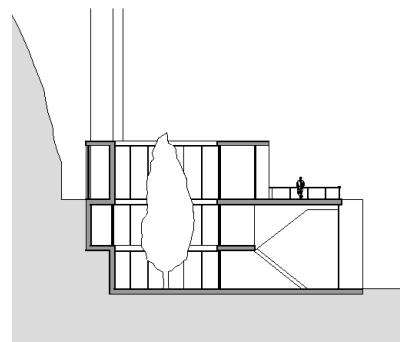
Praça Ignácio Zuloaga, com a base do Monte Urgull e percurso pedonal



ALÇADO AA'



CORTE CC'



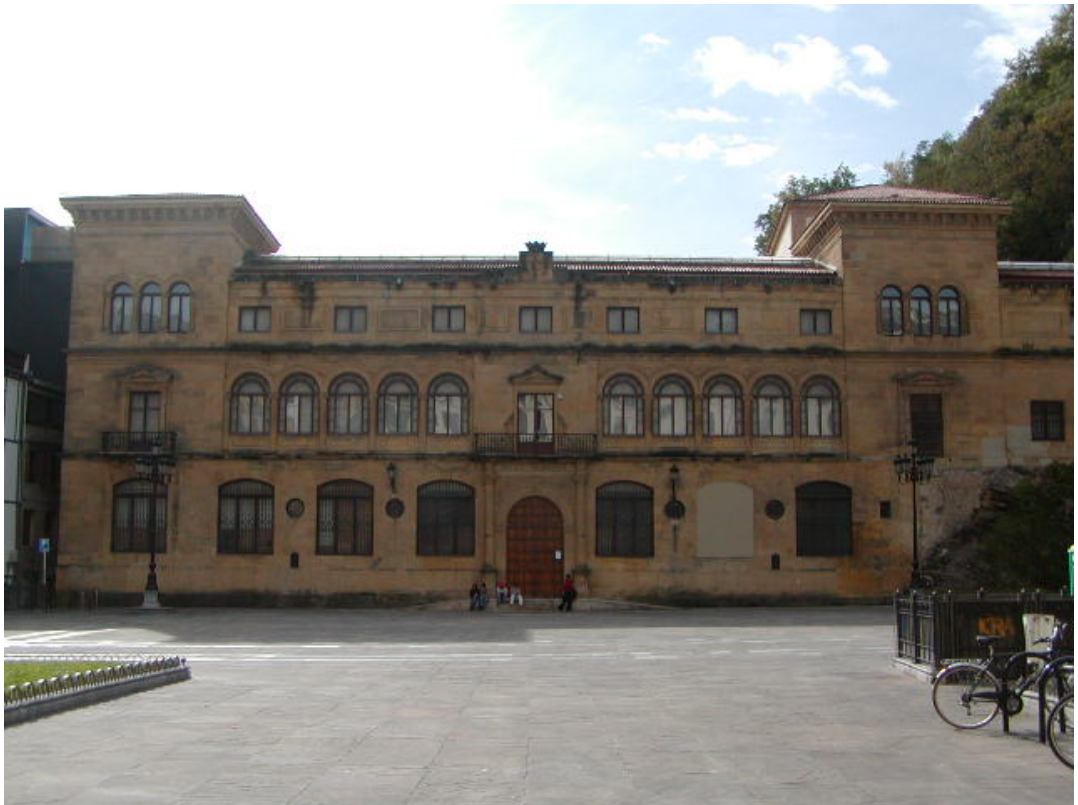
CORTE DD'

IMPLANTAÇÃO

0 5 10

na sua traseira para a passagem pedonal existente. Tendencialmente transparente, o volume com paredes em betão aparente e vigas de forte expressão que atravessam o edifício no seu sentido transversal, rasgando o alçado cria um ritmo no mesmo. Recuado da métrica estrutural do edifício foi utilizada a caixilharia de ferro para realçar a transparência dos vãos em contraste com a rudeza do betão. Por cima deste, cria-se um segundo volume que segue a mesma linha mais recuada, permitindo o uso da cobertura para esplanada e contemplação da praça. A ligação ao monte é feita pela traseira do edifício, à cota do bar, e por um elevador que se destaca no monte, com acesso directo pela praça.

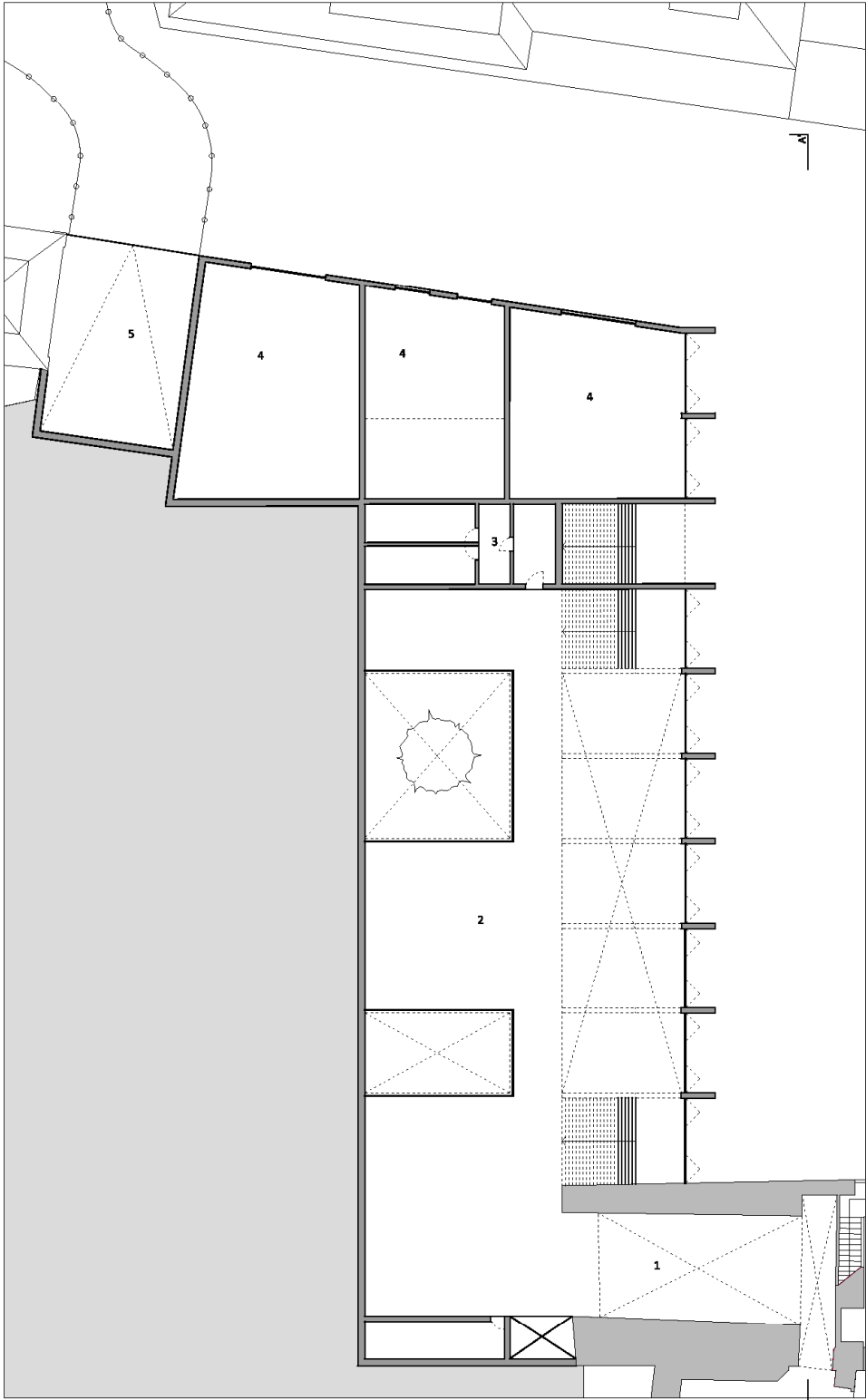
O programa distribuía-se por 3 pisos. O piso 0, de planta livre e 2 pátios interiores, seria a sala de exposições, com uma ligação interior ao edifício existente, complementando o seu programa de exposição. O primeiro piso era constituído por gabinetes administrativos acolhidos pela iluminação dos pátios interiores e um auditório de apoio. O último piso, mais recuado e à cota 16, usufruía de um bar e uma zona de estar, com a esplanada sobre a praça Zuloaga.



Museu San Telmo



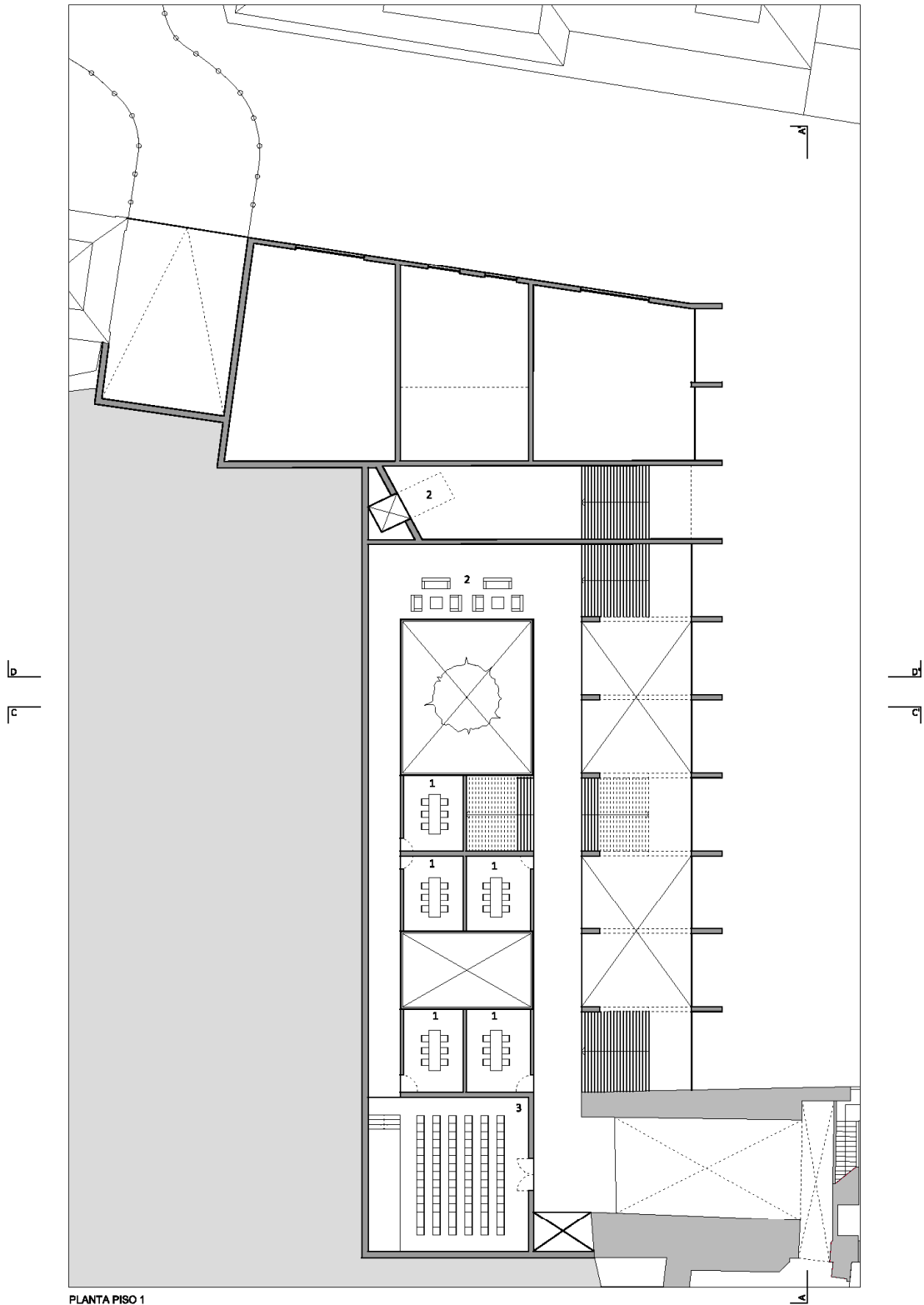
Praça Ignacio Zuolaga vista da marginal



PLANTA PISO 0

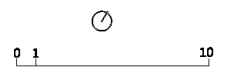
LEGENDA: 1. LIGAÇÃO AO EDIFÍCIO EXISTENTE 2. SALA DE EXPOSIÇÕES 3. INSTALAÇÕES SANITÁRIAS 4. QUIOSQUE 5. ACESSO À GARAGEM EXISTENTE

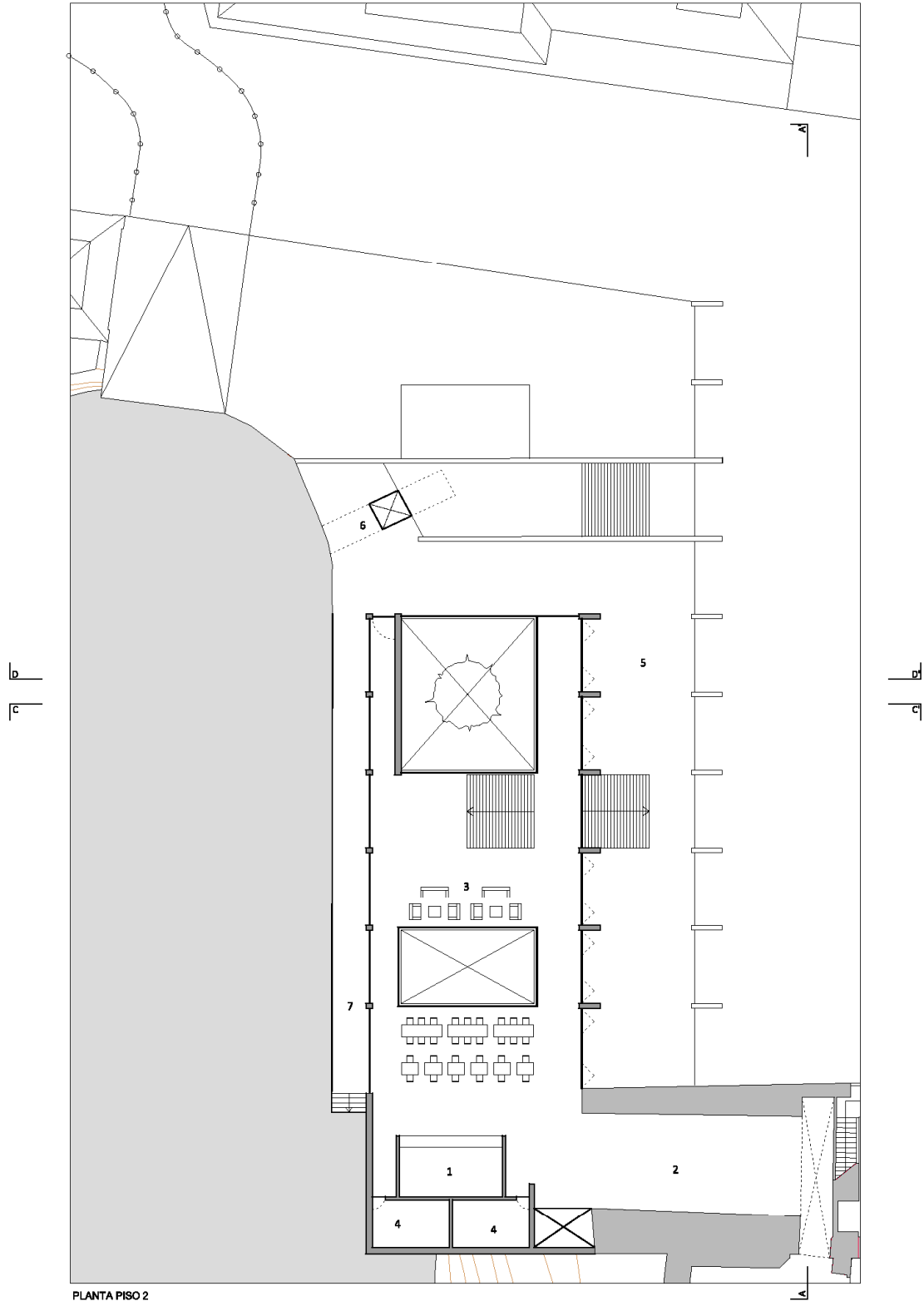




PLANTA PISO 1

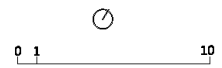
LEGENDA: 1. GABINETES ADMINISTRATIVOS 2. ZONA DE ESTAR 3. MINI AUDITÓRIO





PLANTA PISO 2

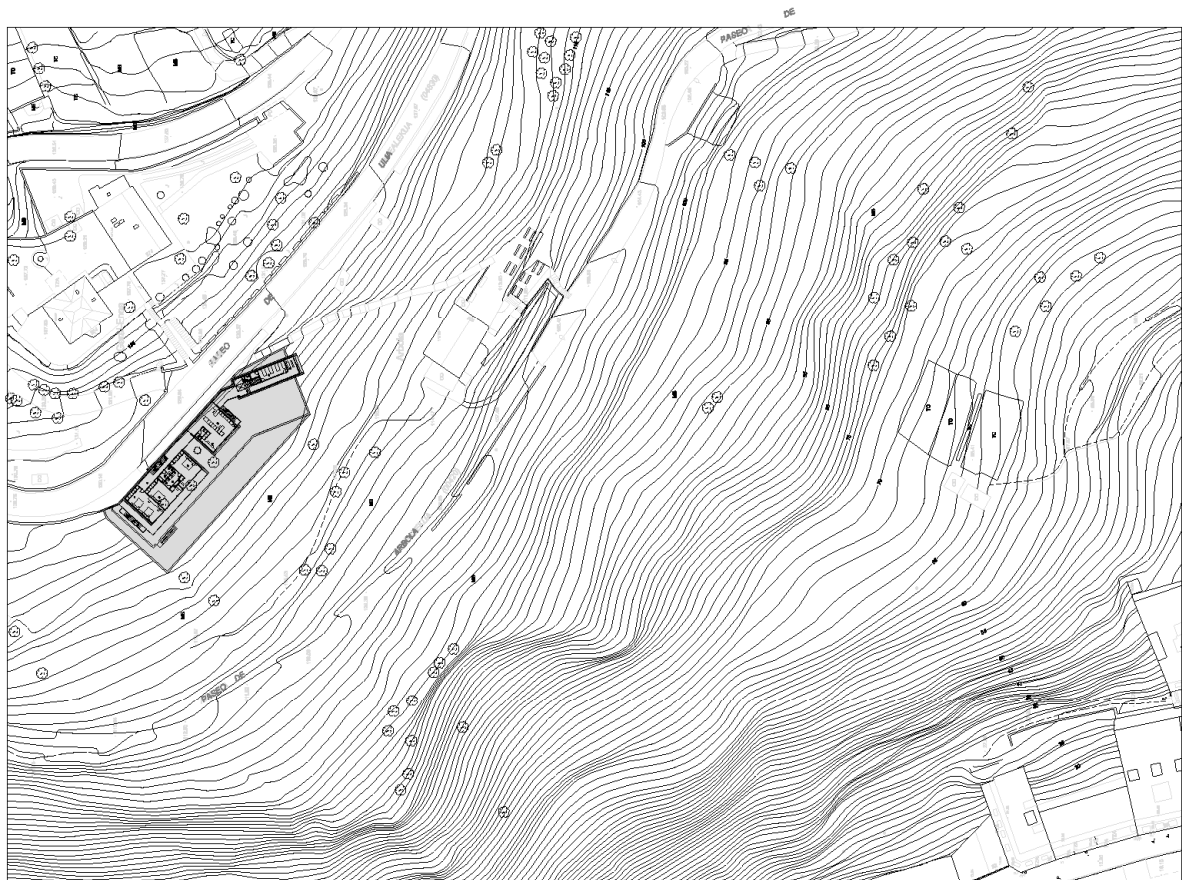
LEGENDA: 1. BAR 2. LIGAÇÃO AO EDIFÍCIO EXISTENTE 3. ZONA DE ESTAR 4. INSTALAÇÕES SANITÁRIAS 5. ÁREA EXTERIOR SOBRE A PRAÇA 6. ACESSO VERTICAL AO MONTE URGULL 7. PERCURSO PEDONAL AO MONTE



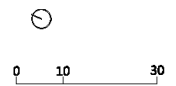
Memórias de escola



Localização do terreno



PLANTA IMPLANTAÇÃO



Habitação no Monte Ulia, San Sebastian

O segundo exercício proposto na cadeira de projecto tinha uma escala e método diferentes. Durante o período de exames teóricos, durante o qual não há aulas de projecto, era-nos pedido que desenvolve-se-mos uma habitação unifamiliar para um cliente específico. Este projecto não teve qualquer apoio curricular sendo que a intenção era avaliar a capacidade autocrítica dos alunos e de desenvolvimento do projecto autonomamente.

Localizado no topo do Monte Ulia, no extremo Norte da cidade, o terreno apresenta-se sobre a cidade, numa estrada semi-urbana e sem pré-existências nas laterais. A maior valia é claramente a paisagem sobre a praia Zurriola com o Kursaal no seu extremo e o Monte Urgull no seu seguimento. Considerando a hipótese de um cliente como um historiador de arte, o programa define bastante a opção de projecto. Além da zona habitacional, mais íntima da casa, era pedida uma galeria de arte, um arquivo e uma biblioteca. Com uma diferença de cota de 3 metros para a estrada, assentou-se a intervenção na cota inferior, valorizando a cota de entrada para o programa mais público e resguardando o resto do programa da estrada. As diferentes abordagens levam a uma separação física dos espaços condicionada para a sua privacidade. Criei então 3 volumes, ligados por uma passagem a dois níveis não comprometendo as comunicações horizontais entre os vários níveis. O volume intermédio engloba a garagem à cota de entrada e a biblioteca no piso inferior. Considerei este o elemento central da habitação,



Monte Ulia, a partir da praia da Zurriola



Terreno com vista sobre a cidade, a praia Zurriola e o Kursaal

fazendo a transição entre a galeria de arte/arquivo a nascente e a habitação a poente.

O volume da habitação tem o seu programa público à cota de entrada. Ao longo do corredor criado desenvolvem-se os vários espaços como a cozinha, a sala de jantar e a sala de estar que se abre a poente e sul sobre a cidade e o mar. Para isso, criei um vão total recuado em vidro com a protecção de portadas de madeira corridas que recolhem na totalidade escondendo-se atrás da fachada. O alçado Norte, em oposição ao sul, está virado para a estrada, mostrando-se totalmente fechado, sem qualquer vão. No piso inferior desenvolve-se um quarto duplo e dois individuais, como era pedido no programa, e uma ligação à biblioteca, localizada no piso intermédio.

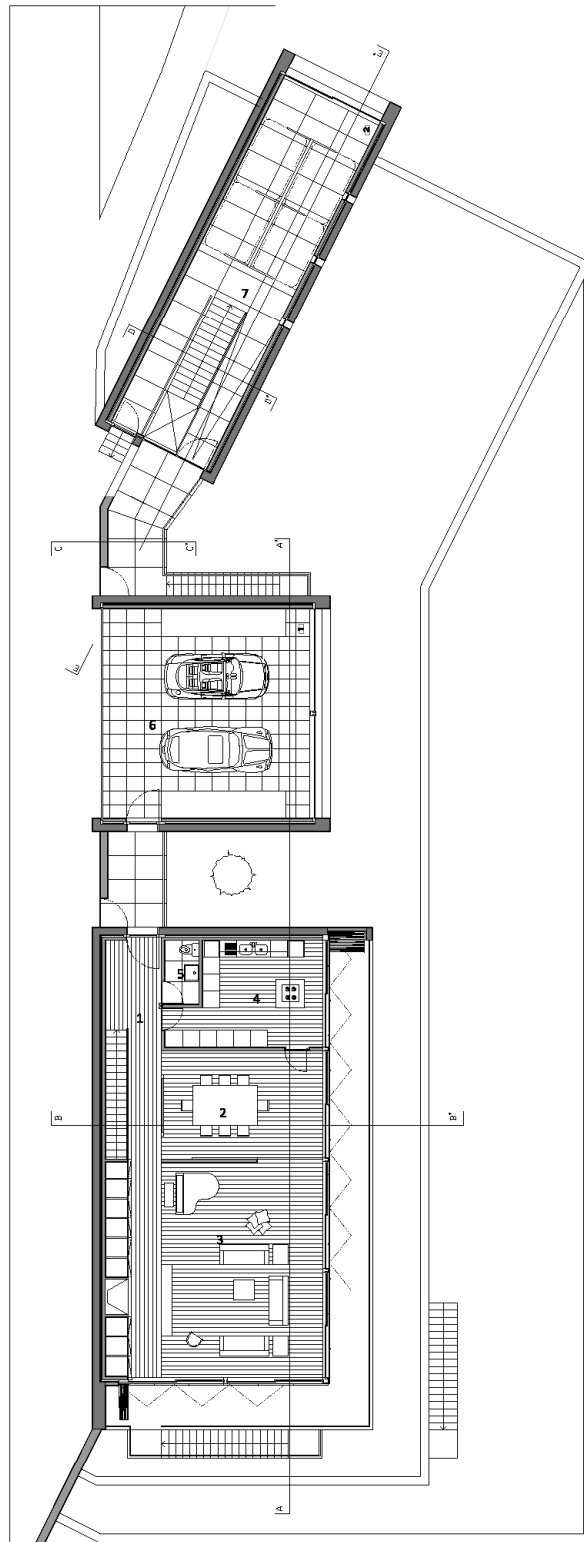
Esta biblioteca liga-se também à cota inferior do terceiro volume, onde está o arquivo, através de uma galeria interior que agarra os três. No piso 0 encontramos a galeria, com um acesso directo ao exterior. Este volume, mais encerrado, abre-se para a cidade no seu topo e para o mar através de vãos verticais. O acesso à biblioteca pode ser feito pelo exterior através de uma escada metálica lateral.

A quantidade de ligações existentes entre os vários espaços é um dos elementos fundamentais do projecto. O “cliente” não queria que as várias funções do espaço se confundissem nem que as ligações entre elas fossem dependentes. À cota inferior, colocaram-se uma série de plataformas com acessos de escadas que permitem o acesso ao resto do terreno.



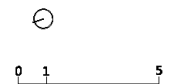
Vista sobre a cidade

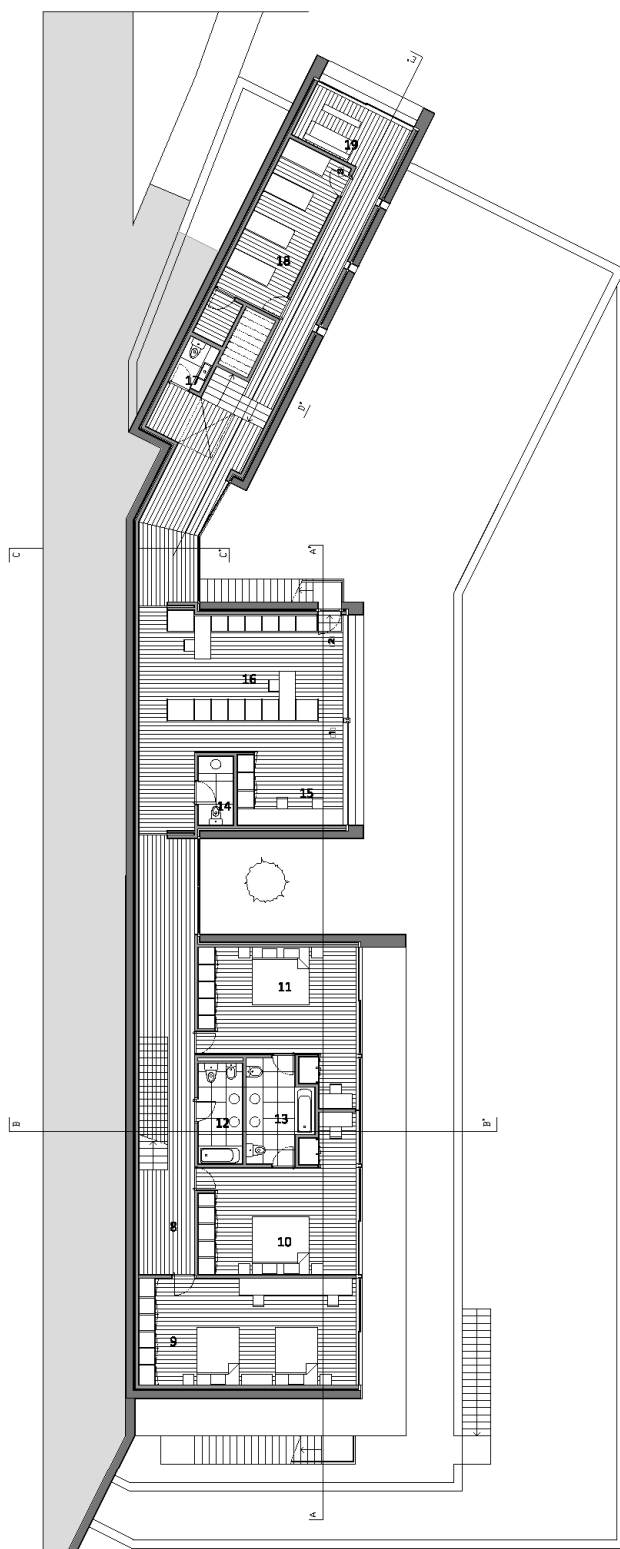
Assim terminou o primeiro projecto realizado sem qualquer tipo de acompanhamento curricular que se tornou, por esse motivo, numa experiência única diferente de todas as outras até ao momento. A evolução do projecto desde o primeiro traço até à intenção de execução, com a constante autoavaliação do mesmo foi, a meu ver, a grande mais valia deste exercício intermédio.



PLANTA PISO 0

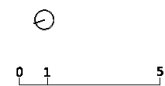
LEGENDA: 1.HALL DE ENTRADA 2.SALA DE JANTAR 3.SALA DE ESTAR 4.COZINHA 5. INSTALAÇÃO SANITÁRIA 6.GARAGEM 7.GALERIA 8.HALL DE DISTRIBUIÇÃO 9.QUARTO DUPLO 10.QUARTO 11.QUARTO 12.INSTALAÇÃO SANITÁRIA 13.INSTALAÇÃO SANITÁRIA 14.INSTALAÇÃO SANITÁRIA 15.ESCRITÓRIO 16.BIBLIOTECA 17.INSTALAÇÃO SANITÁRIA 18.SALA DE ARQUIVO 19.ESPAÇO DE REFLEXÃO



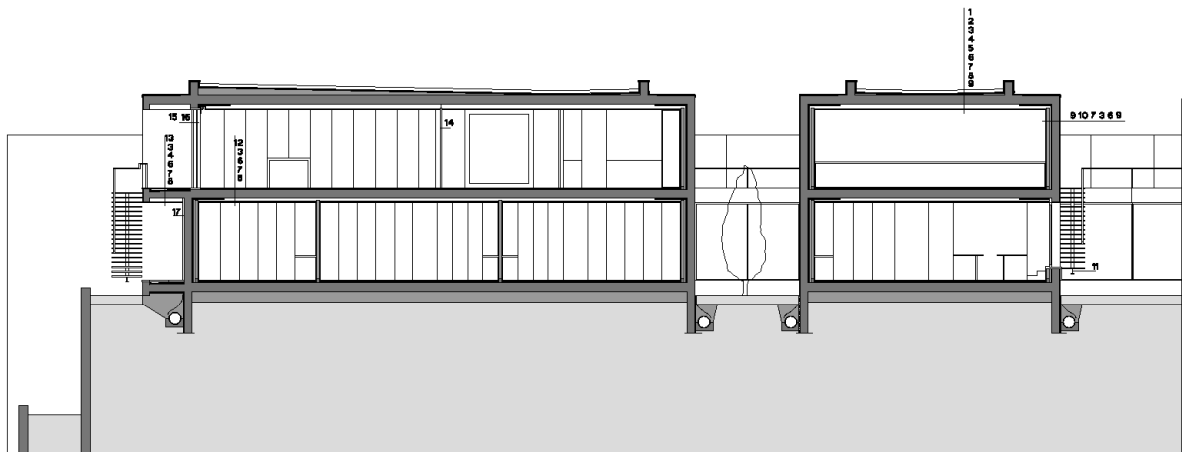


PLANTA PISO -1

LEGENDA: 1.HALL DE ENTRADA 2.SALA DE JANTAR 3.SALA DE ESTAR 4.COZINHA 5. INSTALAÇÃO SANITÁRIA 6.GARAGEM 7.GALERIA 8.HALL DE DISTRIBUIÇÃO 9.QUARTO DUPL0 10.QUARTO 11.QUARTO 12.INSTALAÇÃO SANITÁRIA 13.INSTALAÇÃO SANITÁRIA 14.INSTALAÇÃO SANITÁRIA 15.ESCRITÓRIO 16.BIBUOTECA 17.INSTALAÇÃO SANITÁRIA 18.SALA DE ARQUIVO 19.ESPAÇO DE REFLEXÃO

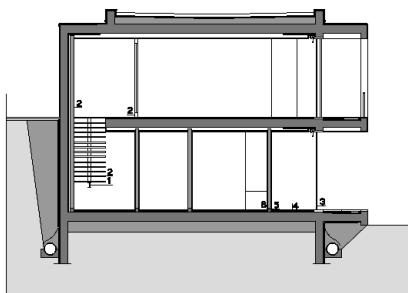


Memórias de escola

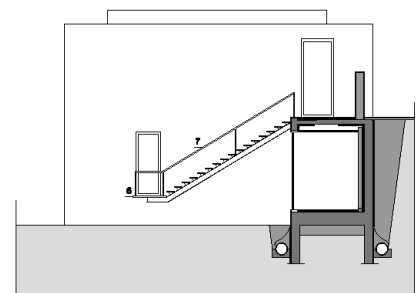


CORTE AA'

LEGENDA: 1.GRAVA 2.GEOTEXTIL 3.AISLAMIENTO TÉRMICO/SONORO 4. TELA IMPERMIABILIZANTE 5. MORTERO DE PENDIENTE 6.HORMIGÓN 7.CAJA DE AIRE 8.FALSO TECHO 9.REVOCO 10.LADRILLO 11.PERFIL METÁLICO 12.TARIMA DE MADERA 13.PAVIMENTO FLUTUANTE DE PIEDRA 14.PURTA DE MADERA 15.PORTADA DE ALUMINIO 16.PERFIL METÁLICO 17.FACHADA DE PIEDRA

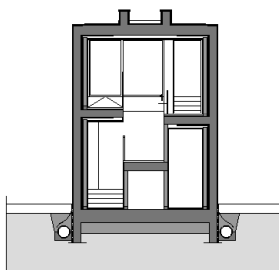


CORTE BB'

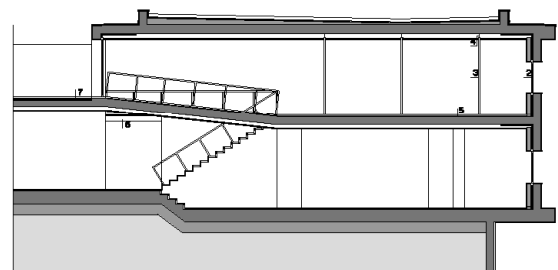


CORTE CC'

LEGENDA: 1.PERFIL METÁLICO 2.MADERA 3.CARPINTERIA DE ALUMINIO 4. TARIAMA MADERA 5. RODAPIE EN ACERO INOXIDABLE 6.ACERO FUNDIDO 7.ACERO INOXIDABLE 8.FALSO TECHO 9.REVOCO 10.LADRILLO 11.PERFIL METÁLICO 12.TARIMA DE MADERA 13.PAVIMENTO FLUTUANTE DE PIEDRA 14.PURTA DE MADERA 15.PORTADA DE ALUMINIO 16.PERFIL METÁLICO 17.FACHADA DE PIEDRA



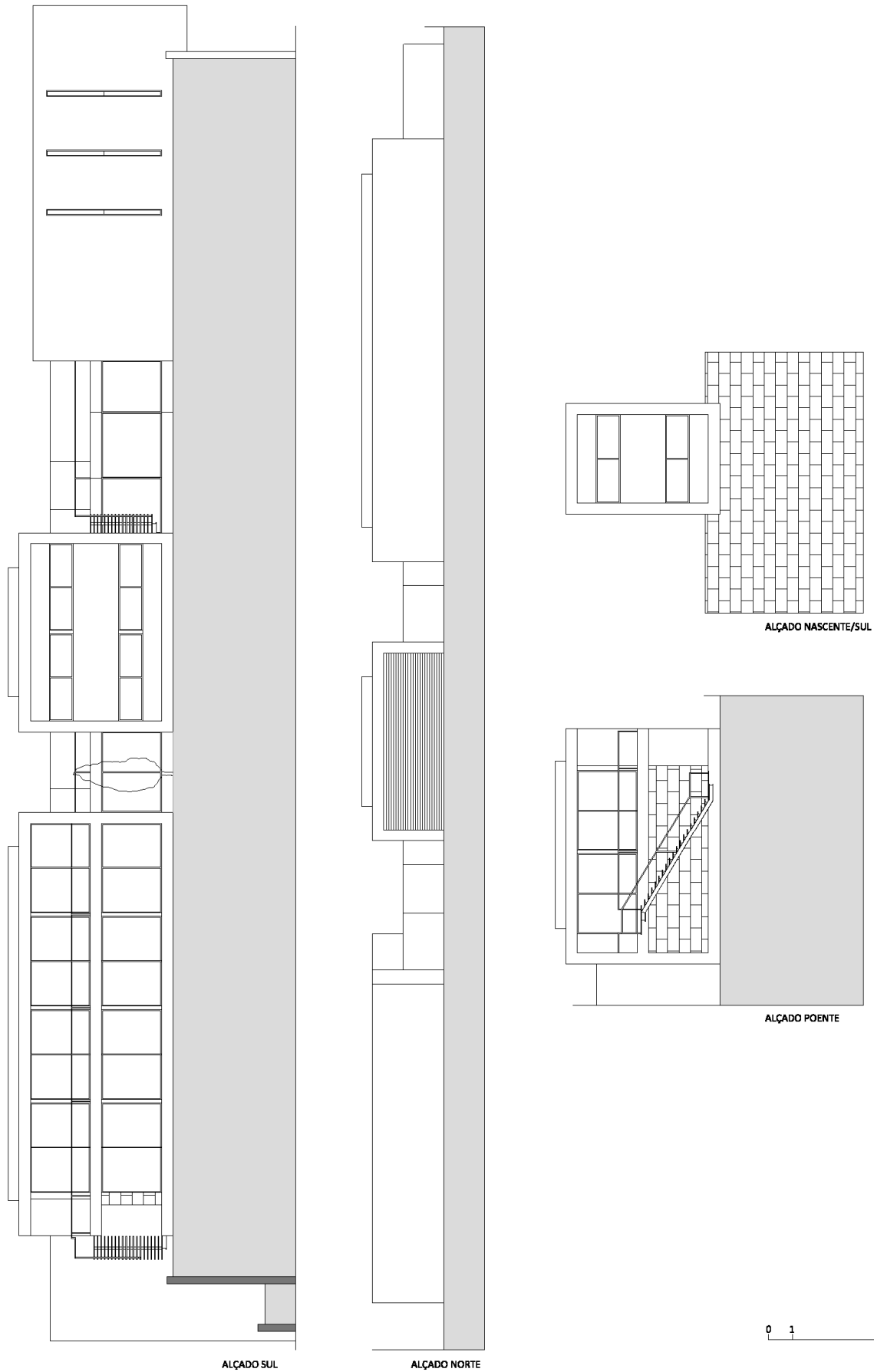
CORTE DD'



CORTE EE'

LEGENDA: 1.ACERO INOXIDABLE 2.CARPINTERIA DE ALUMINIO 3.PLANCHAS DE MADERA 4. SUPORTE PLANCHAS DE MADERA 5. PEIDRA 6.PERFIL METÁLICO 7.PAVIMENTO DE PIEDRA FLUTUANTE

0 1 5





Localização do terreno



PLANTA IMPLANTAÇÃO

LEGENDA: 1.RESTAURANTE/CAFETARIA 2.HOTEL 3.TEMPLEO MULTI-CONFESSIONAL 4. BIBLIOTECA 5.CENTRO DE ESTUDOS 6.GALERIA DE ARTE 7. SALÃO DE ACTOS/AUDITÓRIO 8. TEMPLEO MULTICONFESSIONAL



0 10 50

Centro de Alojamento e Cultura, Estella

O último exercício proposto em projecto foi na cidade de Estella, em Navarra, era para um programa de apoio a peregrinos no caminho de Santiago. Esta cidade espanhola faz parte do “Caminho Francês” percorrido pelos peregrinos a Santiago de Compostela vindos do norte da Europa desde o séc. IX. O terreno em questão encosta-se na margem do rio Ega, apresentando uma zona de lazer relvada em relação com este. No lado oposto da estrada de entrada na vila, pelos caminhos de peregrinos, temos uma encosta com o Convento de São Domingo no seu topo. Percebemos que a mais valia do terreno era a sua relação com o rio e no lado oposto a relação da encosta com o monte, pelo que não quisemos desvalorizar essa ligação. No entanto, o programa obrigou a tomar algumas opções de ocupação do terreno.

Decidi delimitar uma zona pública central no terreno, em contacto com o rio, lateralmente com um volume de um piso pertencente a um hotel criado e no lado oposto com uma galeria de exposições. No topo desta, ergue-se um volume cego, que acolhe um auditório. Paralelo à estrada, ergue-se o volume dos quartos, vazado à cota de entrada permitindo o acesso ao pátio verde. O centro de estudo fecha a rua até este volume, desenvolvendo-se em “U” à volta de um segundo pátio, mais íntimo. A entrada neste edifício faz-se por um cubo de dois pisos, no enfiamento do volume dos quartos do hotel, sendo que o segundo é a biblioteca.



Terreno e sua relação com o rio



Uma das entradas na vila, com o terreno em vista

Do outro lado da estrada, no canto oposto, ergue-se um segundo cubo encostado ao monte, com uma capela multi-confessional de reflexão para os peregrinos, desenvolvida numa segunda fase. Havendo então 3 programas diferenciados, a resposta volumétrica para cada um deles revela-se distinta mas a relação de implantação é clara.

O programa do hotel desenvolve-se em três pisos. O piso térreo engloba as áreas comuns, sendo que o restaurante abre para o espaço verde. Os dois pisos dos quartos, cada um com linguagem diferente, desenvolvem-se sobre o limite do terreno, mas sendo vazado no piso térreo, permite a permeabilidade desejada para o espaço verde e a sua relação com o rio. O primeiro piso acolhe quartos duplos e quádruplos e o segundo piso as camaratas. Estas camaratas têm instalações sanitárias comuns e não são divididas por quartos, funcionando como um espaço global compartimentado, permitindo a entrada de luz da fachada e da cobertura em todo o piso.

No enfiamento do volume dos quartos, a entrada no centro de estudos apresenta um amplo hall com uma livraria e um espaço de recepção, instalações sanitárias e um acesso à biblioteca. Este centro de estudos, no seguimento da estrada e fechado sobre esta desenvolve-se no sistema corredor/sala acolhendo os diferentes programas envolvendo o pátio já referido. No lado oposto da entrada do mesmo centro temos uma galeria de exposições temporárias e o acesso ao auditório. Este auditório permite um acesso atrás do palco a uma reggie e a duas salas de tradução.

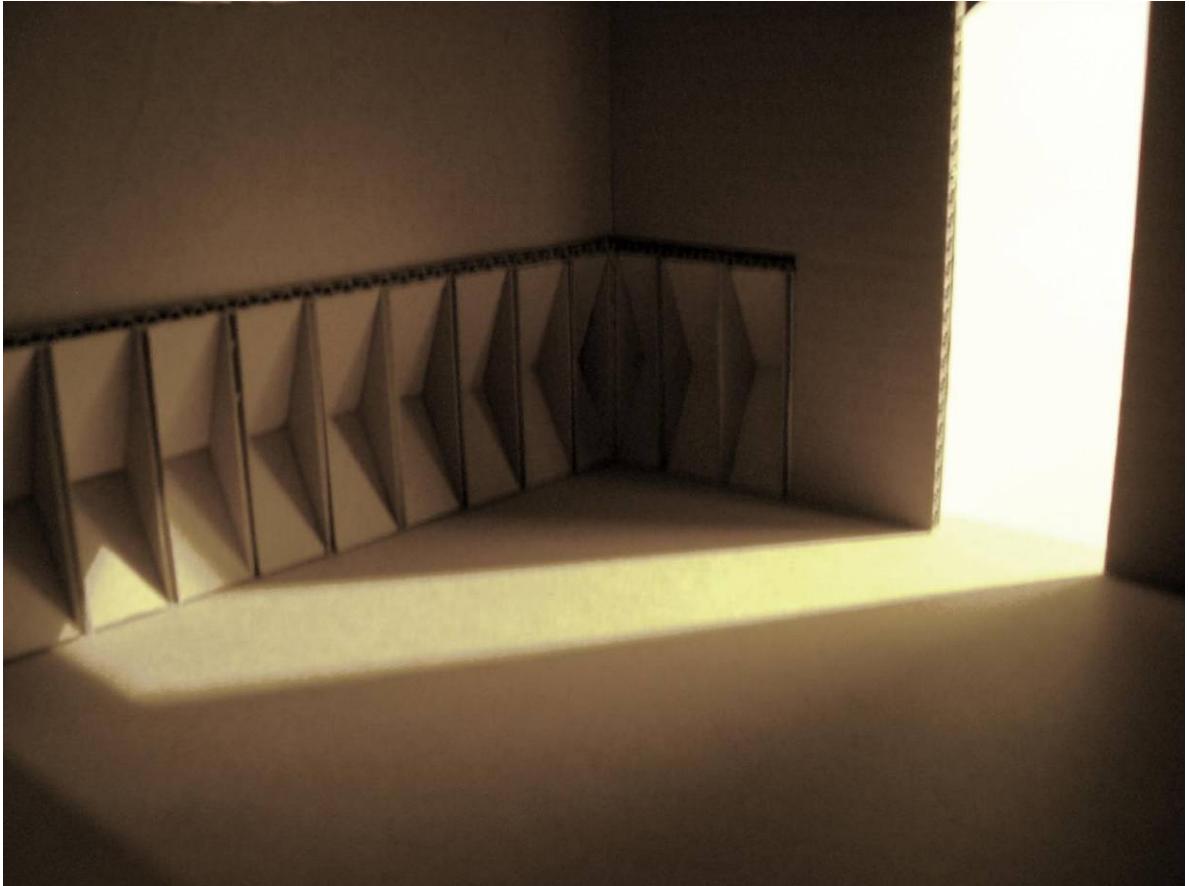


Maquete de conjunto



Maquete de conjunto

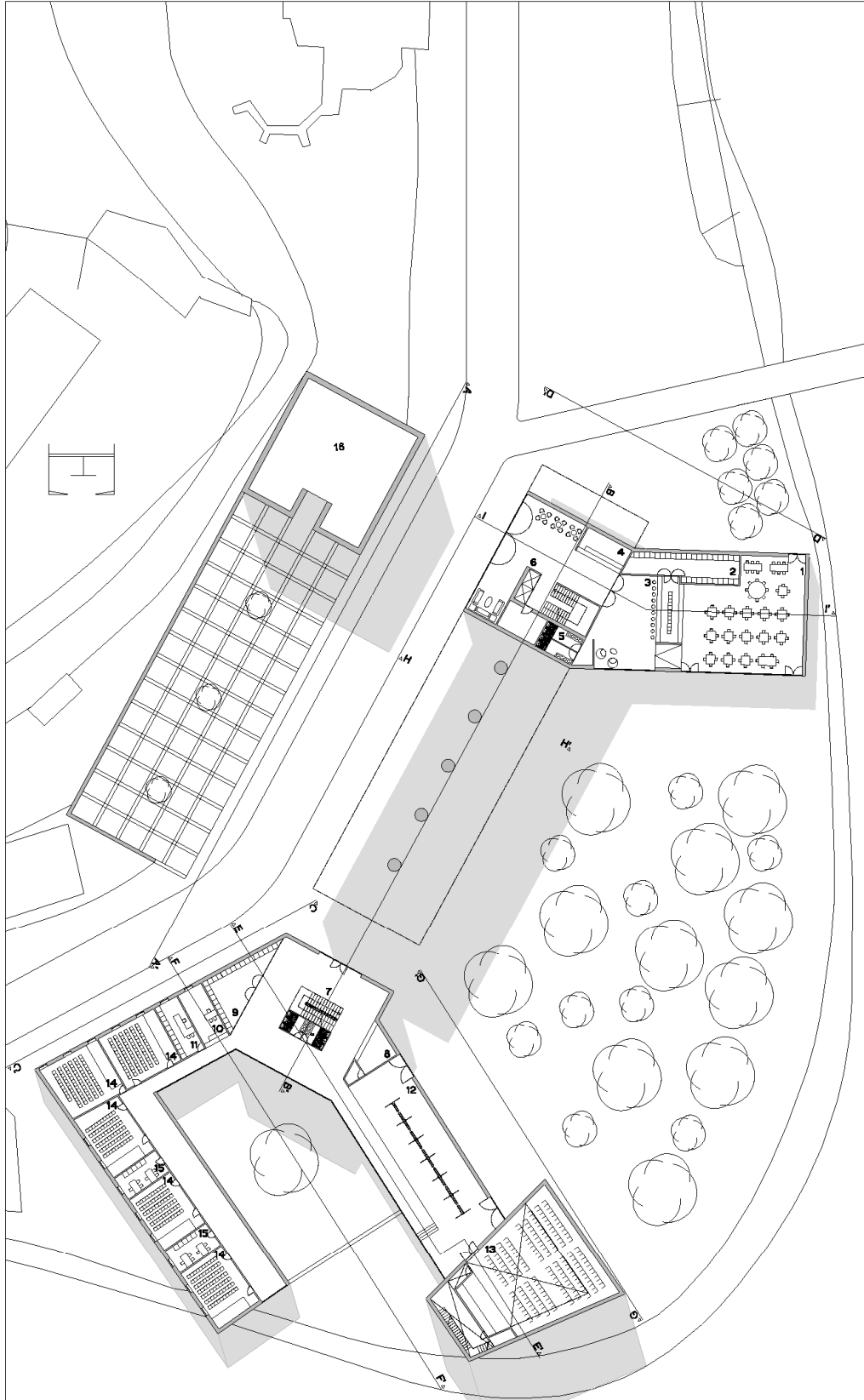
Por último, o templo multi-confessional desenvolvido numa segunda fase teria que ser um espaço de culto, amplo, vazio, com iluminação difusa. A opção foi encostar ao monte, de forma geométrica pura, com uma praça à sua frente sem desviar atenções para o edifício. No seu interior, aumentámos a expressão das paredes para acolher pequenos nichos de reflexão. Os vãos de expressões diferentes criam experiências de iluminação interior díspares e a iluminação na cobertura é escondida por uma estrutura metálica revestida a gesso cartonado que espalha a luz pelo espaço de uma forma mais disseminada.



Maquete interior do templo multi-confessional



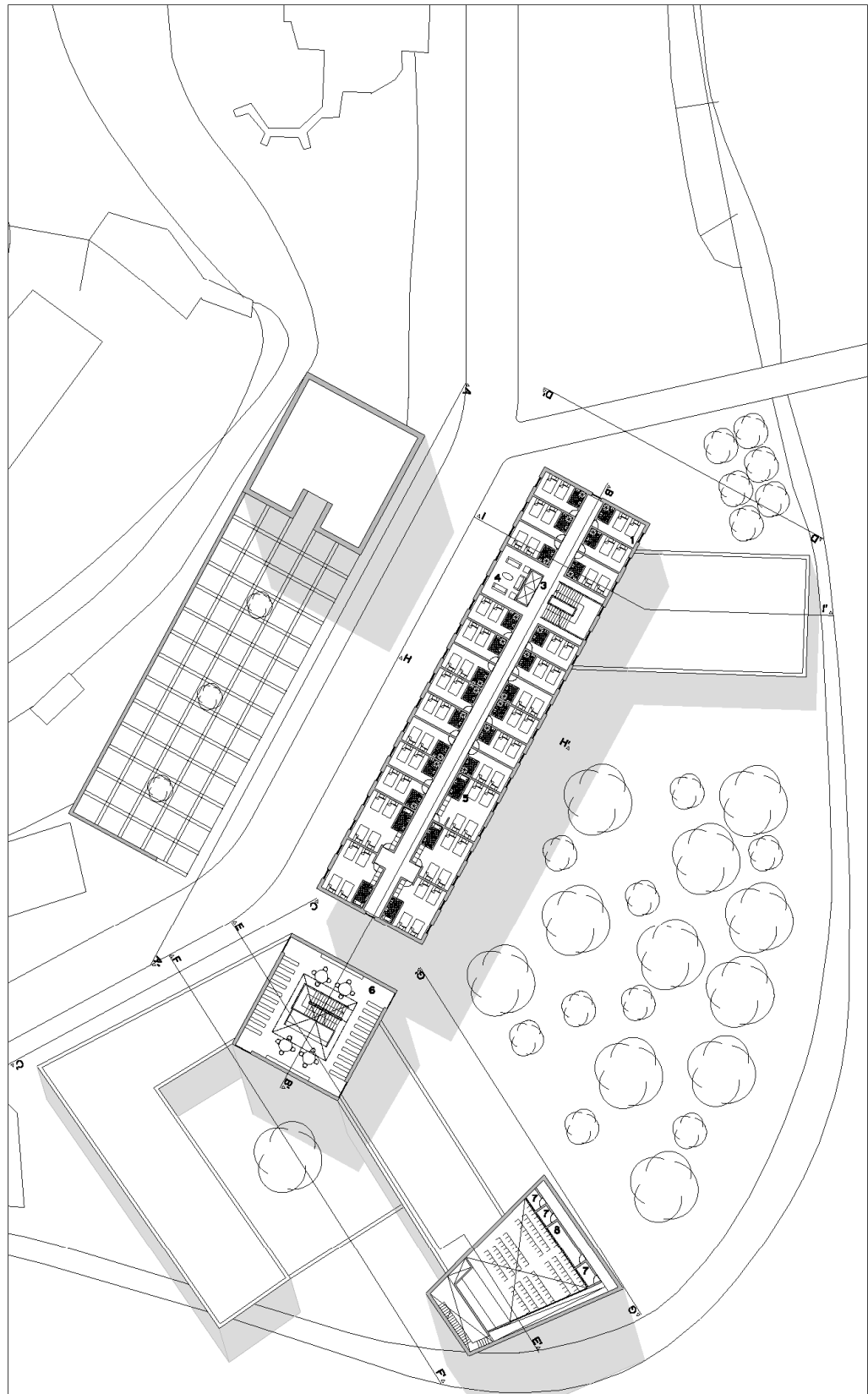
Maquete interior do templo multi-confessional



PISO 0

LEGENDA: 1.RESTAURANTE 2.COZINHA 3.CAFETERIA 4. RECEPÇÃO 5.INSTALAÇÕES SANITÁRIAS 6.HALL DE ENTRADA 7. HALL DE ENTRADA 8. RECEPÇÃO CENTRO DE ESTUDO 9. LIVRARIA 10.SECRETARIA 11.GABINETE ADMINISTRATIVO 12.GALERIA DE EXPOSIÇÕES 13. AUDITÓRIO 14.SALAS DE AULA 15 GABINETE 16. TEMPLO MULTICONFESSIONAL(DESENVOLVIDO EM SEGUNDA FASE)



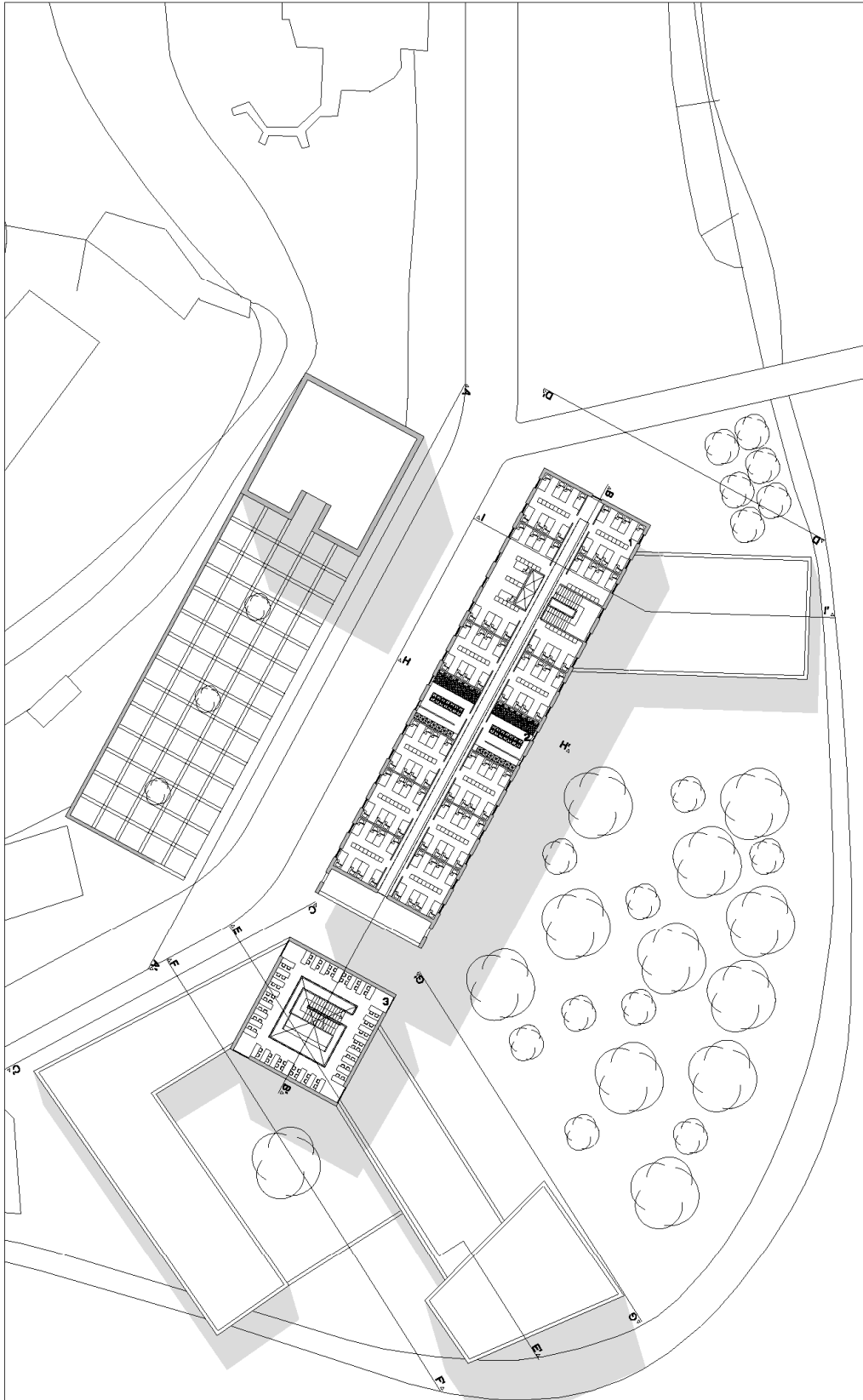


PISO 1

LEGENDA: 1.QUARTO DUPLO 2.INSTALAÇÃO SANITÁRIA 3.ELEVADORES 4. SALA DE ESTAR 5.QUARTO QUADRUPLO 6.BIBLIOTECA 7. SALA DE TRADUÇÃO SIMULTANEA 8. SALA DE PROJEÇÃO



0 5 20

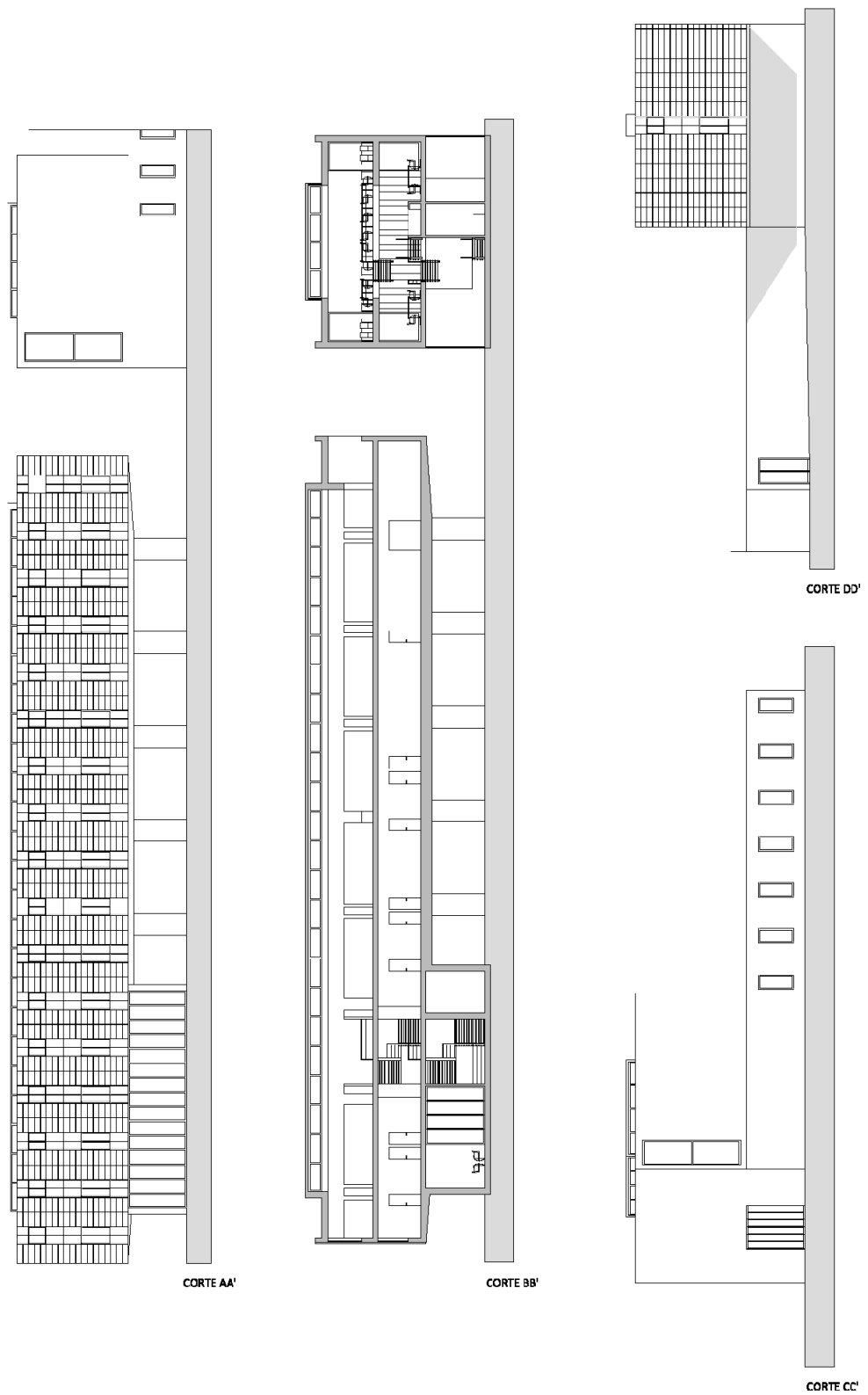


PISO 2

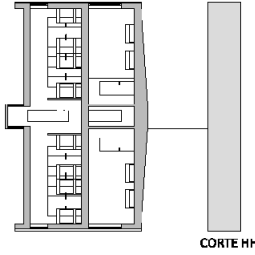
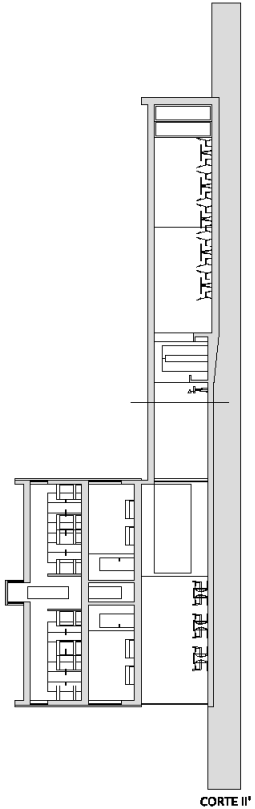
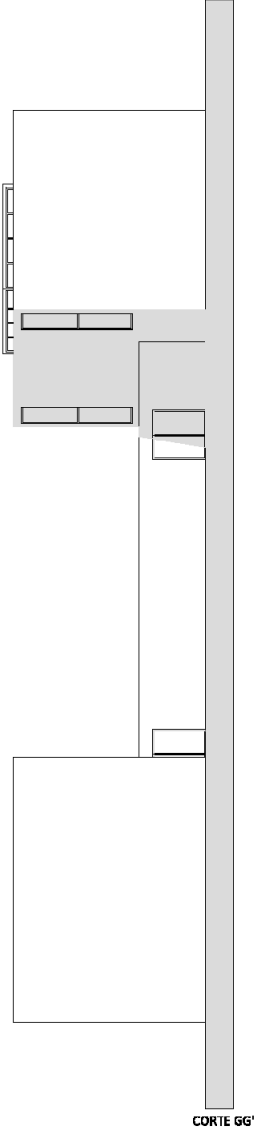
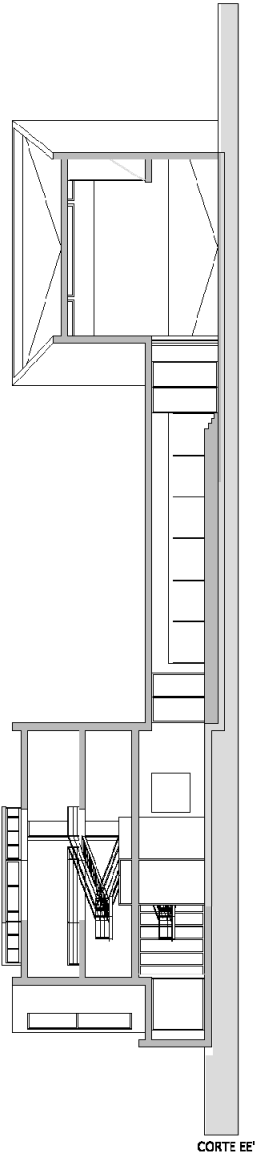
LEGENDA: 1.CAMARATAS 2.INSTALAÇÃO SANITÁRIA 3.BIBLIOTECA

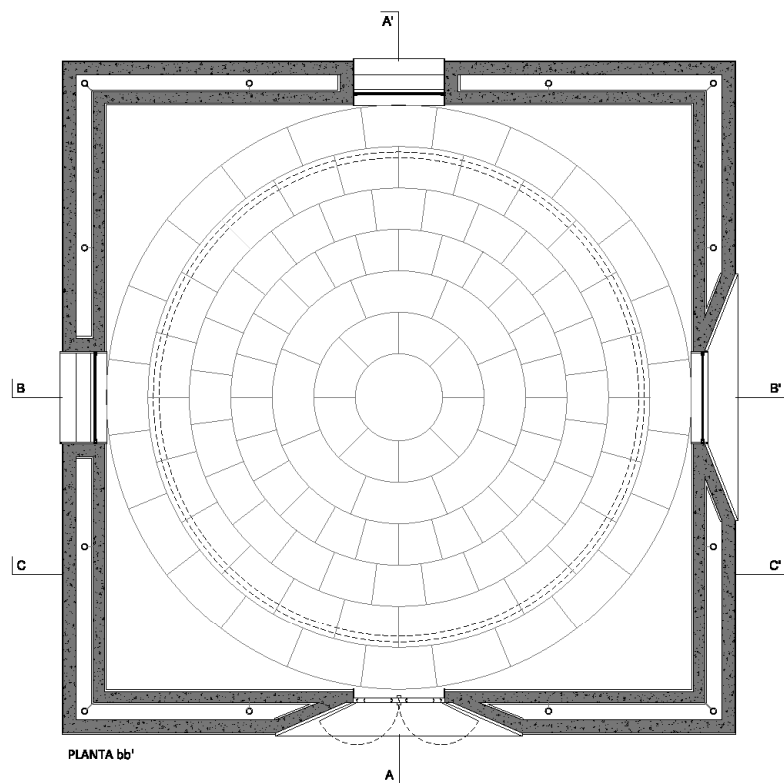
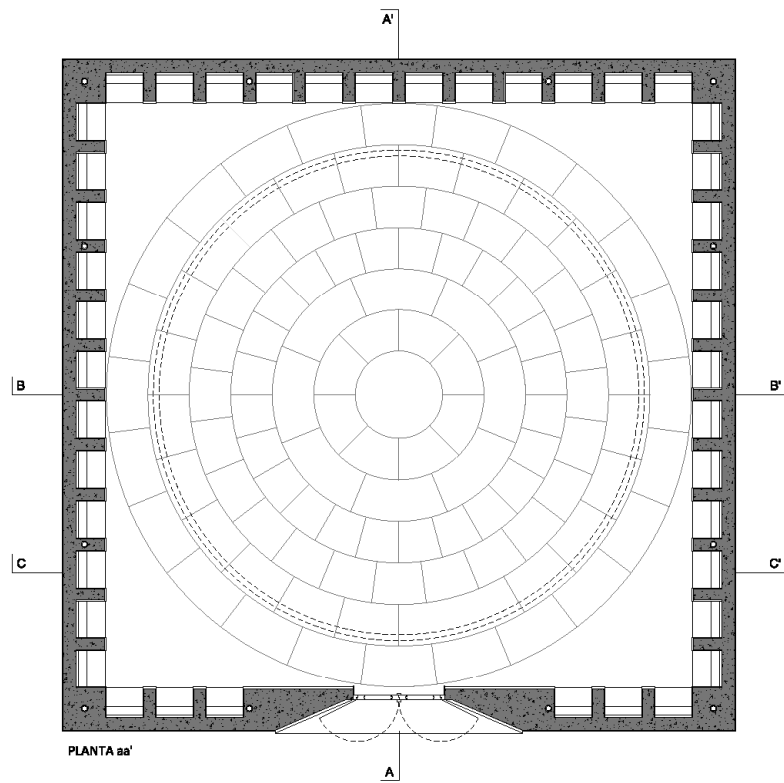


0 5 20



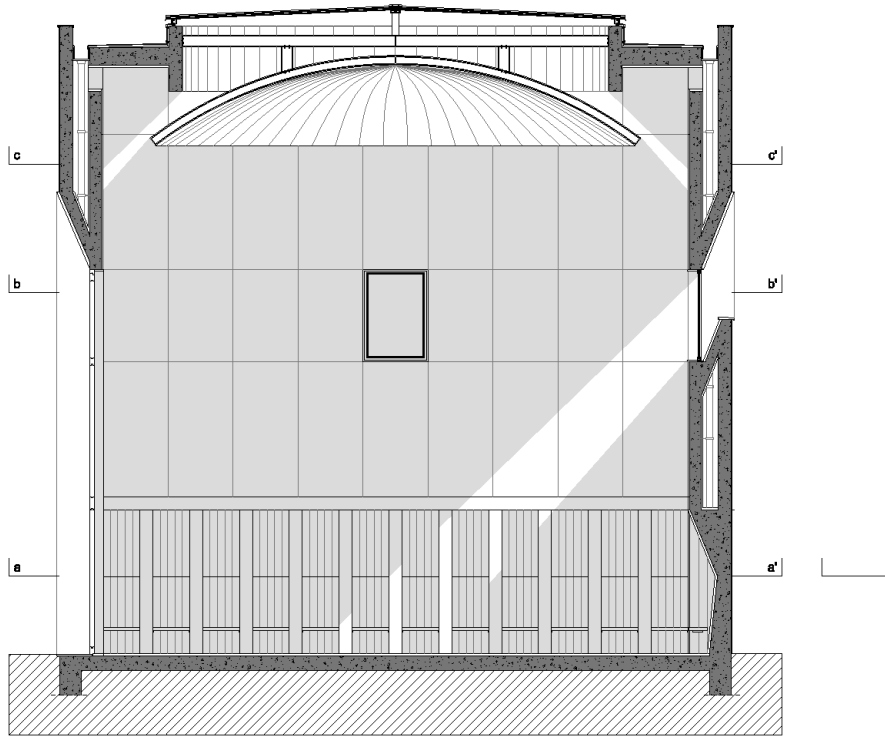
0 1 10



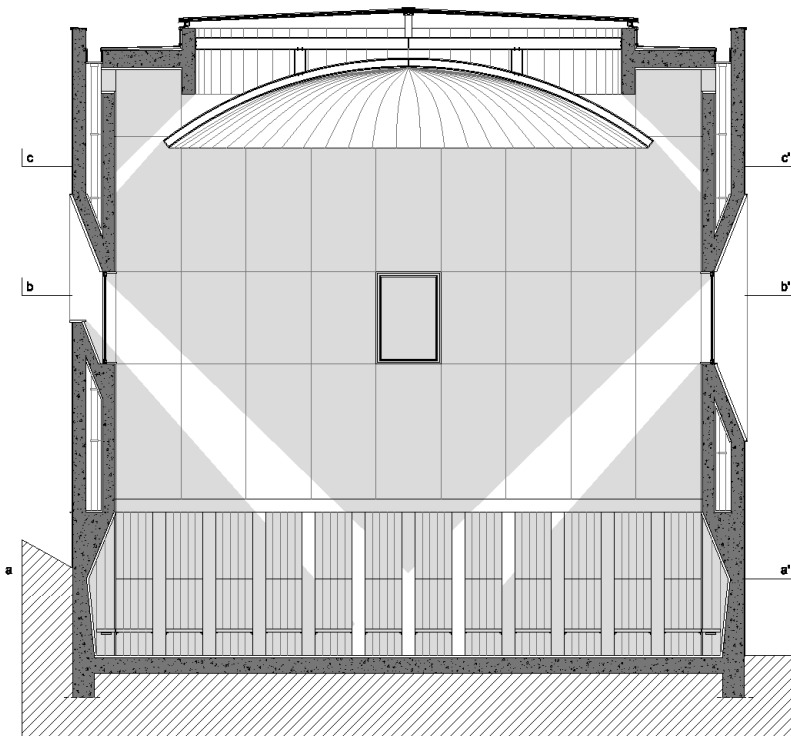


0 1 5

Plantas do templo multi-confessional (fase 2)



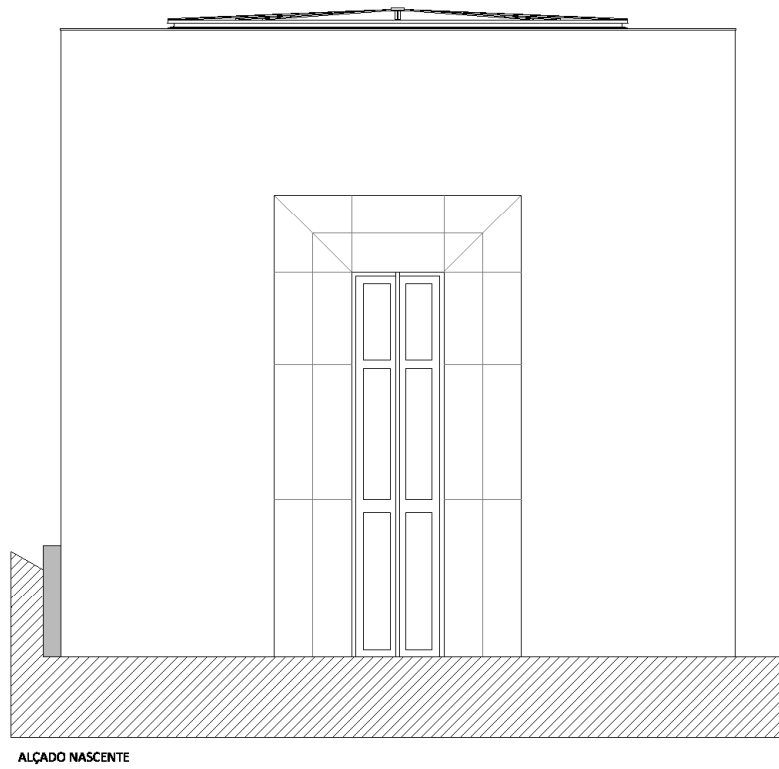
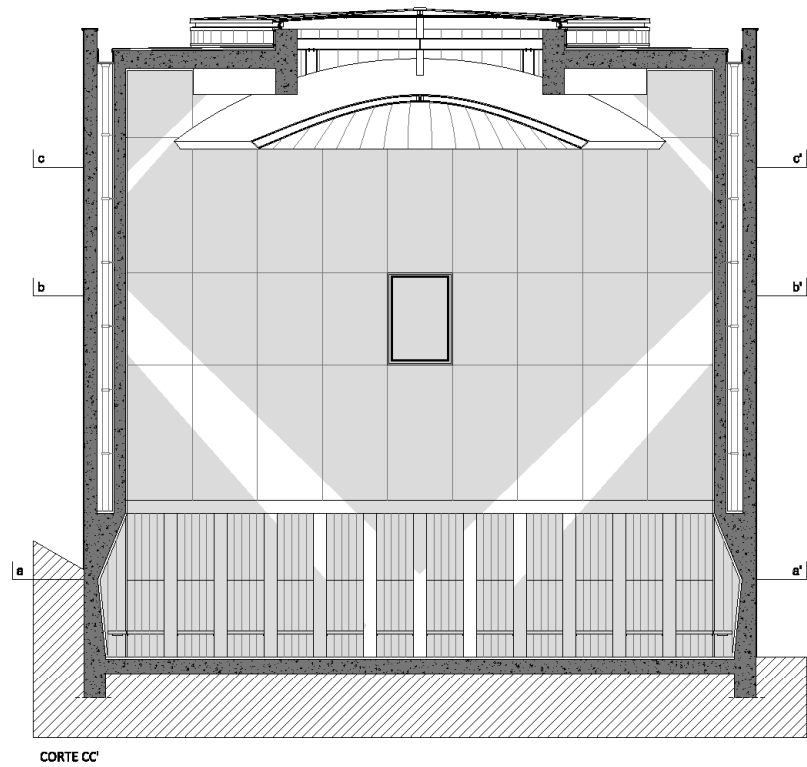
CORTE AA'



CORTE BB'

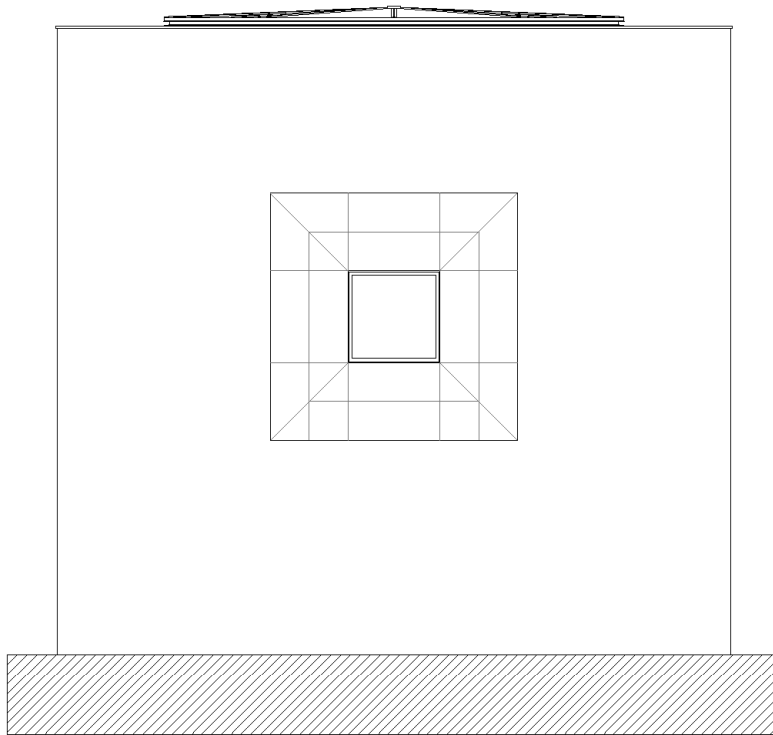
0 1 5

Cortes do templo multiconfessional (fase 2)

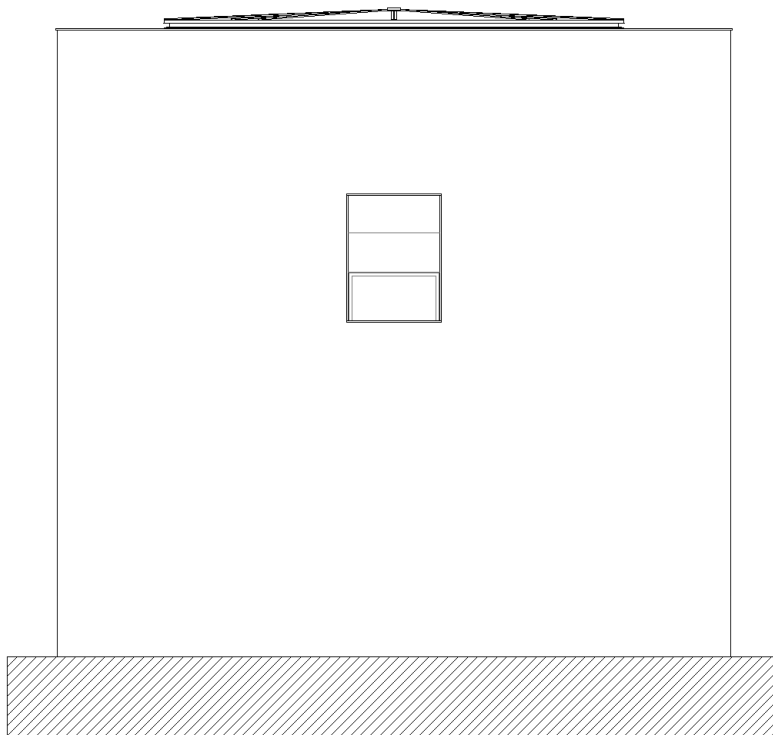


0 1 5

Corte e Alçado do templo multiconfessional (fase 2)



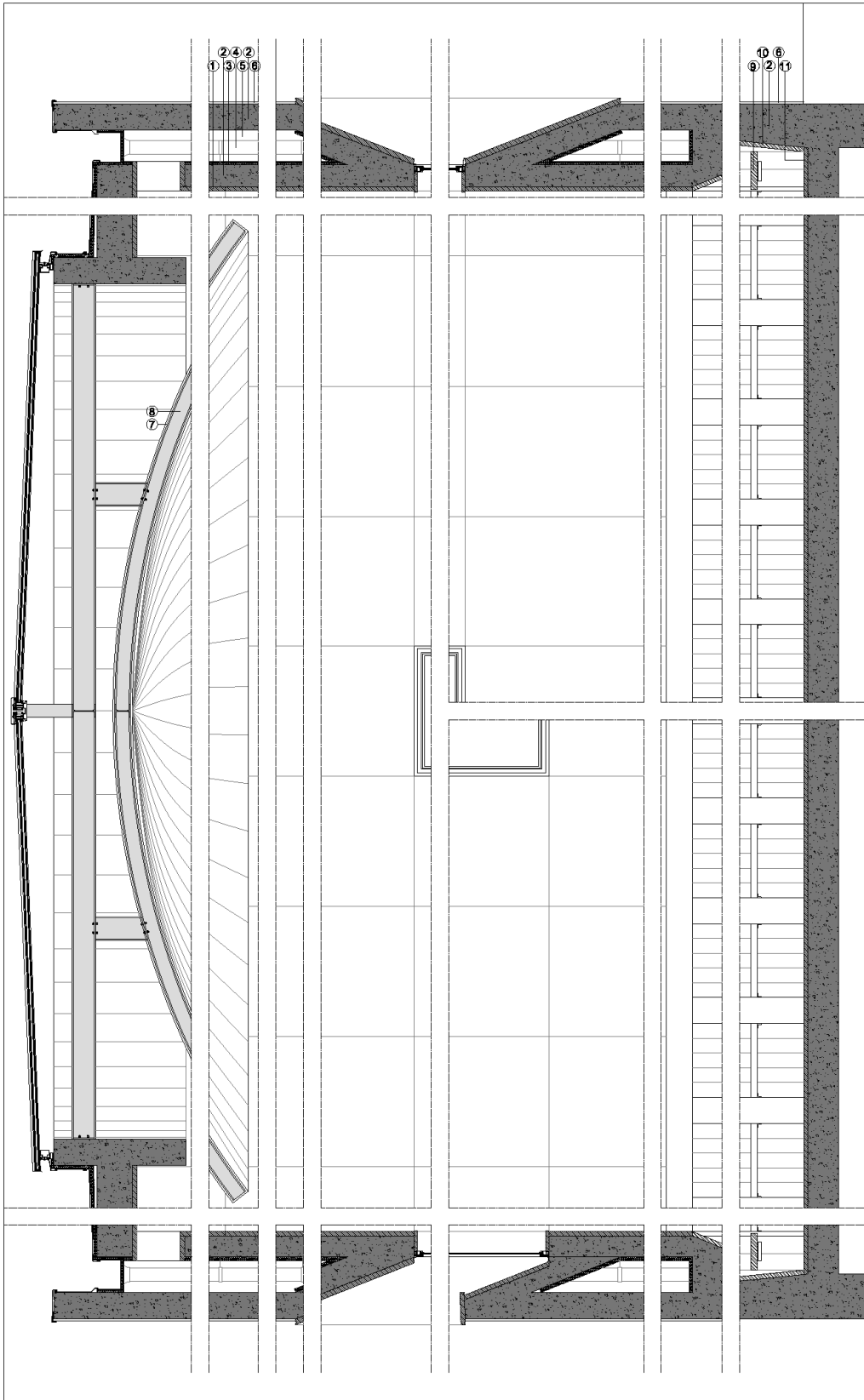
ALÇADO NORTE



ALÇADO POENTE

0 1 5

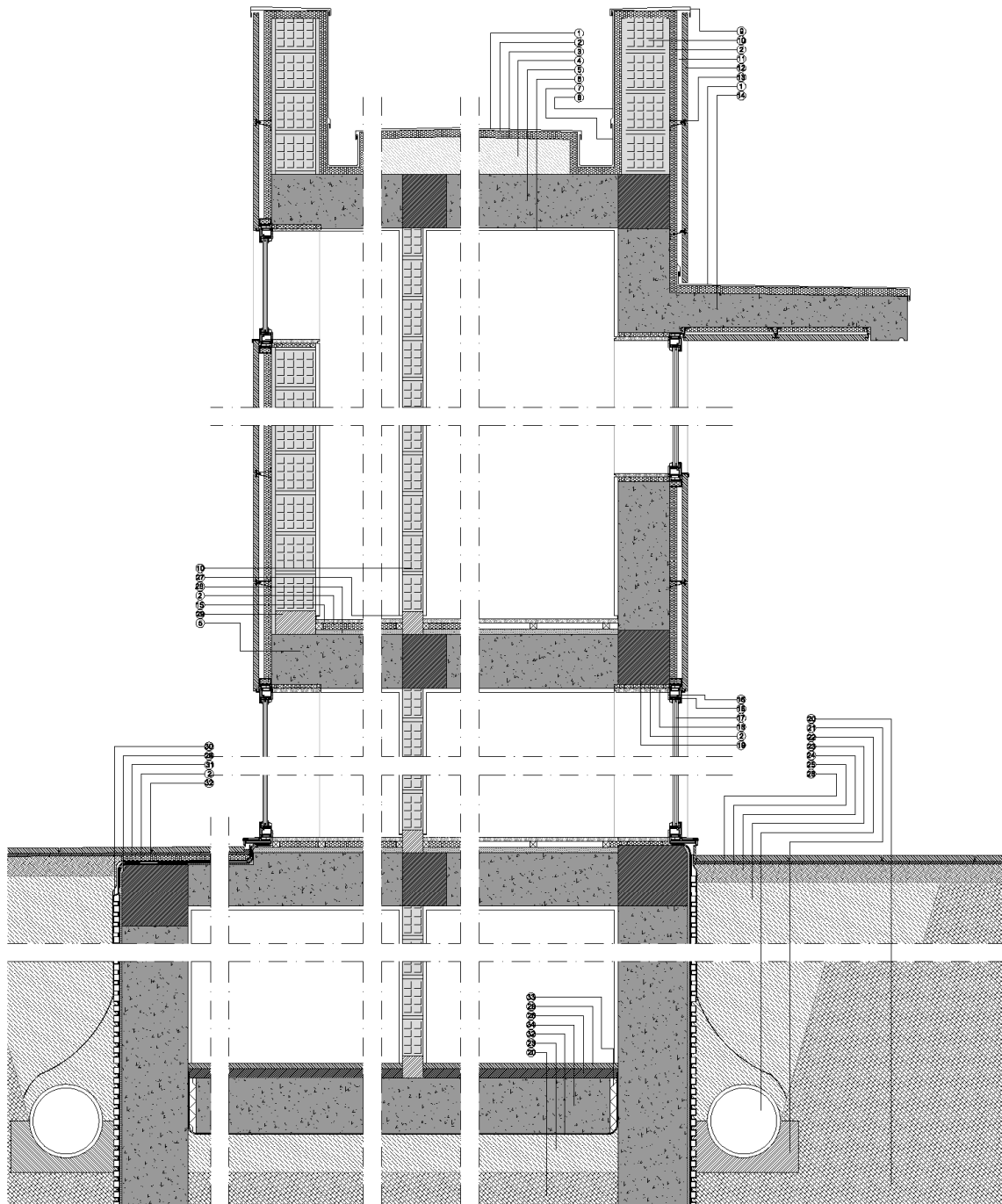
Corte e Alçado do templo multiconfessional (fase 2)



CORTE BB'

LEGENDA: 1.PEDRA POLIDA 2.BETÃO ARMADO 3.ISOLAMENTO TÉRMICO 4. TUBO DE QUEDA DE ÁGUA 5.CAIXA DE AR 6.REVOCO 7. GESSO CARTONADO 8.VIGA METÁLICA
9.BANCO EM MADEIRA 10.REVESTIMENTO EM MADEIRA 11.PAVIMENTO DE PEDRA

0 0,5 2



LEGENDA: 1.COBERTURA DE ZINCO 2. AISLAMIENTO TÉRMICO 3. PINTURA HIDRÓFUGA 4. HORMIGÓN LEVE COM PENDIENTES. FORJADO DE HORMIGÓN 5. REVOCO 7. CANALON 8. PIEZA DE PROTECCION DE CHAPA DE ZINCO 9. VERTEAGUAS DE CHAPA DE ZINCO 10. PAREDE DE LADRILLO 11. CAIXA DE AIRE 12. LOSAS DE PIEDRA 13. PIEZA DE SUPORTE DEL APACADO DE PIEDRA 14. "PALA" DE HORMIGÓN 15. CARPINTERIA DE ALUMÍNIO 16.VIDRIO 17. PIEZA DE REMATE DE MADERA 18. VIGA DE HORMIGÓN 19. TERRENO NATURAL. 20. CAMA DE MORTERO 21. TUBO DE DRENAGE DE PVC 22.GRAVA 23. BASE ESPLANADA Y COMPACTADA 24. CAPA DE MORTERO DE CEMENTO 25.LOSAS DE PIEDRA 26. RODAPIÉS EN ACERO INOXIDÁVEL 27. RASEO DE MORTERO 28. PIEZA PARA SUPORTE DEL RODAPIÉS 29. LAMINA DE POLIETILENO RÍGIDO COM CUBILETES 30. DOBLE LAMINA IMPERMIABILIZANTE 31.GEOTEXIL 32. JUNTA DE DILATACIÓN DE POLIEXPAN 33. BASE DE HORMIGÓN

0 0,5 1

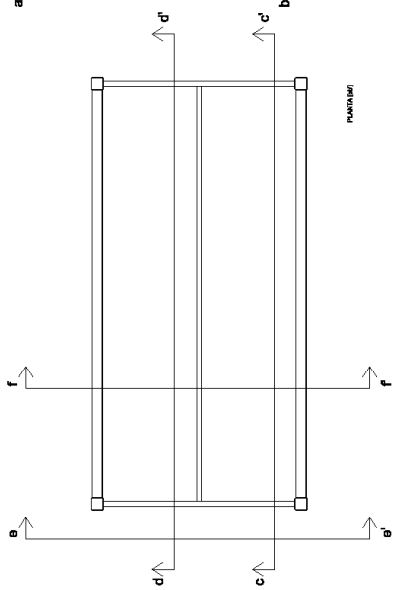
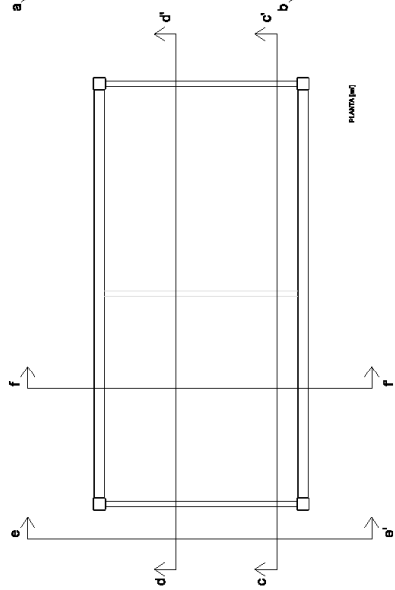
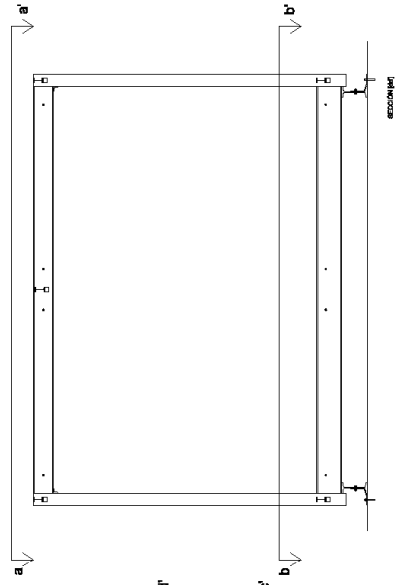
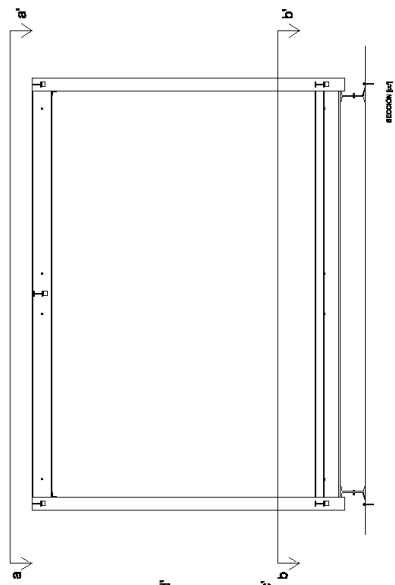
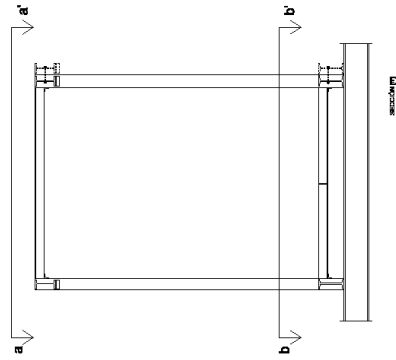
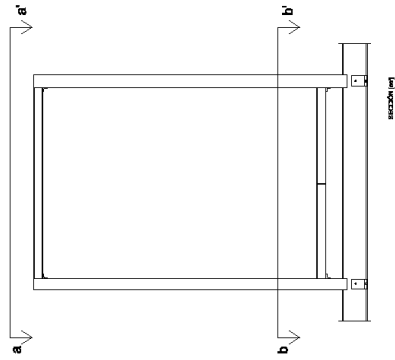
Corte "tipo" para a disciplina de Análise Construtiva

Quiosque de rua

A aprendizagem das soluções construtivas e a resposta a cada projecto na UPV/EHU era totalmente independente da cadeira de Projecto. Uma das cadeiras leccionada tinha o nome de “análise construtiva” e baseava o seu programa na análise intensiva de pormenores e soluções construtivas à escala 1/5. Apesar de bastante útil na solução pontual dos problemas construtivos, considero negativa a prestação desta cadeira no percurso de um aspirante a arquitecto. Esta análise era sistemática e raramente relacionada com o projecto no seu todo. Raramente conhecíamos algo mais do projecto além do pormenor base da cobertura ou do contacto com o solo. Não havia integração com o projecto, e a resolução era meramente técnica abandonando claramente as possíveis opções no percurso do mesmo. Valia por si só: Saber como resolver o remate de um pavimento de madeira com uma soleira em chapa metálica ou de uma cobertura em vidro com as paredes era o tema e objecto desta cadeira.

Seguiu-se, no entanto, uma segunda cadeira de construção, também anual, mais aproximada do que estava habituado no d'ARQ. Aqui partíamos de um projecto desenvolvido anteriormente e explorávamos a vertente construtiva numa primeira fase. O segundo exercício era de raiz, partindo de uma hipótese simples de projecto.

Foi-nos colocado o desafio que fizéssemos um pequeno quiosque que poderia ter um programa variado, não definido nesta fase, considerando por isso o seu interior vazio. A sua localização também não era definida, podendo optar por escolher um local específico ou

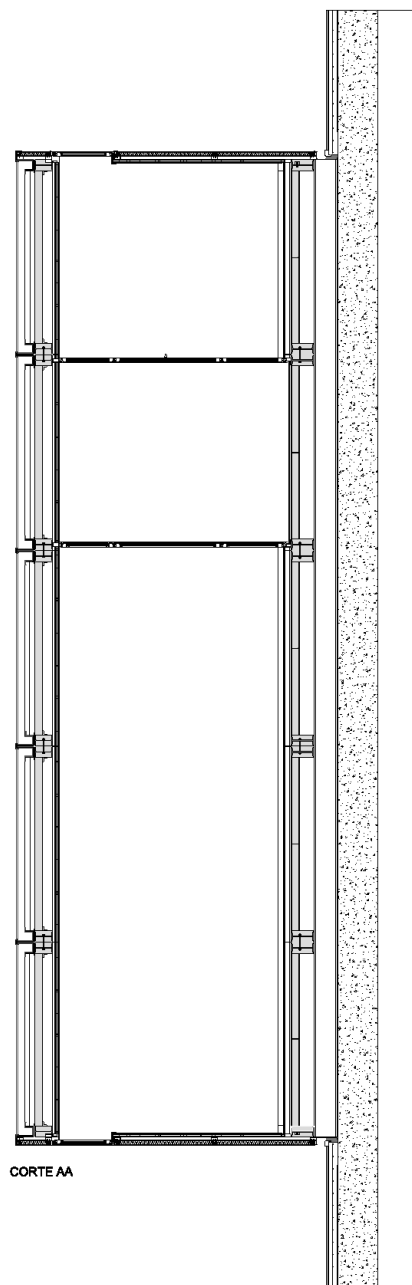


fazer um exercício que se poderia reproduzir por vários pontos da cidade. Perante estas premissas, pareceu-me interessante explorar a possibilidade de pré-fabricação do mesmo, permitindo uma rápida execução em obra, mas também uma flexibilidade suficiente para aumentar ou diminuir a sua área conforme as necessidades ou condições do espaço existente.

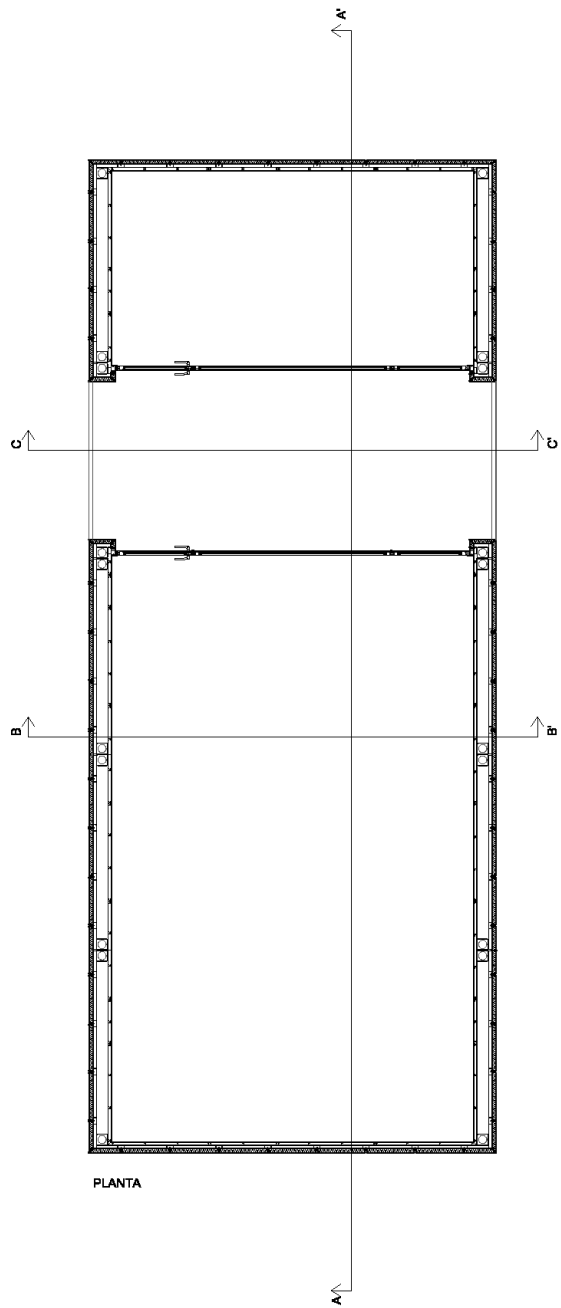
Criei um módulo em estrutura metálica, que poderia ser ligado a outros módulos idênticos. Este módulo era revestido a painel sanduíche de alumínio pelo exterior e a gesso cartonado no interior. Cada módulo tem uma cobertura independente e a drenagem de águas pluviais era feita através dos tubulares metálicos sendo estes os pilares da estrutura.

A ligação entre módulos era feita através de parafusos e no fim de terminada era aplicado um rufo em todo o perímetro para revestimento da cobertura. Estes módulos eram assentes em dois perfis metálicos cujo comprimento variava conforme o número de módulos a aplicar. Neste exemplo aplicou-se um total de 5 módulos, um deles exterior mas coberto que permite o acesso a dois espaços interiores de diferentes dimensões.

Os revestimentos exteriores e interiores também eram montados em fábrica, sendo que apenas nos pontos de ligação entre módulos eram aplicados na hora. Todos os módulos eram assentes em duas vigas a todo o comprimento do volume e aparafusados entre si.

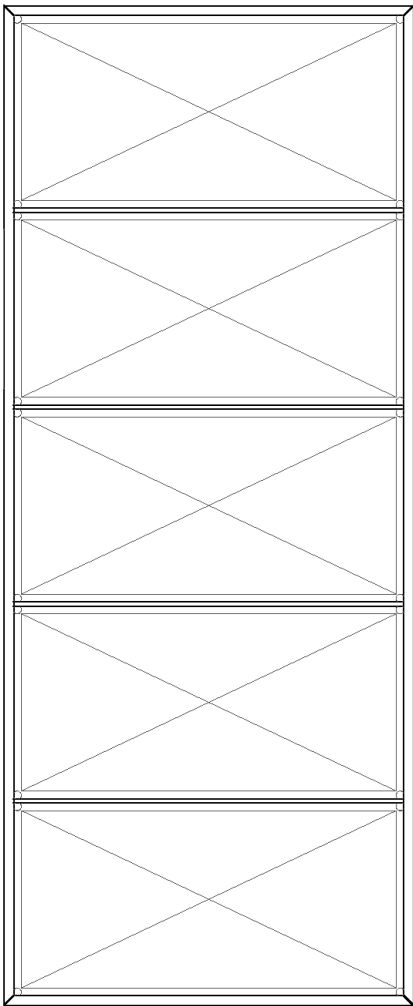


CORTE AA

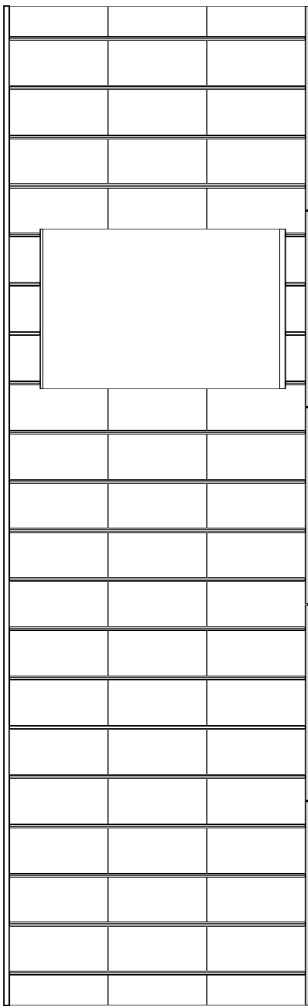


PLANTA

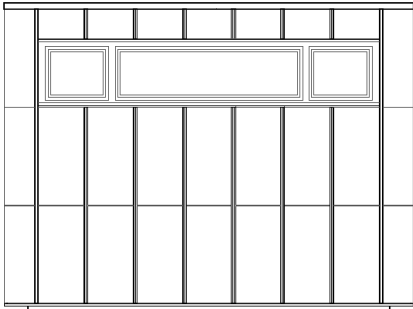
0,2 1



PLANTA CUBIERTAS

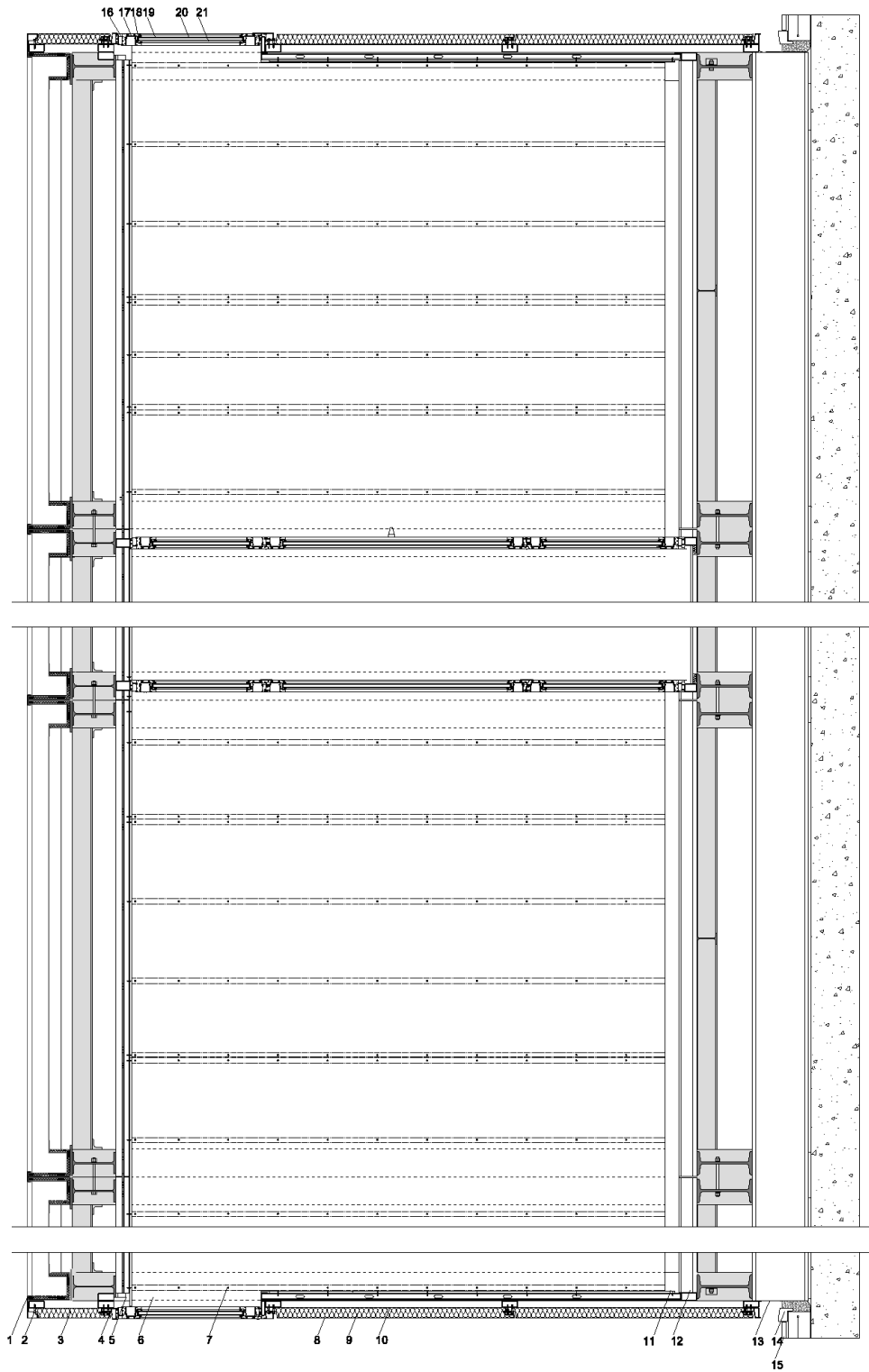


ALZADO LATERAL



ALZADO TOPO

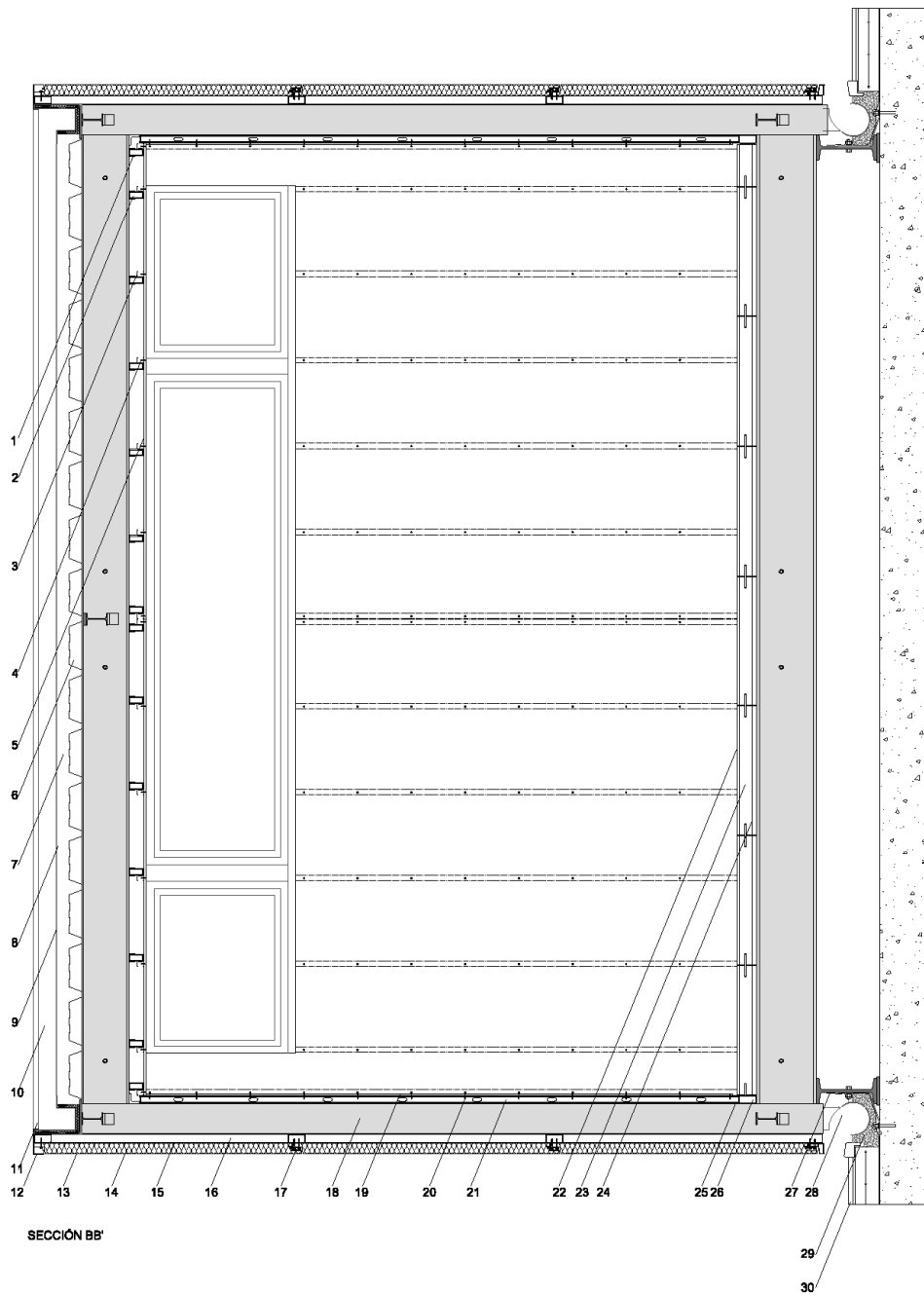
0,2 1



SECCIÓN AA*

- 1- PIEZA METÁLICA REMATE SUPERIOR CANALÓN 2- TORNILLO FIJACIÓN PIEZAS DE FACHADA 3- PIEZAS "PLUS PERFRISA" DE FACHADA 4- PIEZA FIJACIÓN DE FACHADA 5- ESTRUCTURA PRIMARIA DE PLADUR DE ACABADO INTERIOR 6- MONTANTE ESTRUCTURA SECUNDARIA DE PLADUR 7- TORNILLO DE FIJACIÓN DE PLACAS PLADUR 8- PLACA METÁLICA DE PIEZAS DE FACHADA 9- AISLAMIENTO TÉRMICO 10- PLACA METÁLICA DE PIEZAS DE FACHADA 11- RODAPIÉ MADERA 12- "METABLOCK BILCO" DE ACABADO SUELO 13- MEMBRANA IMPERMEABILIZANTE 14- DRENEJE 15- SOLERA 16- PREMARCO DE CARPINTERÍA 17- VENTANA 18- PIEZAS DE FIJACIÓN DE VIDRIO CLIMALIT 19- VIDRIO 18 MM 20- CÁMARA DE AIRE 8 MM 21- VIDRIO 18 MM

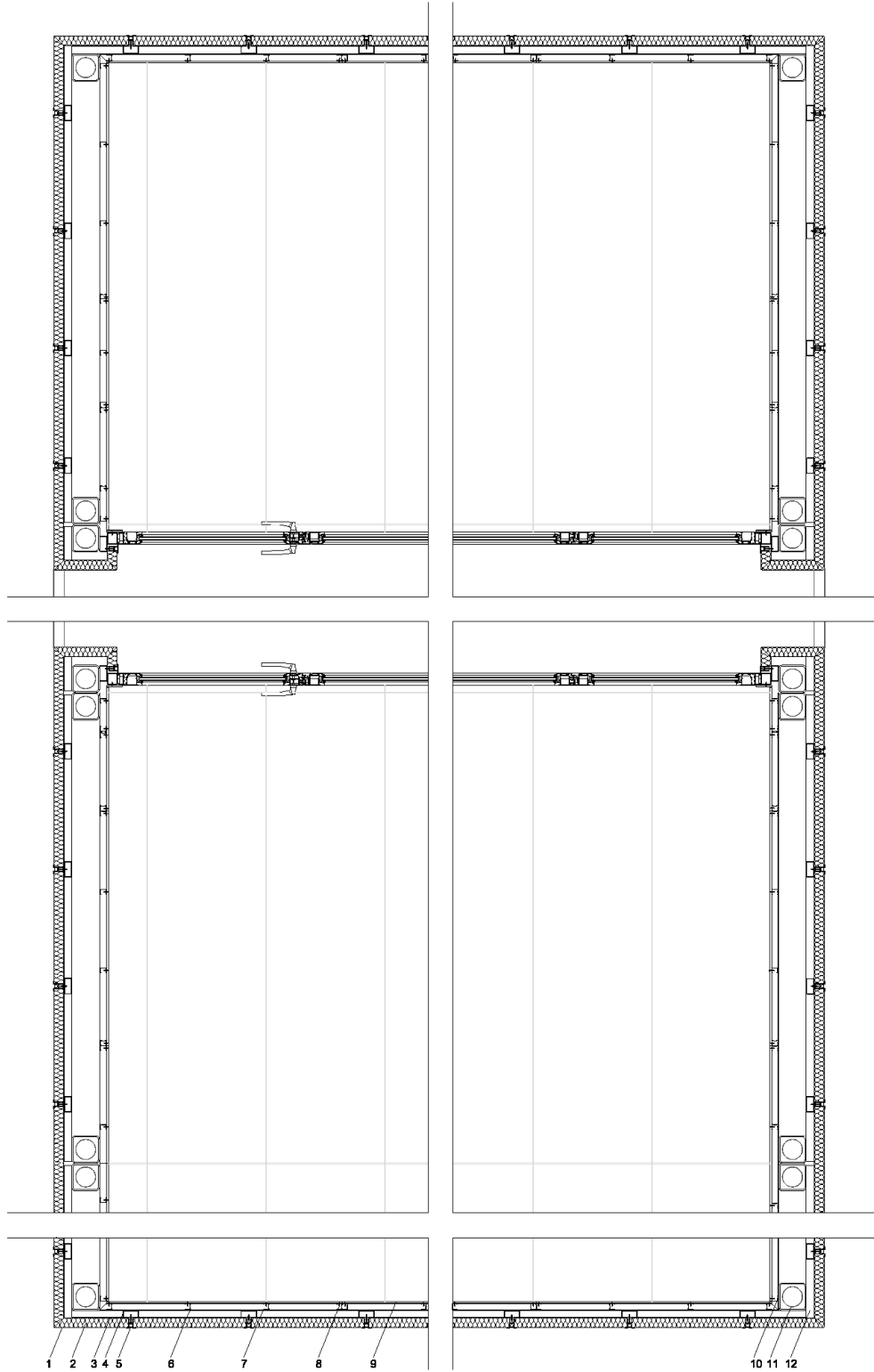
0 0,1 0,5



SECCIÓN BB'

- 1- ESTRUCTURA PRIMARIA DE PLADUR ACABADO INTERIOR 2- ESTRUCTURA SECUNDARIA DE PLADUR 3- OMEGA PARA FIJACIÓN DE PLADUR 4- TORNILLO DE FIJACIÓN DE PLADUR 5- PLACA DE PLADUR/PIEZA CANALÓN 6- CHAPA METÁLICA DE PIEZA "ACH DECK ACERALIA" DE CUBIERTA 7- AISLAMIENTO TÉRMICO (PIEZA "ACH DECK ACERALIA" DE CUBIERTA) 8- CHAPA METÁLICA DE PIEZA "ACH DECK ACERALIA" DE CUBIERTA 9- DOBLE TELA ASFÁLTICA (PIEZA DE CUBIERTA Y REMATE DE CANALÓN) 10- PIEZA DE CANALÓN 11- PIEZA DE REMATE SUPERIOR DE CANALÓN 12- PIEZA DE REMATE SUPERIOR DE FACHADA 13- CHAPA METÁLICA DE PANELES DE FACHADA 14- AISLAMIENTO TÉRMICO DE PANELES PLUS PERFRISA DE FACHADA 15- CHAPA METÁLICA DE PANELES DE FACHADA 16- RASTREL DE FACHADA 17- PIEZA DE FIJACIÓN DE PANELES DE FACHADA 18- ESTRUCTURA METÁLICA DEL MÓDULO 19- PLACA DE PLADUR 20- TORNILLO DE FIJACIÓN DE PLADUR 21- MONTANTE VERTICAL DE FIJACIÓN DE PLADUR 22- MADERA DE ACABADO SUPERFICIAL DE "METABLOCK BILCO" 23- AISLAMIENTO TÉRMICO INTERMEDIO DE "METABLOCK BILCO" 24- AGLOMERADO DE MADERA INFERIOR DE "METABLOCK BILCO" 25- ESTRUCTURA PRIMARIA DE PLADUR DE ACABADO INTERIOR 26- RASTREL DE FIJACIÓN DE ESTRUCTURA PRIMARIA DE PLADUR 27- MEMBRANA IMPERMEABILIZANTE 28- BAJANTE Y CANALIZACIÓN DE PLUVIALES 29- DRENJE 30- SOLERA

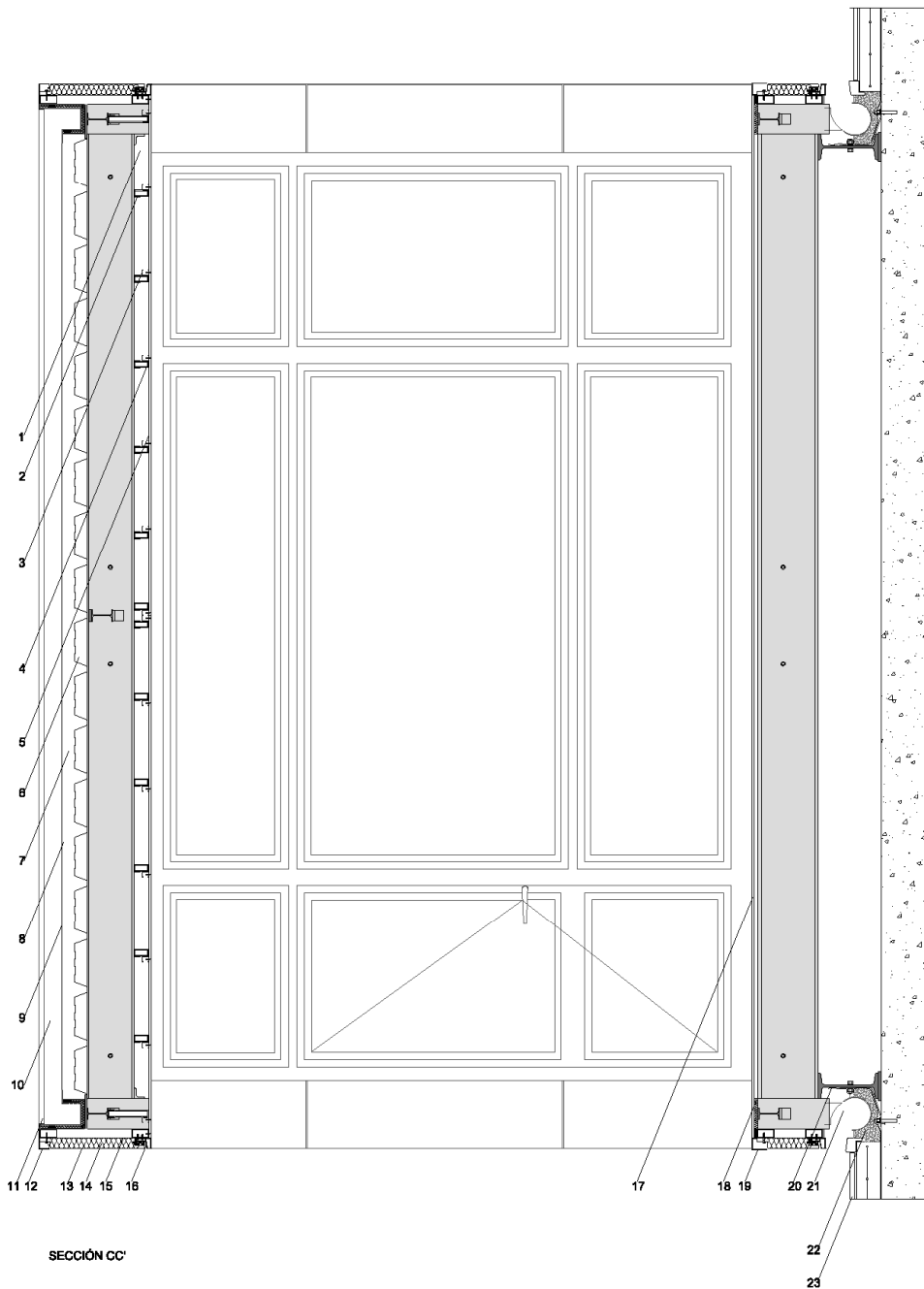
0 0,1 0,5



PLANTA

- 1- CHAPA METÁLICA DE PIEZA ESQUINA DE FACHADA 2- AISLAMIENTO TÉRMICO DE PIEZA DE FACHADA 3- CHAPA METÁLICA DE PIEZA DE FACHADA 4- RASTREL METÁLICO PARA FIJACIÓN DE FACHADA 5- PIEZA DE JUNTA DE FACHADA 6- ESTRUCTURA PRIMARIA DE PLADUR 7- MÓNTANTE ESTRUCTURA SECUNDARIA PLADUR 8- TORNILLO PARA FIJACIÓN DE PLACAS PLADUR 9- PLACA PLADUR ACABADO INTERIOR 10- PERFIL METÁLICO CON BAJANTE PLUVIALES EN EL INTERIOR 11- BAJANTE PLUVIALES 12- RASTREL METÁLICO DE FIJACIÓN DE FACHADA

0 0,1 0,5



SECCIÓN CC'

- 1- ESTRUCTURA PRIMARIA DE PLADUR ACABADO INTERIOR 2- ESTRUCTURA SECUNDARIA DE PLADUR 3- OMEGA PARA FIJACIÓN DE PLADUR 4- TORNILLO DE FIJACIÓN DE PLADUR 5- PLACA DE PLADUR/PIEZA CANALÓN 6- CHAPA METÁLICA DE PIEZA "ACH DECK ACERALIA" DE CUBIERTA 7- AISLAMIENTO TÉRMICO PIEZA "ACH DECK ACERALIA" DE CUBIERTA 8- CHAPA METÁLICA DE PIEZA "ACH DECK ACERALIA" DE CUBIERTA 9- DOBLE TELA ASFÁLTICA (PIEZA DE CUBIERTA Y REMATE DE CANALÓN) 10- PIEZA DE CANALÓN 11- PIEZA DE REMATE SUPERIOR DE CANALÓN 12- PIEZA DE REMATE SUPERIOR DE FACHADA 13- CHAPA METÁLICA DE PANELES DE FACHADA 14- AISLAMIENTO TÉRMICO DE PANELES "PLUS PERFRISA" DE FACHADA 15- CHAPA METÁLICA DE PANELES DE FACHADA 16- PIEZA DE FIJACIÓN DE PANELES DE FACHADA 17- PLANCHA METÁLICA DE PAVIMENTO 18- AISLAMIENTO ACUSTICO 19- PIEZA DE REMATE 20- MEMBRANA IMPERMEABILIZANTE 21- BAJANTE Y CANALIZACIÓN DE PLUVIALES 22- DRENJE 23- SOLERA

0 0,1 0,5

APROXIMAÇÃO À REALIDADE

Em entrevista de grupo realizada para um documentário sobre o SIRUM (Seminário Internacional de Reabilitação Urbana no Mindelo), recordo-me de o Prof. Walter Rossa dizer: “É uma questão fundamental, do ponto de vista pedagógico, levar estudantes de arquitectura ao terceiro mundo” e “complementar a formação com experiências deste tipo é fundamental porque os alunos[...] nunca mais voltarão a ser os mesmos”¹ Estas palavras marcaram-me bastante e naquele momento percebi (e continuo a perceber) o que queria dizer com elas. São as realidades com que nos deparamos que nos constroem enquanto arquitectos. São estas aproximações à realidade que nos fazem pensar para além do estirador. A Escola é apenas um ponto de partida na construção do arquitecto e as “possibilidades de nós” enquanto arquitectos surgem com as experiências que temos ao longo da nossa vida pessoal, académica e profissional.

O SIRUM surgiu com uma intenção clara de discussão da cidade do Mindelo como antes nunca tinha sido feito. O papel do departamento foi importante no momento de decidir organizar um workshop nesta cidade e esta foi uma oportunidade que eu não podia deixar escapar. A minha curta participação na sua organização, que descrevo abaixo, deixou-me na expectativa para o seminário e a experiência que este me proporcionou permitiu-me olhar com outros olhos para a realidade construída do mundo português.

¹ SIRUM, curta-metragem documental realizada no âmbito da disciplina de Análise de Filmes II realizada por Joana Fraga de Almeida, Telma Bidarra, Teresa Picarote, João Gavião e Vasco Alves

O Roteiro da Universidade de Aveiro foi a outra aproximação à realidade que tive antes de iniciar a minha actividade profissional. Desta vez, o objecto alvo não era um projecto mas sim um roteiro. Um objecto palpável que cabe no bolso de trás das calças de ganga enquanto caminhamos pelo Campus da Universidade. Este roteiro aproximou-me a uma realidade diferente: a da parte técnica, real e burocrática de projecto.

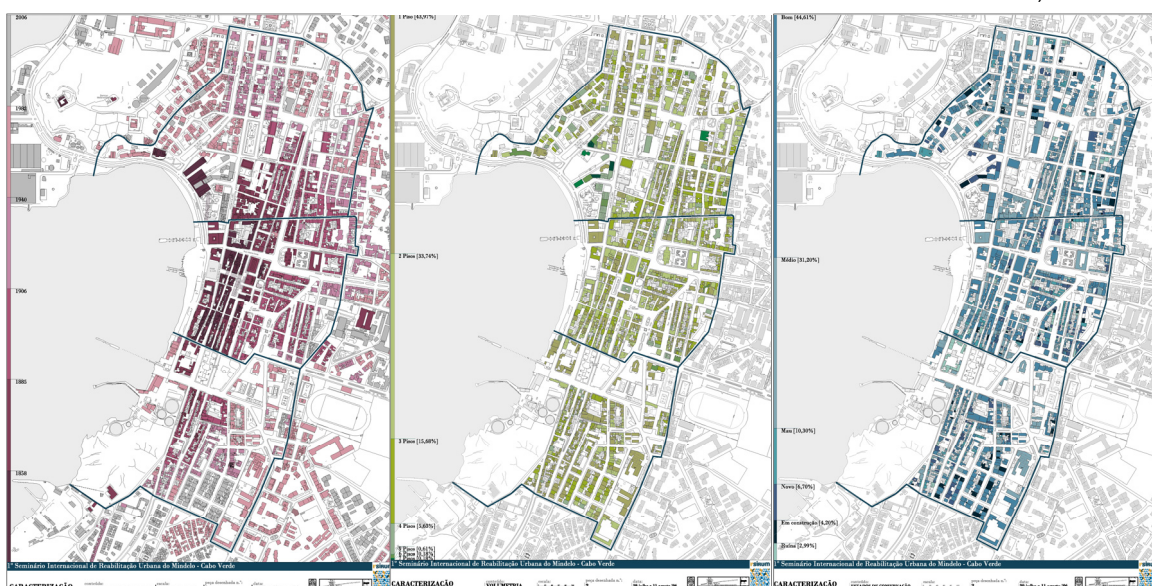
Os dados recolhidos para este roteiro obrigaram-nos a uma caracterização sistemática e imparcial a que não estávamos habituados. O roteiro não pretendia ser um documento crítico de arquitectura mas um documento auxiliar na visita ao espaço físico do campus. É quase uma subversão do projecto de arquitectura no sentido em que a materialidade do edifício é esquecida e passada ao papel, na sua representação em desenho.

Outro elemento novo para mim no desenrolar do roteiro foi a questão orçamental do projecto. O custo de uma obra define muito a capacidade do arquitecto na resolução dos programas e das intenções de projecto, tendo sido um ponto muito discutido nas reuniões do roteiro.

O SIRUM, a par do Roteiro de Arquitectura da Universidade de Aveiro, foram duas oportunidades que agarrei com muito entusiasmo. De ambos trago uma aproximação à realidade (ou realidades) e é dessa aproximação que este capítulo fala. Uma nuvem indefinida entre aquilo que é a escola e a prática profissional diária.



Baía do Mindelo, Cabo Verde



Plantas de caracterização urbana do Mindelo

SIRUM

Surgiu no fim do ano curricular de 2006, após a conclusão da cadeira de projecto V. O dARQ, em parceria com a ONG do Mindelo e com a coordenação do Arq. Walter Rossa e do Prof. Leão Lopes, organizaram um workshop de reabilitação urbana no Mindelo, Cabo Verde. Reunimo-nos então no final do mês de Julho nesta cidade com um conjunto de alunos e professores da Universidade Federal da Baía(Salvador da Baía), Universidade Federal Fluminense (Rio de Janeiro), Università di Roma “La Sapienza”, Università di Caligliari, assim como do Instituto Piaget da Praia (Cabo Verde) e Mindelo-Escola Internacional de Arte para ingressar nessa experiência.

No entanto, a minha participação no SIRUM começou algum tempo antes da data oficial de abertura do seminário. A convite do Arqt. Walter Rossa participei, em conjunto com alguns colegas, na fase de preparação do mesmo. Era necessária uma caracterização urbana da cidade e das zonas de intervenção. Nas 3 semanas anteriores ao workshop, ainda em Coimbra, procedemos ao tratamento da informação que chegava de uma equipa que trabalhava no Mindelo, coordenada pelo Prof. Leão Lopes e pela Arq^a. Catarina Sampaio. Esta equipa recolhia informações sobre o tecido urbano da cidade, como o número de pisos de cada edifício, a existência de vazios nos quarteirões, ou o uso que cada lote tinha, nos seus diversos pisos. Concordámos que a melhor maneira de expor esta informação aos participantes no workshop seria através da elaboração de plantas síntese coloridas, que tratavam a informação de uma forma fria mas imparcial e muito concreta.



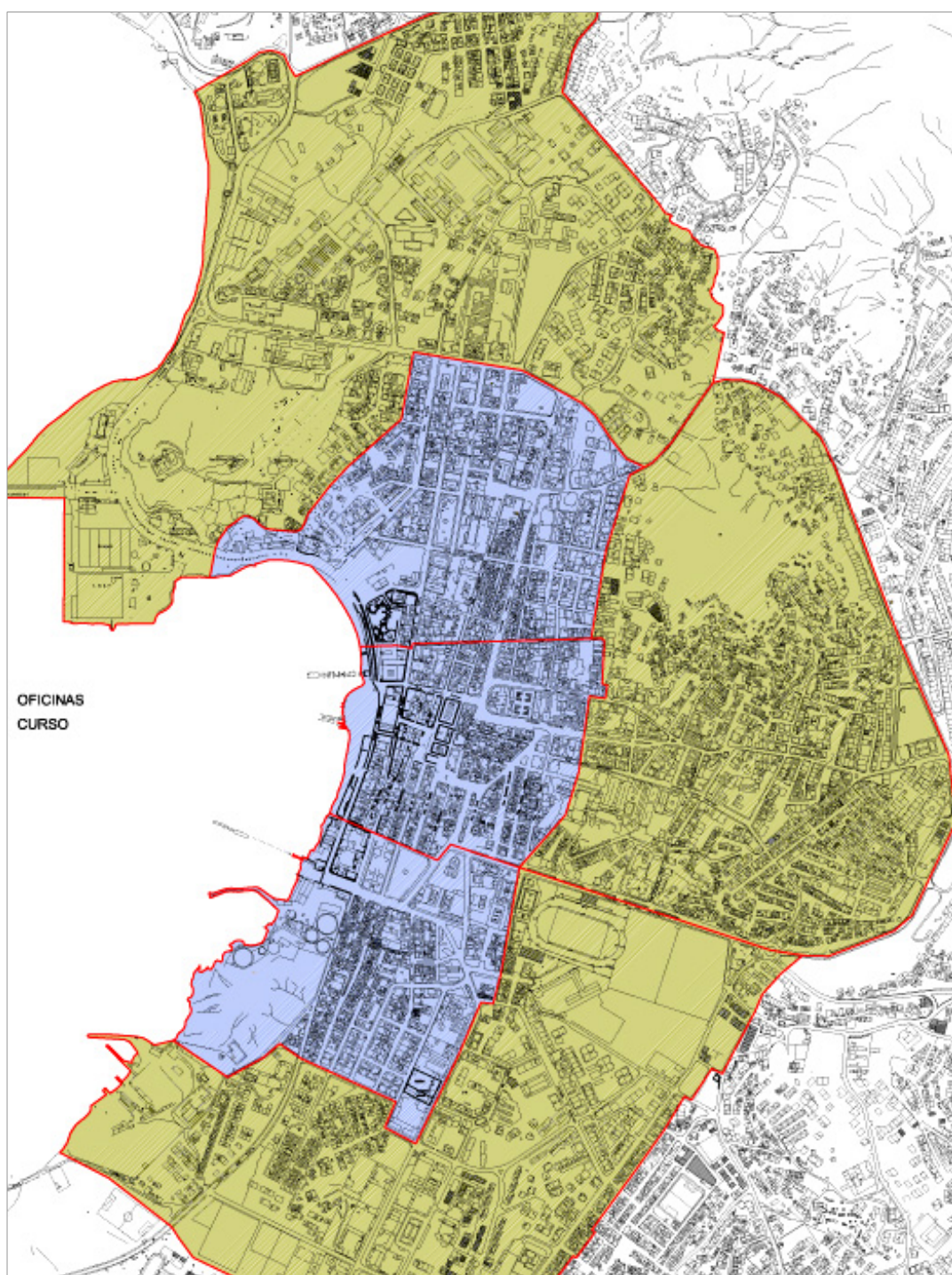
Baía do Mindelo, Cabo Verde



Liceu Velho e Praça Zimabué

A cidade do Mindelo é uma pequena cidade na costa poente da ilha de S. Vicente, que usufrui de uma baía fantástica fechada por uma unidade fabril de uma empresa petrolífera e um porto. Ora, esta cidade tem alguns edifícios de destaque como o Tribunal, o Liceu Gil Eanes, o edifício da Alfandega, a Torre de Belém e a Câmara Municipal embora não pese ser considerada uma cidade que se caracteriza por um elemento de arquitectura mais contrastante. No entanto, o Mindelo é uma cidade com uma implantação clara e uma malha marcadamente portuguesa denunciando, no entanto, uma zona consolidada frágil. A cidade do Mindelo afirma-se como centro cultural de Cabo Verde, graças ao desenvolvimento impar que caracterizam o seu ambiente cosmopolita e que abraça uma baía considerada das mais bonitas do mundo. Esta baía está claramente subaproveitada pela não utilização da marginal com a relação com o mar, servindo de estacionamento a camiões ou outros equipamentos, que barram o enfiamento visual e criam um distanciamento físico com os mindelenses.

Para o workshop, a área central do Mindelo foi dividida em 3 zonas, de limites mais ou menos delimitados, de grosso modo pelo morro do Fortim a norte e pelo Monte Graça a Sul, coincidindo com a área urbana delimitada e mais regular. Diferenciados pelos tipos de ocupação, função ou linguagem, complementam-se na leitura global da cidade. Na zona Norte a ocupação é mais cosmopolita, com alguns hotéis e zonas de lazer; a sul temos uma presença industrial forte e a actividade de mercado em torno da Praça Estrela. Na zona central, que à partida seria a zona histórica, é mais clara a malha original da vila.



No entanto, as três zonas englobam o centro histórico da vila, cortando com a tipologia de habitação e de regra de implantação não existente da envolvente. Uma das dificuldades com que nos deparámos foi a identificação desse centro histórico. Se por um lado a planta da cidade deixa antever uma malha original, a edificação presente e a (não) dignificação do património construído torna as barreiras entre este e a envolvente muito ténues.

Da zona de intervenção, que corresponde à área sul, havia claramente dois temas a abordar. A Praça Estrela, como espaço de chegada à cidade, ganha uma importância primordial no conjunto desta cidade. A sua ligação à baía não é clara e a sua localização numa zona onde a ribeira se enche em época de chuvas pediam uma intervenção no sentido da sua resolução. A Este surgem uma série de equipamentos desportivos no leito da ribeira. As infra-estruturas da ENACOL, no topo sul da área a intervir, eram também um elemento a considerar, pela limitação que implica no relacionamento da cidade com a zona Sudoeste.

A nossa proposta contava com a orientação do Arq. Adelino Gonçalves do d'ARQ e a Arq. Silvia Mocchi da Universidade de Cagliari e a participação do Pedro Navega, Dalila Chaves (Rio de Janeiro), Alessandra Di Giacomo (Roma), Paulo Martinho (Praia), Jair Pinto (Mindelo) e Daniel Brito (Mindelo).

A estratégia de intervenção passou pela requalificação e integração urbana do Monte, pela reconversão e renovação das instalações e terrenos da ENACOL e pela redefinição do carácter da Praça Estrela



Vista da frente da Baía a partir da zona de pescadores



Réplica da Torre de Belém e Mercado do Peixe

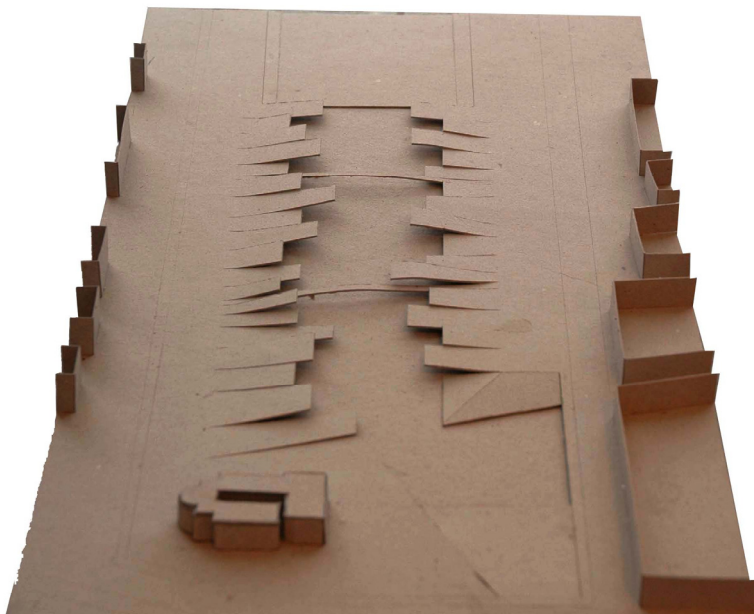
enquanto elemento de chegada na cidade e ainda a sua conversão num Parque Urbano.

Uma das conclusões a que o grupo chegou rapidamente foi a de que não nos seria possível nem pragmático, face ao tempo de que dispúnhamos, chegar à escala do edifício, mas sim fazer uma leitura da área de intervenção no contexto da cidade. Sem interferir nas restantes áreas de intervenção, partimos do pressuposto que só identificando algumas orientações estratégicas do Mindelo poderíamos descobrir a vocação da área de intervenção.

A valorização da frente marítima do Mindelo foi associada à criação de uma via circular que permitia a descompressão da carga de tráfego automóvel do centro da cidade, ligando o Porto Grande e a Praia da Laginha ao Monte Sossego. A requalificação de toda a marginal, que foi rapidamente dado adquirido para todos os grupos, reforçava a ideia de cidade marítima e portuária e a centralidade das áreas estudadas entre o Morro do Fortim e o Mercado do Peixe.

No Monte, no quarteirão entre as Ruas de Morguino e a Rua Manuel de Matos, a intervenção baseou-se na intenção de integração urbana com a restante malha, numa solução de “permeabilização e refuncionalização” mantendo o carácter habitacional do mesmo, propondo um novo desenho para este.

Na restante área de intervenção aceitámos a ruptura com a malha urbana, assumindo a Ribeira do Paul como elemento natural relevante nessa ruptura. A opção pela conversão das Instalações da ENACOL foi ditada pela necessidade de um programa público inexistente na cidade e na ilha. O complexo multi-programático –



Maquete do Parque Mineral



Maquete do complexo multi-programático com os antigos depósitos em destaque

hotel, centro de congressos, teatro, clube náutico, áreas comerciais - marcaria a entrada na cidade em conjunto com a conversão da Praça Estrela num Parque Mineral. Os depósitos de combustível destas instalações são pré-existências que não podíamos ignorar, pelo que optámos pela sua integração no projecto, criando uma volumetria que encostasse ao talude da Rochinha, permitindo o atravessamento de percursos pedonais desde a Praça Estrela ao cimo deste morro. Associamos esta intervenção à construção do novo mercado do Peixe, permitindo o isolamento da réplica da Torre de Belém na sua relação directa com o mar.

A outra intervenção, a do Parque Mineral, vem da interpretação natural da existência da Ribeira do Paul. Esta linha de água mostranos, historicamente, que não seria vantajosa a sua ocupação com construção, já que em época de chuvas o caudal das águas pluviais eliminava qualquer intervenção de maior porte no seu leito. Na leitura da cidade é clara a desocupação deste espaço por edifícios, apenas sendo ocupado por alguns campos de futebol. A elevação das cotas de soleira nos edifícios limítrofes e a elevação de uma plataforma para a Praça Estrela são reflexo dessa pré-existência, ainda que aparentemente não seja relevante. O Desenho do Parque Urbano sugere o rebaixamento das cotas alagáveis. Nestas cotas é intencional a criação de zonas comerciais sazonais sob palas que prolongam o passeio na cota superior.

Aproximação à Realidade



Praça Estrela



Pequenos quiosques na Praça Estrela



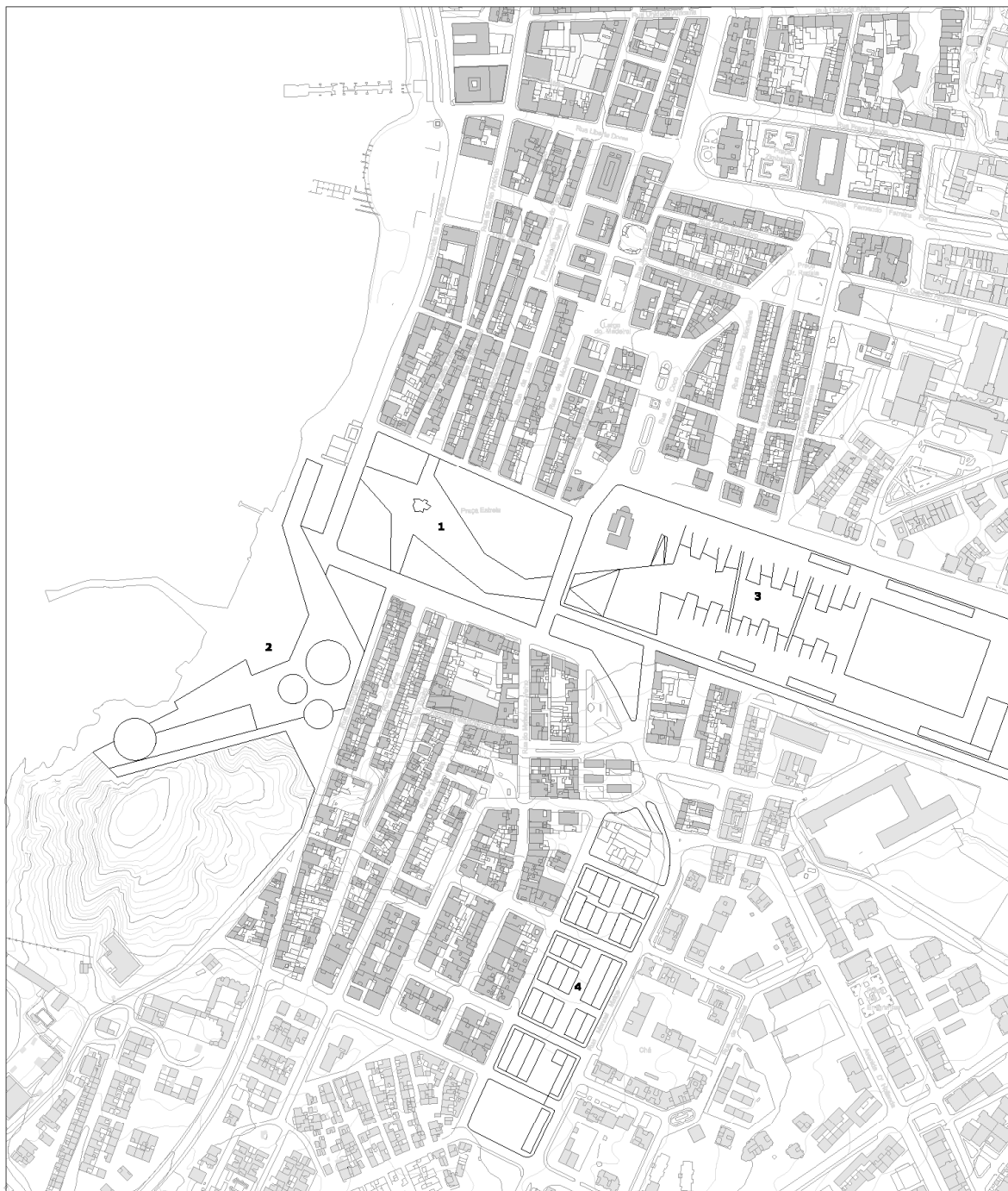
Praça Estrela elevada e atravessada por uma rua



Vista do Mindelo do topo de um dos depósitos



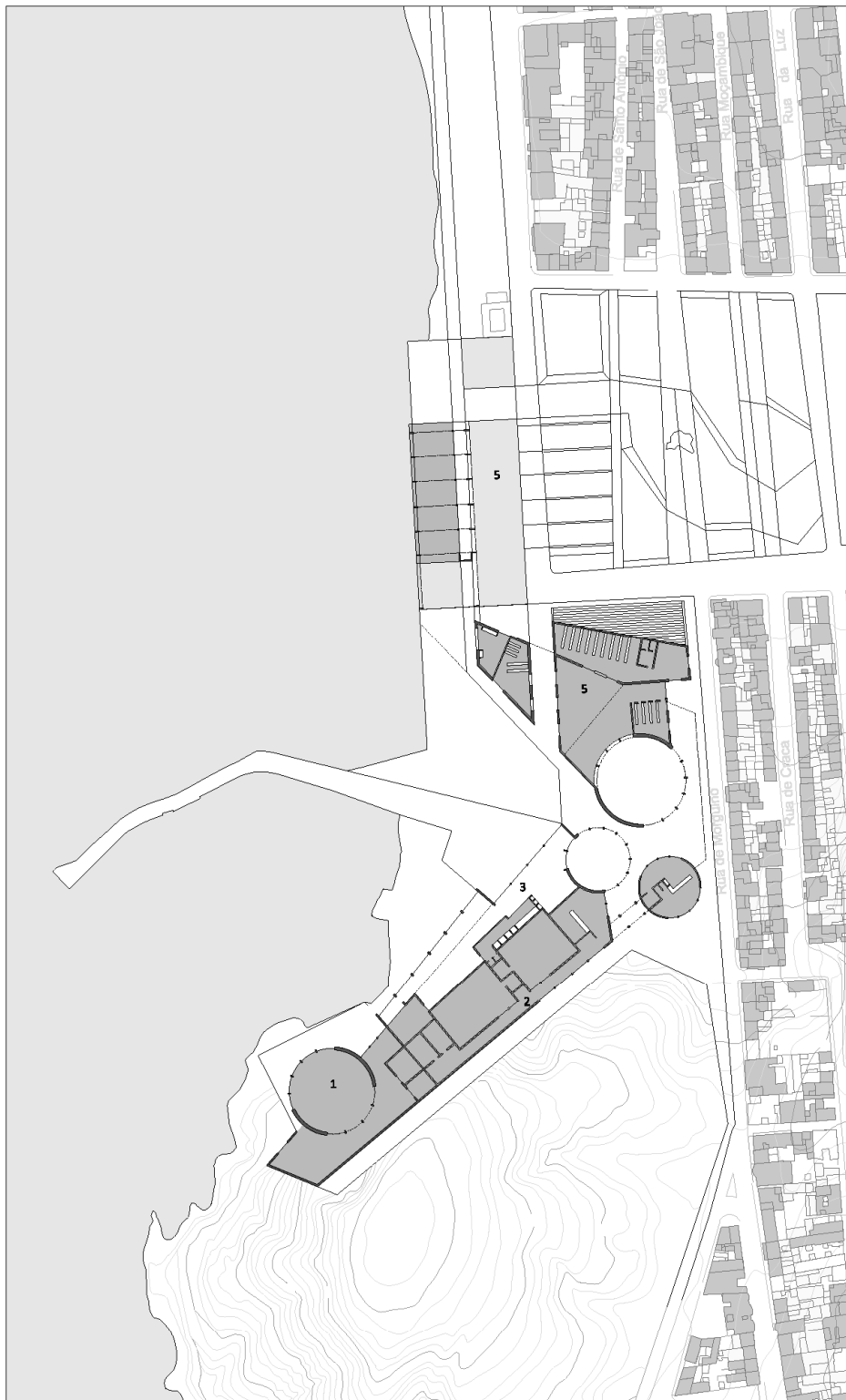
Vista de dois dos depósitos da Enacol



PLANTA DA INTERVENÇÃO

1. PRAÇA ESTRELA 2. CENTRO DE CONGRESSOS 3. PARQUE MINERAL 4. MONTE

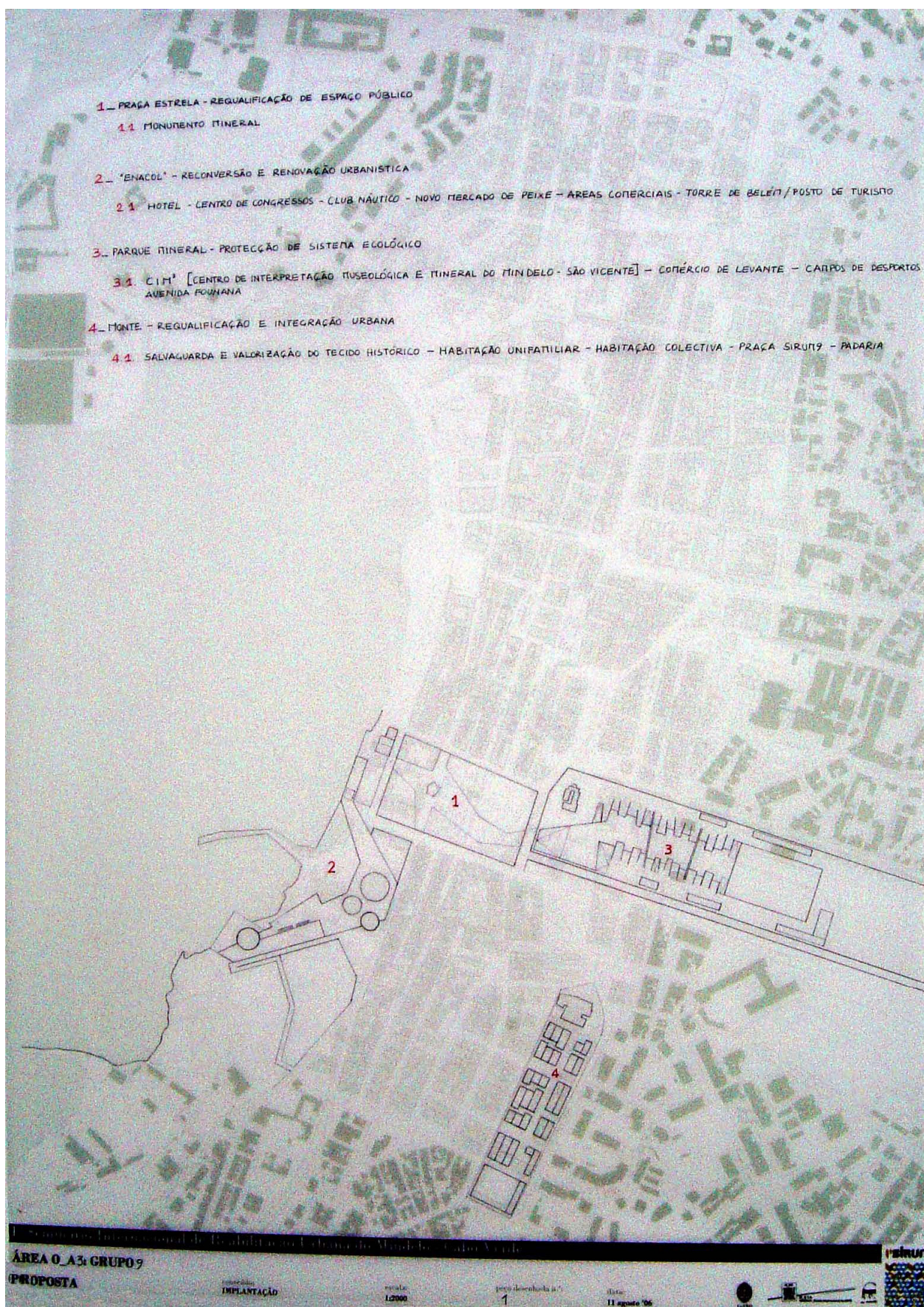
0 10 100

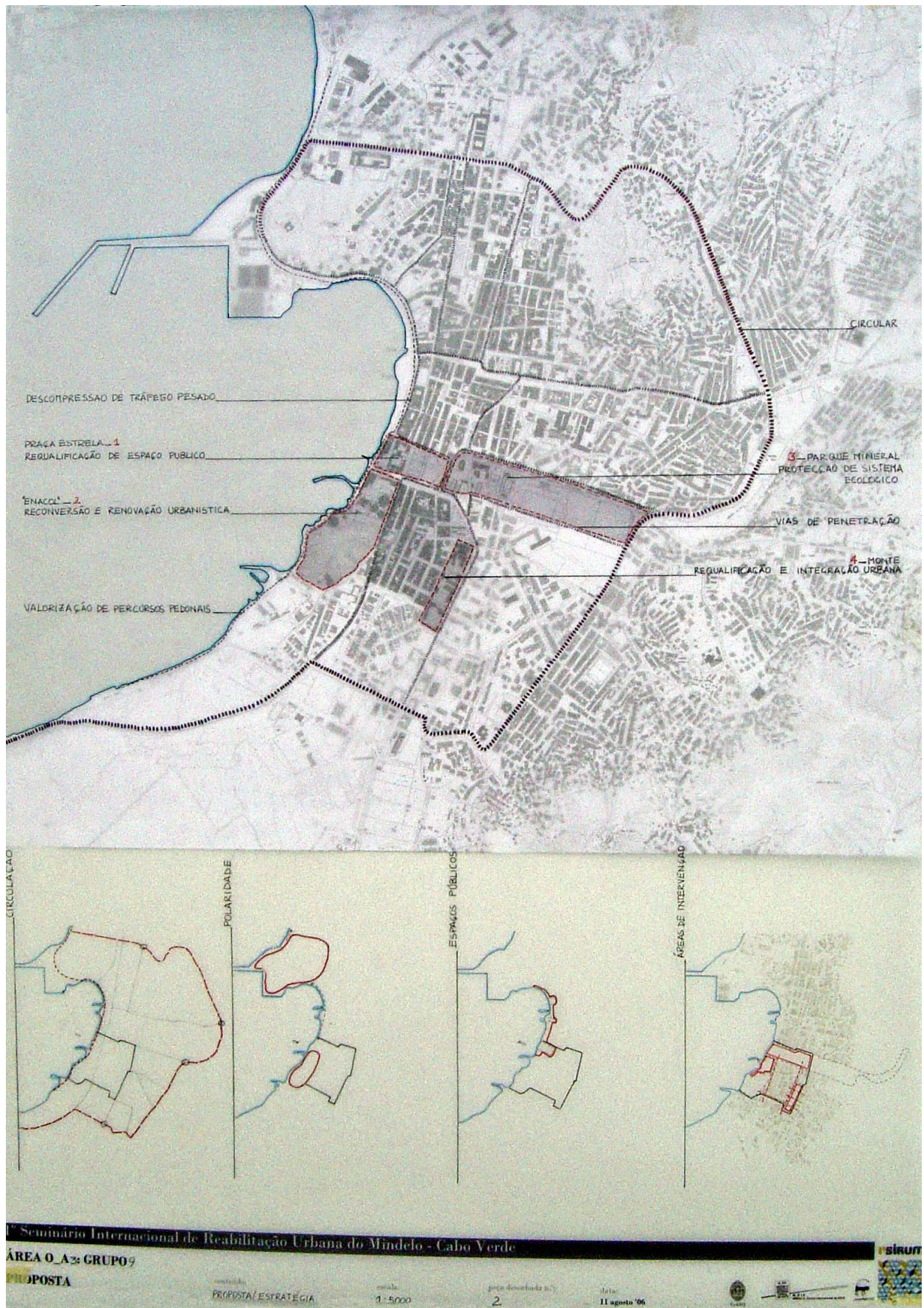


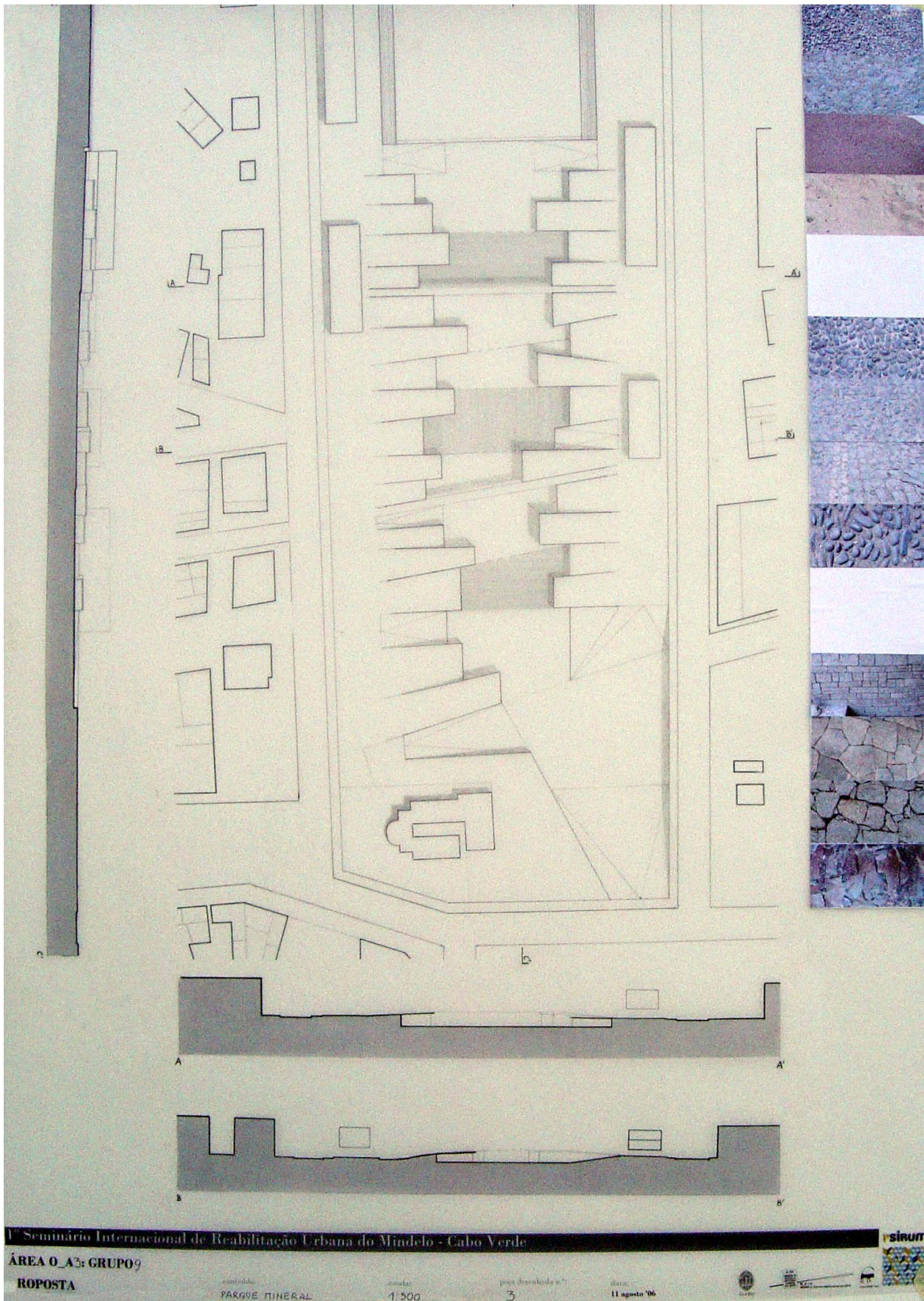
PLANTA NOVO CENTRO MULTI-PROGRAMÁTICO (ANTIGA ENACOL)

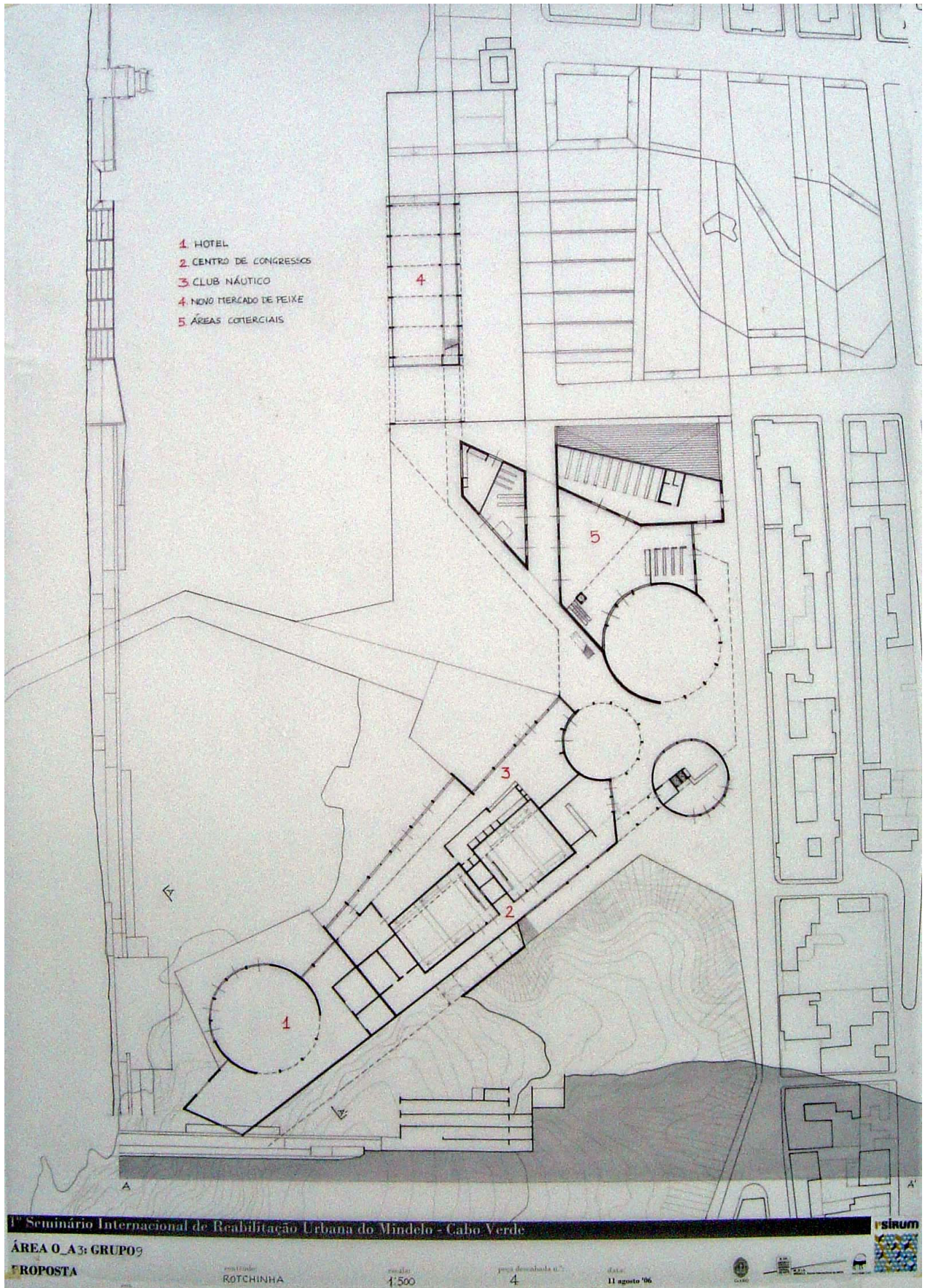
1. HOTEL 2. CENTRO DE CONGRESSOS 3. CLUBE NÁUTICO 4. NOVO MERCADO DO PEIXE 5. ÁREAS COMERCIAIS

0 10 50











Vista aérea do campus da Universidade, tirada a partir do Depósito de água

Roteiro da Universidade de Aveiro

Em Setembro de 2006, o Arq. Walter Rossa convidou-me, assim como ao Pedro Navega, a participar na elaboração de um Roteiro de Arquitectura da Universidade de Aveiro. Este tentava responder a uma solicitação constante da comunidade em conhecer o campus da Universidade, a sua história e a história da sua evolução no campo da arquitectura.

Para melhor compreensão da situação da Universidade, entendemos ser necessária uma análise sucinta da evolução da Universidade desde a sua criação até aos dias de hoje que descrevemos abaixo.

Génese, localização e planos da Universidade de Aveiro

A Universidade de Aveiro (UA) foi criada pelo decreto-lei nº. 420/73 de 11 de Agosto e a sua Comissão Instaladora entrou em funções no fim do mesmo ano. Os primeiros cursos funcionaram provisoriamente no Centro de Estudos de Telecomunicações, ao passo que os serviços administrativos, bem como as residências para funcionários e estudantes se instalaram em edifícios arrendados. Em 1976, a Comissão Instaladora construiu um Pavilhão provisório e pré-fabricado, Pavilhão I, em terrenos cedidos Pela Câmara Municipal a poente da Cidade, criando assim o extremo Norte de uma futura área de expansão urbana.

No ano seguinte e com o apoio financeiro do Banco Mundial instalase o CIFOP e com este são tomadas parte das opções estratégicas da universidade na criação de uma matriz interdisciplinar. Em 1979 constrói-se o Pavilhão II e logo no ano seguinte o Pavilhão III. Em



Excerto de peça de análise do PDCA de Robert Auzell (1694)

1980 saem os primeiros licenciados desta Universidade.

O espaço destinado ao campus é alvo de uma primeira intenção urbanística com o Plano Director da Cidade de Aveiro da autoria de Robert Auzelle em 1964, caracterizando-se por uma grande plataforma de terrenos agrícolas circundada a Norte pela ria e a sul pelo esteiro de S. Pedro. A criação do novo hospital (1969), do conservatório (1966), da penitenciária, do bairro da misericórdia e do Bairro da Gulbenkian (década de 70) circundavam o terreno que viria a servir o campus. No centro desta plataforma já se situava o Seminário Diocesano (1945-1955). Entre os anos de 1970 e 1973, com o Fundo de Fomento de Habitação e o Plano de Fomento, estavam previstos cerca de 3000 fogos para a área de Santiago. Com a criação do Plano Integrado de Aveiro/Santiago, dos arquitectos José Semide e João Maia Seco, e com a ajuda do plano reformista do final do Estado Novo, a criação da UA e o desenvolvimento do Porto de Aveiro, estes terrenos viriam a ser divididos dando forma ao actual bairro de Santiago e às Instalações da UA.

Em 1978, tendo em vista um intencional Universo de 7.000 estudantes, a Comissão Instaladora contratou os arquitectos Armindo do Espírito Santo e Eduardo Rebello de Andrade no sentido da elaboração de um plano para a instalação de uma série de equipamentos que iriam servir a Universidade, com a construção prevista num espaço temporal de 10 anos. Em total ruptura com PIAS no desenho do plano, este foi adoptado em 1979, bem como no Plano Geral de Urbanização de Aveiro. O modelo germânico e anglo-saxónico foi adoptado após uma viagem a algumas universidades europeias, concretizado através de grandes equipamentos munidos



Maqueta do Plano Geral da Universidade de Aveiro (PGUA)



Departamento de Eletrónica, Telecomunicações e Informática
Rebello de Andrade & Espírito Santo

de serviços e acessos e percursos comuns, que teriam um sistema de ensino baseado na interdisciplinaridade. No entanto, este plano mostrava-se frágil, perante as fracas condicionantes do terreno, nunca se mostrando verdadeiramente vigoroso na lógica de grande edifício sendo a intervenção proposta na Agra do Castro exemplo disso. A entrada no campus através do hospital e a prévia instalação do Pavilhão 1 acabavam por deitar por terra as intenções genuínas do plano, que rodava em torno do seminário. No centro do plano, instalava-se então a zona técnica central, concentrando-se aí os serviços comuns.

Oito anos depois do PGUA, a universidade percebeu que este teria que ser revisto. Esta conclusão partiu da impossibilidade de conjugar o crescimento faseado da Universidade e dos seus edifícios com o plano anterior e da necessidade crescente de autonomizar alguns dos departamentos pela especificidade das suas disciplinas. Para além disso, as ligações previstas no plano anterior não tinham até então sido concretizadas e as fragilidades de funcionamento da Zona Técnica Central mostravam que as intenções iniciais não estavam a ser cumpridas.

O PGUA mostrou-se de elevada rigidez e as fracções para cada departamento de delicada interpeação e decisão, comprometendo as dificuldades acrescidas na articulação entre edifícios e departamentos originando soluções de discutível pragmatismo funcional. No seguimento da assinatura de um protocolo com o Centro de Estudos da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, com a coordenação do Arq. Nuno Portas, a ideia base era a da revisão efectiva, comprometendo todos os edifícios e espaços



Parte do plano revisto com a utilização do tijolo de barro vermelho com face à vista

existentes, definindo de origem apenas os espaços vazios com possibilidade de crescimento que, na prática, correspondiam à extensão a sul da Zona Técnica Central e algumas intervenções na Zona Norte do plano parcialmente instalado.

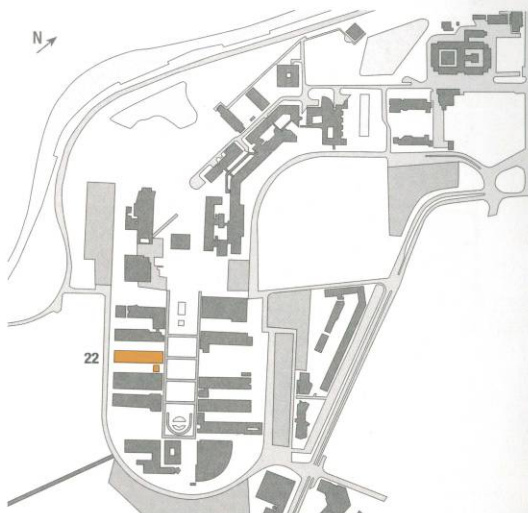
Esta revisão acabou por ser determinante na evolução da Universidade e na sua integração na cidade.

“Um dos aspectos mais marcantes desta mudança foi, precisamente, o acordo conseguido entre quase todos os arquitectos, também então contratados para projectar diversos edifícios, em torno de algumas regras e, essencialmente, em relação ao material dominantes para o acabamento exterior: o tijolo de barro vermelho de face à vista.”²O facto de ser um plano rígido, geométrico, mas com uma capacidade de expansão muito alargada servia as intenções de crescimento da Universidade, tornando este plano revisto um sucesso. O espaço público central, em torno do qual se implantam os edifícios interdisciplinares autónomos, gera uma rede de departamentos que se interligam entre si, mantendo a sua autonomia arquitectónica, permitindo assim a localização de possíveis novos edifícios na mesma lógica de espaço urbano, sem prejudicar a linguagem do conjunto. Esta ligação entre edifícios torna-se evidente no plano, através de uma grande alameda.

Fora da alameda, uma série de edifícios que fugiam na forma e conteúdo da tipologia integrada nesta como: um pavilhão, uma creche, cantinas e mesmo uma residência, integram-se no espaço do

² Roteiro Campus da Universidade de Aveiro, pág 26

DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA MECÂNICA



CRONOLOGIA

encomenda do projecto **Julho 1991**
 finalização do projecto **Dezembro 1993**
 adjudicação da obra **Abril 1995**
 entrada em funcionamento **Junho 1996**
 inauguração **16 Junho 1996**
 obras de alteração ou **-**
 manutenção significativas

CARACTERÍSTICAS

área implantação **1713 m²**
 área bruta **4780 m²**
 volumetria **14340 m³**
 nº pisos **4**
 custo final à data de **3.634.684,90€**
 conclusão da obra
 capacidade

2 anfiteatros (68+68 utilizadores), 2 auditórios (120 utilizadores), 30 gabinetes, 15 laboratórios, 6 salas de aulas, 2 salas de convívio, 1 sala de reuniões

breve descrição construtiva

sistema misto de betão armado e pilares e vigas metálicas; paramentos exteriores em tijolo vermelho de face à vista montado em contrafiado horizontal sendo as fiadas horizontais em dois planos alternados.

CRÉDITOS

autoría do projecto de **Adalberto Dias**
 arquitectura

colaborações **Arménio Teixeira, Carlos Veloso, Jaime Eusébio, José Miguelote, Nuno Rocha e Victor Gama, Arquitectos**

construtor **Edifer**

prémios **-**
 autoría do mobiliário **Adalberto Dias**

**REFERÊNCIAS
 BIBLIOGRÁFICAS**

PERETTI, Laura [et al.] - Dipartimento de Ingegneria Meccanica / Adalberto Dias. **Casabella**. Milano: Elemond S.p.A. ISSN 0008-7181. 61 (643, 1997), p. 46-49.

TOUSSAINT, Michel - Secção Autónoma de Engenharia Mecânica. In **Universidade de Aveiro: trinta anos de arquitectura**. Fotos de Rui Morais de Sousa; design de Francisco Vaz da Silva. - Lisboa: White & Blue, 2004. ISBN 972-8650-05-1. p. 96-101.

UNIVERSITY OF AVEIRO, Department of Mechanical; Engineering; Architects: Adalberto Dias. **GA document**. Tokyo: ADA Edita. ISSN 0389-0066. 50, 1997 Apr. p. 26-29.

campus como excepção, sem contrariar a capacidade de organização do espaço urbano universitário criado pela alameda. Esta imagem acabaria por ser a de referência na Universidade de Aveiro.

Do lado poente do esteiro de S. Pedro, a Agra do Crasto, era desde o Plano Inicial uma área destinada à instalação de Unidades de Investigação e Desenvolvimento (I&D). Uma vez abandonado este Plano, o Arq. João Luís Carrilho da Graça, em 1986 desenvolve um novo Plano para esta área, integrando estas unidades e acrescentado funções que não encaixavam no Plano revisto. Estas funções de apoio social e de lazer da população académica são implantadas na zona norte do terreno disponível, abraçando o esteiro e recebendo a ponte pedonal também da sua autoria alinhada com o depósito de água. As unidades de I&D implantam-se a sul, ao longo de uma grande via.

No processo da realização deste roteiro ficamos incumbidos de proceder à análise dos documentos disponíveis no espólio da universidade, recolhendo informações diversas sobre cada um dos edifícios que fazem parte do campus Universitário. Para isso criámos uma ficha técnica tipo para cada um dos edifícios. Cada elemento construído corresponde a um total de 4 páginas do roteiro. A primeira página tem uma fotografia geral e uma planta de localização do edifício, a segunda página uma ficha técnica com informações diversas como: a história cronológica do edifício, desde a encomenda do projecto à inauguração da obra; as características formais, construtivas, volumétricas, de capacidade e de custo final da obra, (sendo que numa fase intermédia foi eliminado o campo do custo previsto); as autorias de arquitectura e de obra e as referências



Departamento de Física



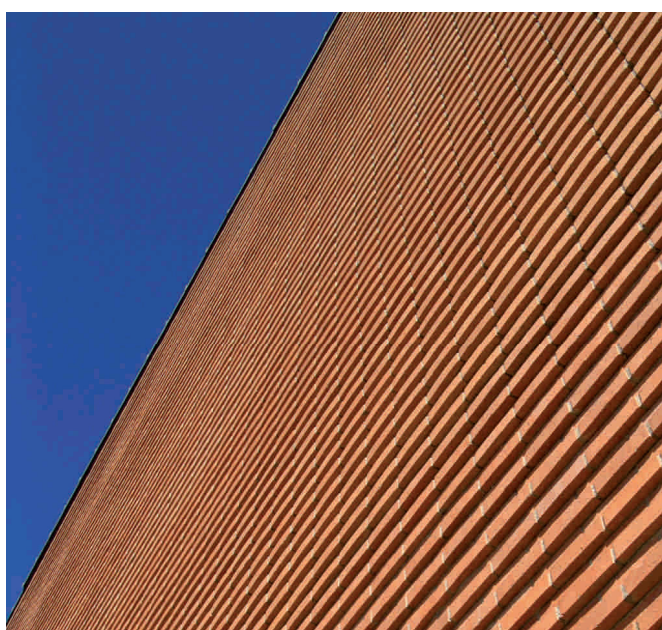
Departamento de Química

bibliográficas existentes. As terceira e quarta página mostram uma planta síntese que exemplifica a organização interna do edifício e um pormenor construtivo e/ou fotografia de pormenor. Com esta sistematização conseguimos, simultaneamente, mostrar o espaço da Universidade no seu todo ao mesmo tempo e através de cada edifício por si, eliminando a carga simbólica ou crítica que cada um deles possa ter para que o leitor/utilizador do Roteiro pudesse fazer essa mesma crítica por si, enquanto arquitecto ou simplesmente interessado no Campus.

O roteiro da Universidade de Aveiro revelou-se uma excelente oportunidade de conhecer uma parte significativa da Arquitectura Universitária Portuguesa. As diferentes abordagens de projecto perante as premissas definidas tornam-se na minha opinião o tema mais interessante na resolução de cada um dos edifícios que fazem parte do complexo. Na zona envolvente da alameda, tomemos como exemplo o Departamento de Química e o Departamento de Física. De planta de implantação similar, com a mesma exposição solar, as suas estratégias de alçado, por exemplo, mostram-se díspares; o segundo, da autoria de Alfredo Matos Correia determina um ritmo rígido entre estrutura e vãos, quebrados pelos tubos de queda da cobertura. A excepção mostra-se nos topos e pelos volumes anexos, mas no geral é um edifício bastante claro, de volumetria bastante definida, tentando cumprir no limite as orientações do Plano. O departamento de química de Alcino Soutinho, por outro lado, segue o mesmo tipo de implantação mas mostra um outro cuidado no seu alçado. O vão corrido, com o sistema de sombreamento para os laboratórios, com os volumes que se erguem interrompendo a continuidade



Residências Universitárias



Pormenor do desalinhamento de fiadas de tijolo no Departamento de Engenharia Mecânica

volumétrica do objecto, denunciando programas diversos, e a utilização de dois materiais com leituras plásticas diferentes tornam o edifício mais interessante, não se limitando a um transporte do interior para o exterior. Do Arq. Adalberto Dias temos o extenso programa das residências universitárias divididas em 5 fases e 10 anos. Com uma área bruta total de 16.000 m² é o primeiro edifício da Universidade a fazer frente urbana com a Av. Artur Navarra. Estes edifícios de três pisos e implantação longitudinal à avenida acompanham o seu percurso torcendo-se no limite dos terrenos da Universidade e acompanhando a frente urbana na transversal definindo-a em conjunto com o seminário e a capela. Tem uma leitura simples, rítmica, e uniforme, sendo valorizado pelo desenho do pormenor, da guarda, do caixilho, ou de outros tantos momentos que o valorizam no seu conjunto.

A meio deste projecto das Residências, no lado oposto dos terrenos e virado para a alameda, ladeado pelos Departamentos de Engenharia Civil e pela Secção Autónoma de Ciências Sociais, Jurídicas e Políticas, o arquitecto desenha o Departamento de Engenharia Mecânica.

Este objecto explora o uso do tijolo de barro vermelho com uma clara intenção plástica. O desalinhamento entre fiadas de tijolo cria uma leitura horizontal, reforçada pela escassez de vãos no seu alçado sul. A excepção é um vão corrido a todo o comprimento no topo deste. Por oposição, o alçado norte mostra-se como um grande pano envidraçado de caixilho oculto, não deixando transparecer o seu interior. A sul, no interior, temos a leitura da totalidade do alçado com um pé direito total iluminado pelo vão referido, servido por uma galeria que remata o corpo interior das diversas salas totalmente



Sistema de sombreamento de pedra em estrutura metálica aludindo ao tijolo de barro vermelho



Departamento de Engenharia Civil

abertas a norte. A sul do departamento de Mecânica destacamos mais dois departamentos. O departamento de Geociências e o departamento de Engenharia Civil.

De autoria do arquitecto Eduardo Souto Moura, o Departamento de Geociências prima pela ruptura com as intenções do campus no uso do tijolo de barro vermelho. Em sua substituição, o arquitecto opta pelo betão aparente num volume quebrado a meio pelo corredor de distribuição. Este volume simples e compacto abre-se nos dois alçados maiores com dois grandes envidraçados protegidos por um sistema de sombreamento em pedra vermelha apoiadas numa estrutura metálica, claramente numa alusão ao tijolo de barro vermelho que acaba por, pelo menos nessa perspectiva, não resultar. Entre este departamento e o de Mecânica encontramos o Departamento de Engenharia Civil. Este departamento alude ao uso de processos construtivos alternativos aos utilizados no resto do campus. Com o mesmo tipo de implantação dos edifícios referidos anteriormente, este utiliza um sistema de pórticos em estrutura metálica, que se revelam na cobertura e no alçado. Uma das opções mais discutíveis na leitura volumétrica do alçado é precisamente a tentativa de trazer a estrutura para este. Quando o lemos em comparação com o alçado sul ou norte, percebemos que há uma forte disparidade deste pórtico com os intermédios, provavelmente numa cedência puramente plástica e não estrutural. De resto, a utilização de vigas metálicas nos alçados longitudinais para suporte de parte do paramento em tijolo e a utilização deste no alçado sul para criar um sombreamento, num jogo de cheios e vazios, mostra-se original no campus. Os três pisos que compõem o seu interior são de



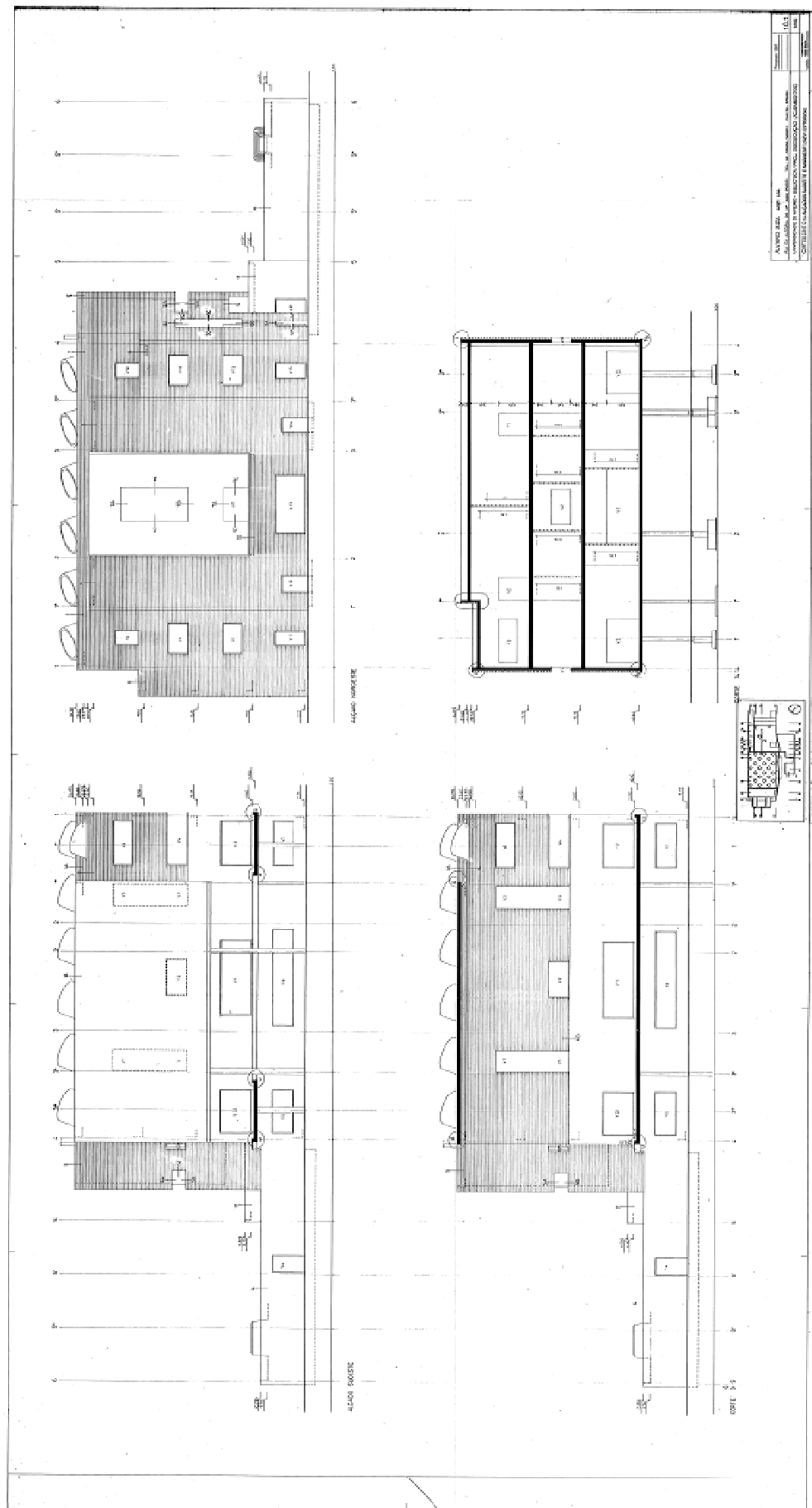
Galeria em betão aparente



Complexo Pedagógico

tipologias e funções bastante diferentes sendo que o mais interessante é o intermédio, mais pequeno e suspenso do superior. Do arquitecto Joaquim Oliveira, sabemos que participou activamente na revisão do plano da UA colaborando com o Centro de Estudos da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (FAUP) e com o Arq. Nuno Portas. Acabou por englobar os Serviços Técnicos da UA e desde então projecta alguns dos edifícios para a Universidade. Exemplo disso é Fábrica, numa remodelação da antiga companhia Aveirense de Moagens e a galeria coberta da alameda. A galeria assenta num sistema de pilares cilíndricos e em lâmina, em betão armado, com as juntas de dilatação em consola de modo a evitar a duplicação de pilares. Esta acolhe todos os edifícios da zona central do plano revisto terminando encostado ao Departamento de Matemática da autoria do Arq. José Maria Lobo Prata e do Edifício Central da Reitoria do Arq. Gonçalo Byrne.

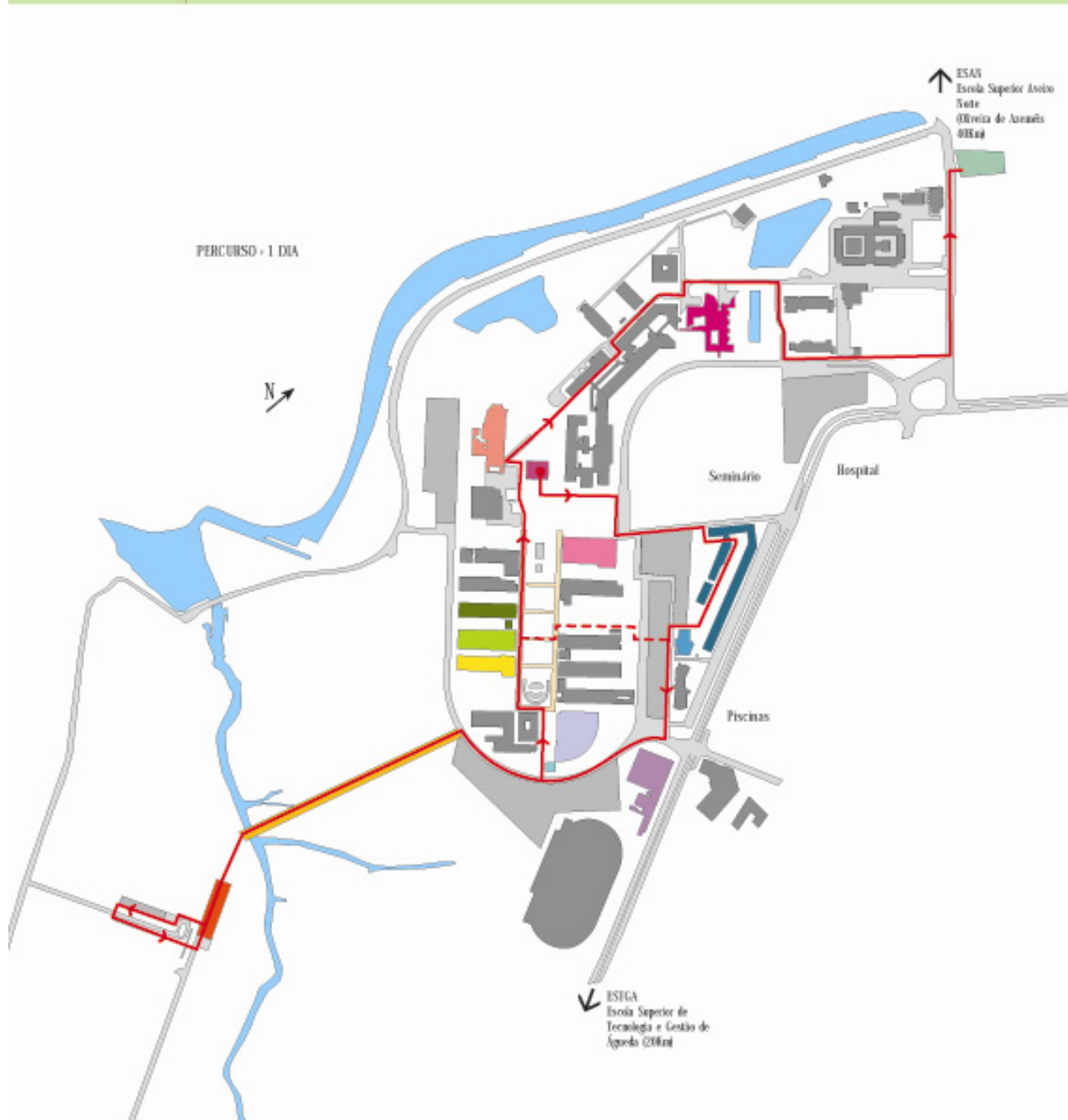
No topo oposto encontramos o Complexo Pedagógico do Arq. Vitor Figueiredo. Com a forma de quarto de círculo, os seus alçados para a zona central são mais encerrados e revestidos a tijolo de barro amarelo. Enquanto o perímetro circular é composto por uma fachada ritmada de lâminas em betão duplicando elementos sobre caixas de vãos, no piso térreo simula uma galeria sobre pilotis. A forma circular virá da junção lógica dos seus anfiteatros interiores mas também do percurso automóvel circular que rodeia a alameda. Há uma clarificação do sistema compositivo por contraste entre os materiais utilizados (betão pintado e tijolo à vista) e o uso de volumes puros atentos às diversas exposições solares. O afastamento deste em relação ao Laboratório de Análises e alinhamento do seu alçado com



Peça desenhada original da Biblioteca

depósito de água fazem ressaltar este conjunto, tirando partido da sua leitura estética. O depósito de água, com uma altura de 30 metros, responde às exigências técnicas do campus, não fazendo parte dos planos iniciais. A resposta de Siza Vieira é um paralelepípedo que contém a água suportado por uma lâmina de betão com a sua largura menor e por um cilindro, aludindo à volumetria das condutas que extraem a água deste. Do mesmo arquitecto, a Biblioteca da Universidade surge no canto oposto ao plano revisto, beneficiando de uma localização privilegiada na área central da Universidade, e no vértice do grande espaço público da Universidade composto pela alameda e pela praça. Com a entrada ao nível da praça, este volume paralelepipedico alongado e parcialmente ondulado tem dois pisos acima do nível da praça e um abaixo. Os três pisos acima da praça têm uma relação visual entre eles graças aos pés direitos criados para a iluminação natural.

Para a concretização das fichas para cada um dos edifícios da Universidade foi-nos disponibilizado o acesso ao espólio desta, situado na cave do Edifício Central da Reitoria. Ainda em processo de reestruturação e organização documental, o arquivo estava dividido em duas grandes salas. Foi-nos cedido um espaço de trabalho e o material necessário à pesquisa. O preenchimento do campus para cada um dos edifícios era feito a partir de alguns documentos, como os contratos de projecto e empreitada, as peças desenhadas de cada um deles, os autos de recepção da obra e outros elementos que se mostraram necessários. Nem sempre conseguimos encontrar todos os elementos e em alguns casos foi-nos barrada a informação por estar em processo contencioso, mas é importante referir a vontade



Roteiro de visita no Campus

por parte da reitoria de nos fornecer o máximo de informação possível de modo a que as fichas técnicas ficassem o mais completas possível. A par deste levantamento documental, o levantamento das peças desenhadas também foi um processo moroso. Era intenção conjunta que as peças desenhadas tivessem uma leitura contínua ao longo do roteiro, pelo que optámos pelo desenho de cada um dos edifícios. Eram sempre seleccionados os três desenhos que, entre os existentes, melhor definissem o projecto entre plantas, cortes ou alçados. Como referido anteriormente, este roteiro pretende ser mais um elemento de comunicação da Universidade à cidade dando a conhecer o seu espaço e as suas características urbanísticas e de arquitectura. Não é habitual encontrarmos um documento com estas intenções na arquitectura portuguesa, principalmente em relação aos espaços Universitários. A Universidade de Aveiro mostra ser uma instituição aberta ao mundo exterior a nível tecnológico e de relação com as empresas em cada uma das áreas que engloba. Se esta abertura era clara a nível institucional, o seu espaço de implantação também a denuncia, tanto pela distribuição dos elementos pelos extensos terrenos, uma constante tentativa de relação urbana com os limites destes e também pelos amplos espaços verdes que proporciona. Dentro deste documento editado, a criação de sugestões de roteiros de visita da cidade até ao campus, ou de visitas de um dia ou meio-dia não é indiferente às potencialidades turísticas que o mesmo proporciona. A descrição imparcial e directa de que cada um dos edifícios é alvo surge no seguimento do seu público-alvo. Este roteiro é para a cidade e para os turistas, sejam eles arquitectos, leigos ou simplesmente interessados pela arquitectura e urbanística dos *campi* da Universidade.

MEMÓRIAS DE ATELIER



Luminária na entrada de pé direito duplo



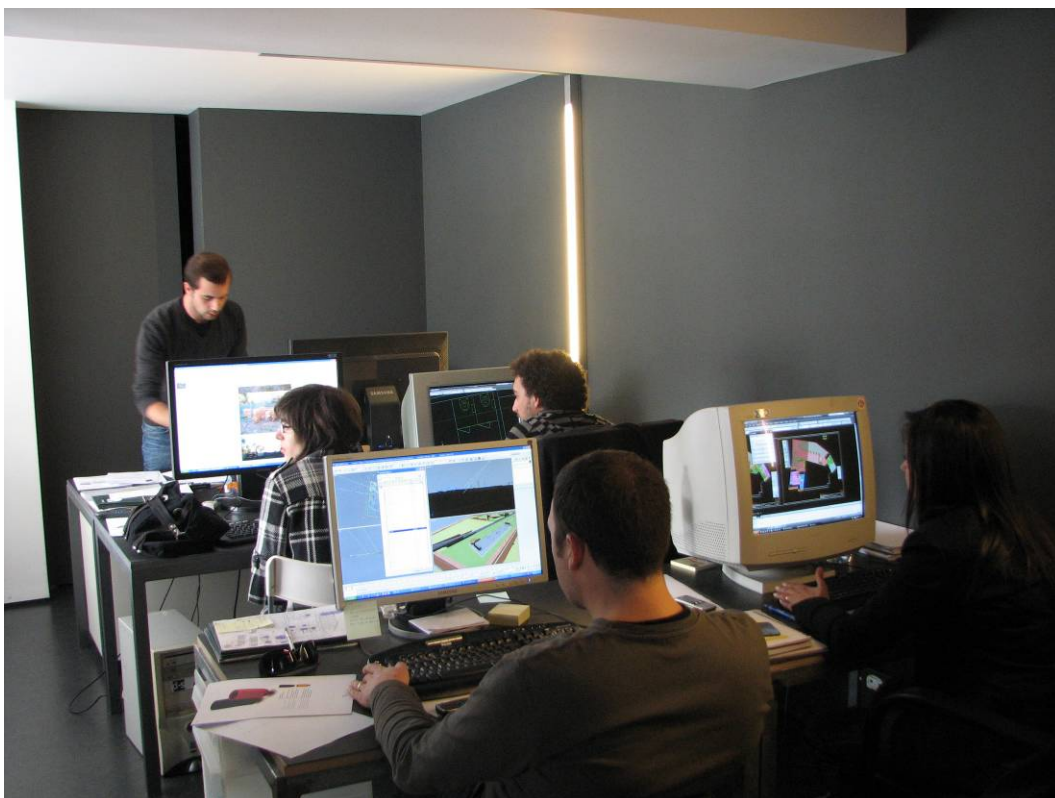
Painés da sala de reuniões

Enquanto estudante de arquitectura, no âmbito da cadeira de projecto a liberdade e criatividade que nos era permitida dava azo ao exercício mental de respostas ou a interpretações diferentes a um problema ou exercício proposto. Ao longo dos anos, a problemática da arquitectura era abordada de diferentes formas e a nossa resposta era fruto de um trabalho aprofundado, moroso e elaborado ao longo de um espaço de tempo que nos permitia responder a questões de detalhe inerentes a cada exercício.

A minha aproximação a uma actividade profissional surgiu num atelier de arquitectura em Coimbra, a d-solution, no qual ainda hoje colaboro e do qual sou membro: a pequena lavandaria no nº443 da Avenida Elísio de Moura acolheu há cerca de três anos atrás 6 amigos de diferentes áreas profissionais.

Três arquitectos, um engenheiro civil e dois engenheiros electrotécnicos juntaram-se e adquiriram o espaço que hoje é partilhado por dois gabinetes: Projedomus e d-solution sendo que o primeiro se dedica às novas tecnologias associadas à arquitectura: a domótica.

O espaço, esse, foi totalmente remodelado aquando da aquisição. Do exterior vemos apenas 6 grandes vãos em caixilharia de alumínio negro e telas interiores da mesma cor. Dividido em dois pisos, entramos no átrio de pé direito duplo. No piso inferior temos alguns postos de trabalho e as instalações sanitárias. No piso de cima, virado sobre os dois pés direitos duplos e a fachada temos o resto dos postos de trabalho, uma pequena copa apetrechada com os bens de primeira necessidade para as



Área de trabalho piso 1



Área de trabalho piso 0

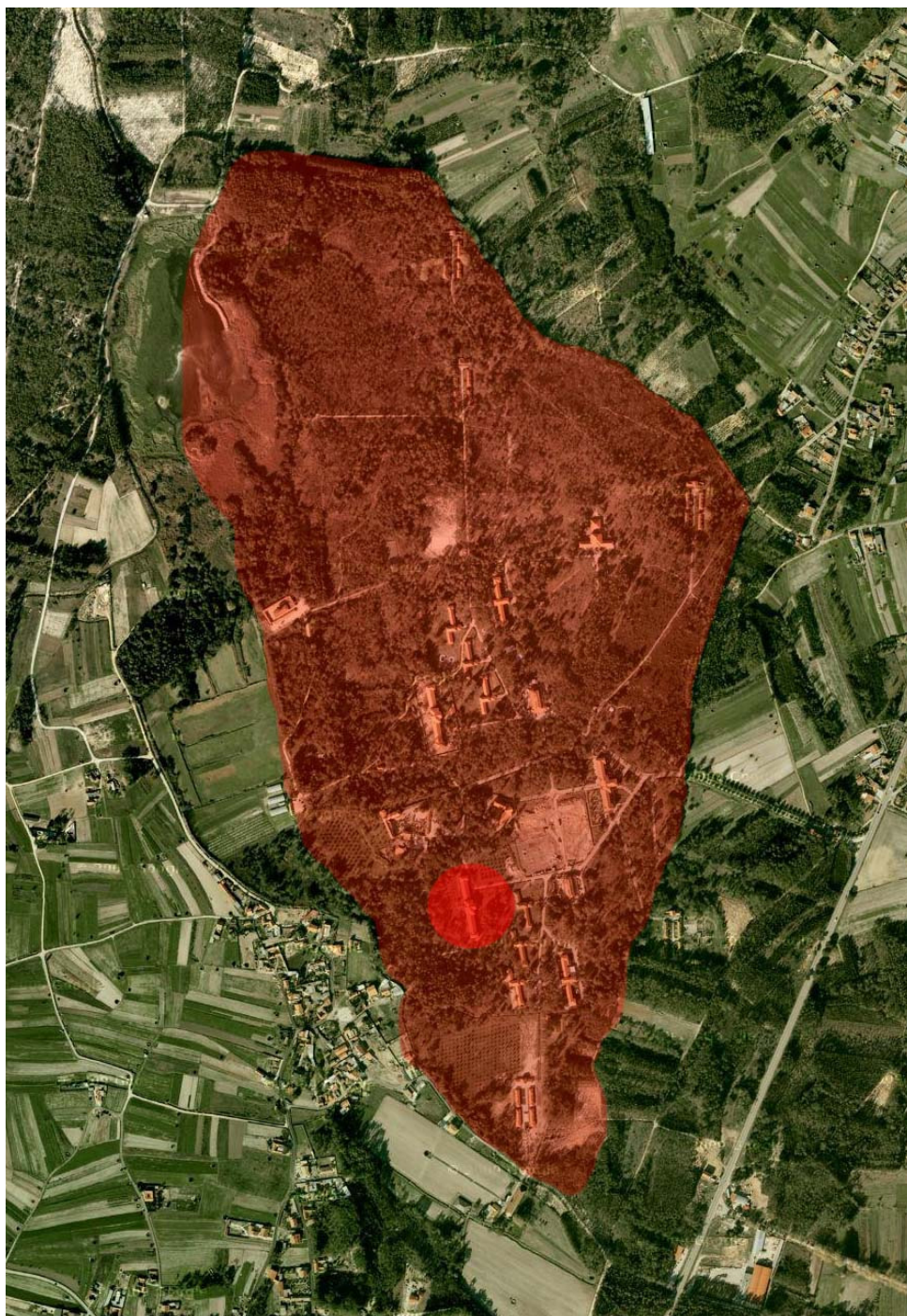
noites de trabalho e a sala de reuniões que se debruça sobre o mesmo pé direito.

Foi neste espaço físico que experimentei o mundo real da arquitectura e foi aqui também que ganhei a experiência que um pequeno gabinete com muito trabalho obriga. Este trabalho é variado e mais ou menos abundante, desenvolvendo-se com constante sentido de crítica e de interrogações que vão surgindo ao longo do mesmo. Os projectos que desenvolvi desde que me envolvi no atelier são de escala e naturezas diversas. Alguns projectos de habitação de diferentes tipologias, passando por algum programa público na área de saúde, assistência social e desporto. Entre os projectos que descrevo outros passaram, consequentes ou não, sempre num espírito de desenvolvimento criativo seguro de motivações próprias e agarrado a uma realidade burocrática que desconhecia no ambiente de Escola.

Por outro lado, no âmbito profissional a participação em concursos públicos faz-nos voltar um pouco ao ambiente de escola – o modo de apresentação dos projectos, o espaço temporal disponibilizado e o fluir das ideias em cima do estirador faz-me regressar à sala de projecto, à escola.

Um concurso de arquitectura torna-se uma interpretação pessoal dos objectivos do mesmo, levando a um vasto leque de possibilidades de resposta para um destino comum. Esta é a mais valia de um concurso de arquitectura: poder escolher entre as variadas possibilidades, todas elas válidas, a que mais vai ao encontro da entidade que o organiza.

Os concursos apresentados neste capítulo são alguns dos que participei, sendo uma oportunidade de alargar a experimentação do projecto no seu todo e a inerente discussão das ideias. O primeiro, para uma casa da Juventude em Portimão, partia de um escola básica desta cidade que seria alvo de uma requalificação e adaptação. Para este concurso tentou-se unificar a linguagem do edifício com um material único aproveitando parte do edifício original e criando volumes que o complementassem. O segundo concurso em que participei foi para um centro escolar em Fonte de Angeão, Vagos. Construído de raiz, em oposição ao anterior, seria um acumular de programas escolares de diferentes níveis e exigências diferentes num terreno plano em que as pré-existências se limitam à estrada e a um pequeno ribeiro.



Área de ocupação total do Hospital é superior a 140 hectares na vila da Tocha, Cantanhede

Projectos

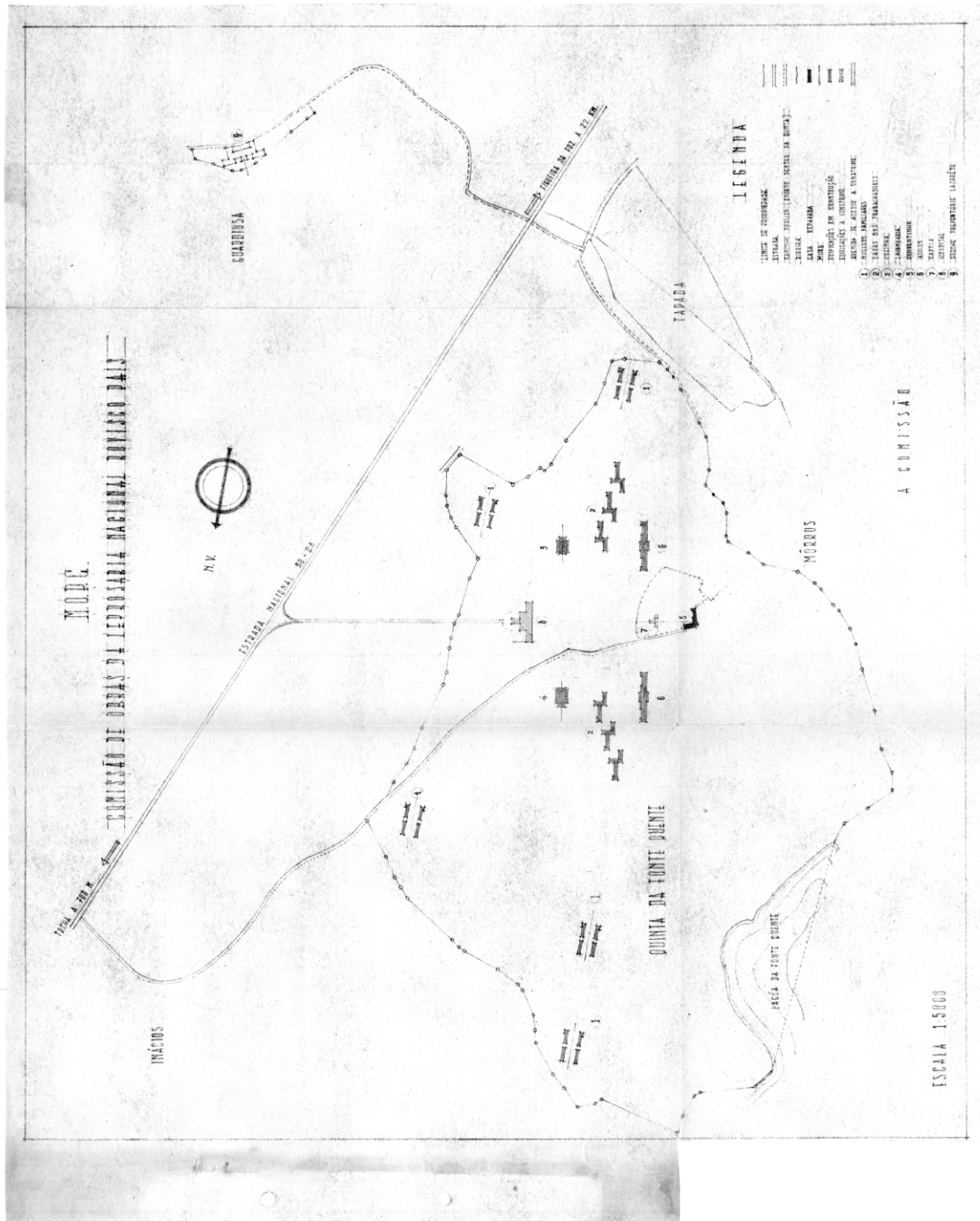
Unidade de Cuidados Continuados no Hospital Rovisco Pais

A Unidade de Cuidados Continuados no Hospital é um processo que se deu por terminado (na sua fase de projecto) no passado mês de Junho com o concurso público de empreitada. Para o mesmo foram realizados alguns estudos relativos à história do Hospital e ao percurso da sua existência. Descrevo também algumas opções tomadas ao longo do tempo em que o projecto decorreu.

Criação do Hospital

Em 15 de Novembro de 1938 é criado por Decreto-Lei da República a Leprosaria Rovisco Pais, agora Centro de Medicina de Reabilitação da Região Centro – Rovisco Pais (CMRRC - Rovisco Pais). A escolha da vila da Tocha, em três herdades (Quinta da Fonte Quente, Tapada e Guardiosa) com uma área total de 140 hectares foi feita em 1940 pela necessidade de salubridade do terreno, limitado por cursos de água, elevações ou maciços florestais, de forma a ficar afastado, mas fugindo à ideia de prisão e garantindo assim a auto-suficiência, através da horticultura e arboricultura.

Numa altura em que a doença de Hansen era uma realidade preocupante – hoje estima-se que apenas afecte um em cada dez mil habitantes – o Rovisco Pais era um equipamento de “outra escala”. Este divide-se em três núcleos essenciais: O hospital, Asilo e Colónias;



Planta original de Implantação do Hospital

a Creche e Preventório; e o Bairro Residencial para Trabalhadores.

A Creche e o Preventório localizavam-se num terreno a algumas centenas de metros do núcleo central, onde eram assistidos os filhos, crianças e familiares de doentes que não estavam infectados. O Bairro residencial, da autoria de Keil Do Amaral, acolhia os trabalhadores da Leprosaria num terreno anexo à entrada desta.

O núcleo central é composto pelo hospital, asilo e colónias, com edifícios para os serviços administrativos, economato e rouparia geral, armazéns de géneros, lavandaria, cozinha central, uma capela, pequenos balneários, central térmica e de vapor, central eléctrica, e até mesmo uma série de núcleos familiares que chegaram a integrar 85 moradias para receber os acompanhantes dos doentes. A leprosaria dispunha ainda de material agrícola, oficinas, garagens, estábulos, capoeiras e pocilgas, permitindo o trabalho dos próprios doentes. É ainda acrescentada uma casa de diversões com uma sala de espectáculos, um campo de jogos e um cinema ao ar livre.

O Rovisco Pais tem essencialmente duas “paternidades”: por um lado o professor Bissaya Barreto que foi o clínico encarregue de acompanhar quer a construção dos equipamentos, quer a instalação do serviço hospitalar; por outro lado, pelos projectistas, foi o Arqt. Carlos Ramos que tomou o encargo de desenhar e gerir a empreitada da Leprosaria.

A educação científica e médica de Bissaya Barreto é marcada desde cedo por uma relação privilegiada com a ciência social, e é esta mesma relação que caracteriza a concepção da medicina social que este cirurgião passa a desenvolver, principalmente a partir do



Instituto Maternal (actual Maternidade Bissaya Barreto)

momento em que assume a Presidência da Junta de Província, inspirando a criação e organização de diversos serviços e equipamentos médico-sanitários que funcionaram na Beira Litoral durante cerca de 50 anos.

A nível político, a evolução de Bissaya Barretto é bastante significativa. De militante republicano e maçom da loja “Revolta”, de membro da Assembleia de Constituintes responsável pela Constituição Republicana de 1911, parte para a adesão polémica ao Estado Novo, desenvolvendo ali uma notória actividade ao serviço da Medicina Social.

De notar que Oliveira Salazar, seu amigo pessoal, expressava publicamente a sua posição reaccionária e retrógrada sobre as questões da assistência social, referindo muito cedo, e baseando-se na Constituição, que a assistência devia ser feita pela família, no próprio lar, salvo em casos específicos, na agora denominada política de saúde pública. Ao longo dos tempos em que presidiu à Junta Geral do Distrito de Coimbra – mais tarde Junta de Província da Beira Litoral e por último Junta Distrital de Coimbra - demonstrou um enorme poder de realização no campo da assistência pública, assumindo as responsabilidades de criar e implementar um conjunto vasto de equipamentos neste campo.

Destes equipamentos é de realçar o Hospital Psiquiátrico Sobral Cid, o Hospital Sanatório de Celas (actual Hospital Pediátrico), Hospital Sanatório Colónia Portuguesa do Brasil(actual Hospital dos Covões), Hospital Psiquiátrico do Lorvão, Instituto Maternal (actual maternidade Bissaya Barreto) ou alguns equipamentos de apoio à



Hospital- Leprosaria Rovisco Pais



Capela do Hospital com duas naves.

criança e escolas profissionais ou outros programas que continuam com o seu nome associado.

Pareceu-nos também essencial revisitar a obra e o pensamento do Arqt. Carlos Ramos, para estruturar a nossa própria síntese de projecto, e assim propor um conjunto de intervenções que respondendo ao novo desígnio funcional, fosse igualmente merecedora da História que carregam estes edifícios da Leprosaria.

Carlos Ramos sempre fora um interessado nos programas de saúde. Em 1927 projecta o Instituto de Oncologia ainda que só desenvolva o edifício do Rádio, tendo mesmo chegado a fazer uma visita à Alemanha para estudar centros hospitalares, de onde importa um funcionamento racionalista que nunca mais abandona. É certo que na obra do Arquitecto está sempre presente uma representação monumentalista, que por vezes ofusca os seus méritos plásticos e funcionais, mas não podemos esquecer que a maioria do seu trabalho é efectuada ao longo do período da ditadura, e a sua encomenda tinha por certo outras balizas para além dos constrangimentos arquitectónicos. Carlos Ramos era membro de uma geração de transigentes que teve de contemporizar ou mesmo abdicar de alguns dos seus ideais de forma a garantir a sua sobrevivência profissional. Nesta afirmação, Ramos mostra-se consciente dos custos e compromissos que implicou essa atitude. Depois da sua obra evoluir da influência *art déco* à afirmação da linguagem modernista, privilegiando a depuração e o tratamento rigoroso dos volumes, os projectos assinados entre 1930 e 1950 testemunham o carácter eminentemente prático e epidérmico do modernismo nacional e a



Núcleos Familiares- Leprosaria Rovisco Pais



Núcleo familiar recentemente reabilitado

adopção de valores modernos utilizados como mais um vocabulário de uma linguagem ecléctica, historicista e revivalista.

Inaugurado em 1947, o Rovisco Pais é o paradigma desta tensão e parece ainda hoje um objecto preso algures num tempo de fronteira entre a continuidade histórica e a ruptura moderna que se anunciava. Ao percorrermos aquele imenso lençol verde, com os edifícios a pontuar a paisagem, estamos mais próximos dos modelos urbanísticos modernistas do que do repertório morfológico da cidade histórica. Contudo, quando nos aproximamos dos objectos estes têm a gravidade tectónica de quem pertence ao lugar e foge-lhes a fluidez da implantação modernista. No caso particular dos blocos de internamento, a leitura rápida da sua composição formal induz-nos de imediato as regras clássicas da axialidade, da simetria e da repetição; mas quando nos detemos numa observação mais cuidada verificamos não só que estas regras foram subvertidas, como também, que é nos momentos menos nobres do edifício (ex. as traseiras) que se anunciam novas formas de desenhar e compor. É precisamente nestes paradoxos que está o valor da obra de Carlos Ramos, e que a historiografia arquitectónica pós-moderna assinala não como uma fraqueza, mas sim como um contributo decisivo para a própria contemporaneidade, na esteira de outros trabalhos como o de Berlage na Holanda, ou do movimento *Arts&Crafts* no Reino Unido.

Reabilitação como experiência de projecto

A nível de experiência pessoal, a oportunidade profissional que tive com a Adaptação de um dos Asilos a uma Unidade de Cuidados



Uma das primeiras reuniões no Hospital, em que conhecemos o edifício a reabilitar



Fachada Principal do edifício a reabilitar

Continuados terá sido, apesar de tudo, fora do comum. Participei desde o início no projecto, na apresentação das pré-existências, na discussão das opções de programa, assim como na sua concretização. Na fase de execução o maior desafio foi conseguir concretizar as intenções programáticas e arquitectónicas do estudo prévio e torná-las realidade. A coordenação com as especialidades foi constante e importantíssima na altura de tomar opções de projecto. As diferentes especificidades de cada área do projecto exigiam diferentes respostas perante o mesmo.

Quando fomos abordados pelo Concelho de Administração do CMRRC - Rovisco Pais, foi no sentido da adaptação do Asilo a uma unidade de características bastante diferentes das originais. Este pavilhão, actualmente abandonado e em avançado estado de degradação, era um dos asilos presentes no complexo. O projecto original para este edifício representou uma duplicação de obras, nascendo à data dois edifícios gémeos: um destinado a mulheres e outro a homens, cada um deles com a capacidade de 90 doentes, 45 em cada piso, havendo um terceiro piso destinado a funcionários. No corpo central, ficam os serviços de copas e lavandarias, com alimentos recebidos da cozinha central e as roupas do seu edifício gémeo. Para cada um dos lados do corpo central, estendem-se os quartos simples, duplos, triplos ou quádruplos, e nos corpos dos topos as instalações sanitárias e os quartos dos vigilantes. Também na zona central, mas na zona frontal do edifício, ficam as salas de estar e jantar.

O cliente pretendia uma Unidade com a capacidade de 60 camas, mas os quartos apenas poderiam ser simples ou duplos, com casa de



Edifício gémeo recentemente recuperado



Escadas interiores a manter



Galeria exterior na fachada Poente

banho privativa para cada um deles. Embora a capacidade original fosse substancialmente superior, a premissa de que as casas de banhos teriam que fazer parte dos quartos dificultou a tarefa. Não era intenção ferir a organização interna do edifício até porque conseqüentemente esta alteraria consideravelmente a leitura exterior do edifício, muito marcada pelo corpo central e de topo. A intervenção partiu de três premissas fundamentais: procurar manter o esquema funcional do edifício; respeitar os valores plásticos presentes no envelope exterior ou elementos interiores mais notáveis e sempre que possível reabilitá-los; assumir com clareza e sem mimetismos aquela que seria a nossa intervenção de forma a cumprir o novo programa funcional.

Mantiveram-se as duas salas de internamento (norte - sul) com o programa complementar nos topos e na zona central. A adaptação do programa (quartos com casa de banho) passa pela opção de um corredor central e o apoio dos quartos em ambas as fachadas. Desta solução permitiu-se uma leitura global do edifício de topo a topo.

Mantendo a lógica de organização do edifício existente, a entrada divide-se em 2 momentos: hall de entrada com atendimento e instalações sanitárias e um hall de distribuição com elevadores e caixa de escadas. No núcleo central, e em torno desta área de distribuição agrupou-se o secretariado clínico, as áreas de trabalho e apoio de pessoal, uma copa de recepção dos alimentos da cozinha central do Hospital e um refeitório. As alas de internamento estão divididas por capacidade dos quartos. A ala sul com 14 quartos individuais (dos quais 2 são de isolamento) e a ala norte com 8 quartos duplos. Nos topos das alas instalaram-se as áreas de apoio



Galeria no piso superior



Alçado Posterior

directo ao funcionamento do internamento, alterando o posicionamento das escadas para permitir uma melhor organização interna. O programa no piso 1 repete-se na sua maioria, apenas com a alteração do refeitório para a zona central e com a criação de áreas de pessoal. O último piso, apenas na zona central, de planta mais livre permitiu criar uma zona central de recepção à área administrativa, com duas salas polivalentes e gabinetes médicos, secretariado e zona de arquivo. Neste último piso optou-se pela eliminação do tecto falso, deixando a descoberto a estrutura de madeira da cobertura e a chaminé existente permitindo uma leitura global do volume.

A duplicação de cada um das alas no edifício é então a alteração mais significativa no funcionamento interno do edifício. Com esta duplicação conseguiu-se mover o corredor para o alinhamento do hall central permitindo uma leitura de topo a topo no edifício. No entanto, esta alteração organizativa obrigou-nos a repensar os alçados Poente e Nascente. Na situação original os vãos do alçado nascente iluminavam apenas o corredor e no alçado oposto é servido por uma galeria. A solução passou por uma abertura destes vãos até ao pavimento e a substituição por caixilharia com vidro único, permitindo uma maior entrada de luz no mesmo. No alçado poente, com a duplicação de quartos e a diminuição da profundidade das galerias testou-se a aproximação da luminosidade interior em ambas as alas. Esta alteração de profundidade é talvez a intervenção mais profunda ao nível estrutural no edifício, sendo que foi assumida pelo uso de um material diferente. A pala de entrada no edifício, exigência normativa imposta para este tipo de unidades, foi resolvida com o



CORTE TRANSVERSAL EXISTENTE

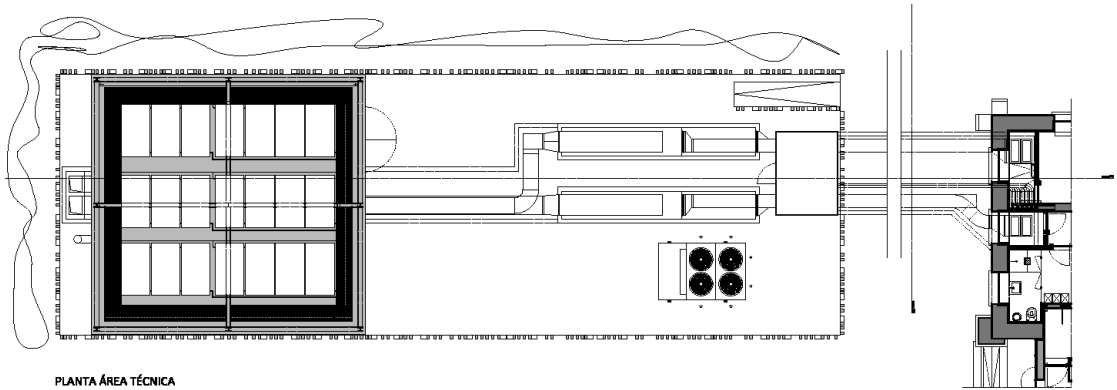


CORTE TRANSVERSAL PROPOSTO

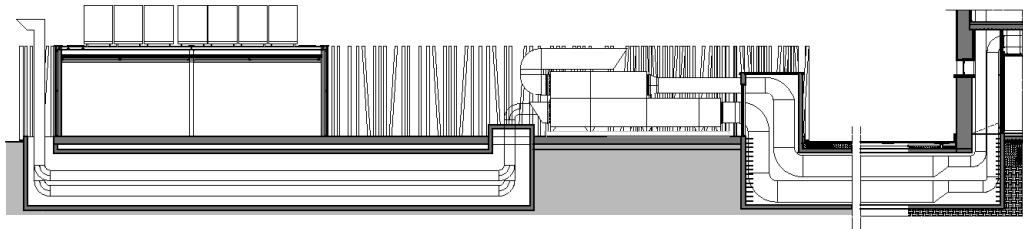
0 1 5

uso de materiais leves, como o aço e o vidro e de uma pérgola em madeira. Ao nível de implantação do edifício, circundado por percurso automóvel, adicionaram-se ainda 2 volumes. Estes volumes incorporam a grande maioria do programa técnico e de instalações para o funcionamento do edifício. Tendo o edifício original uma cobertura inclinada, a opção tradicional pelo uso desta para este tipo de instalações foi prontamente posta de parte. Ambos os volumes surgem no enfiamento nos corpos de topo afastados entre 3 a 12 metros. Estes volumes são abertos e circundados por um “empalhado” de barotes de madeira da cobertura existente, pela memória que representam e por ser um material natural que poderá ser gradualmente revestido por verde, assente numa laje de betão, recebendo todos os equipamentos técnicos necessários. O maior deles, a poente, acolhe ainda uma área coberta ventilada, que protege instalações técnicas mais frágeis e ainda os painéis solares térmicos na sua cobertura.

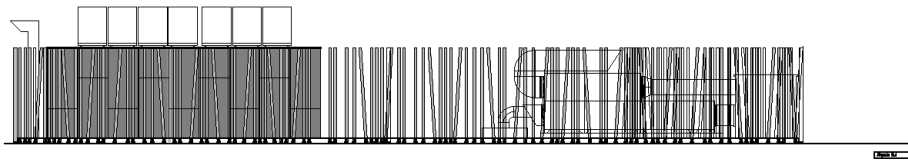
As exigências sanitárias e económicas de um equipamento deste tipo sugerem o uso de materiais laváveis e com um elevado grau de salubridade. O uso de pedra nas zonas nobres foi a opção natural e nas restantes zonas propomos a aplicação de materiais vinílicos, permitindo uma mancha homogénea de pavimento. Todas as paredes interiores são de placa dupla de gesso cartonado, com as consequentes vantagens na rapidez de execução e no revestimento da estrutura metálica que suporta a laje existente. Os núcleos das casas de banho são revestidos a painéis de madeira, fornecendo uma leitura rítmica de cheio/vazio ao corredor. A cobertura é totalmente substituída por uma estrutura de madeira lamelada colada. Esta



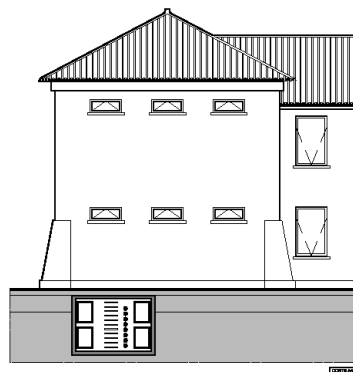
PLANTA ÁREA TÉCNICA



CORTE AA



ALÇADO SUL



CORTE BB



estrutura substitui a anterior e os seus pontos de apoio também são alterados. No seguimento do transporte do pano de parede para o exterior no alçado poente, optámos por apoiar a cobertura nesta parede em vez de apoiar na arcada como anteriormente se encontrava. Com esta opção, a asna deixa de ser plana para ter uma inclinação na sua transversal. Esta opção facilita ainda a passagem de todo o tipo de instalações técnicas (nomeadamente AVAC) pelo seu interior. Com a alteração estrutural levada a cabo – mudança do alinhamento do pano de parede poente nas galerias – e a diferente compartimentação interior nas alas de internamento, tínhamos que garantir as exigências estruturais da laje existente. A aplicação de uma estrutura metálica que proporcionasse os apoios devidos nos alinhamentos necessários permitiu que a compartimentação interior fosse mais livre, respondendo às intenções programáticas.

Por outro lado, as instalações mecânicas mostraram ser, desde cedo, uma preocupação pela dimensão das suas condutas e ângulos de curva das mesmas. A implantação das máquinas de AVAC para as duas áreas técnicas exteriores aos edifícios resolveu os problemas de área e ruído no interior, mas a situação das condutas para o exterior teria que ser resolvido. Optou-se então por um túnel subterrâneo que atravessa a estrada entre os topos do edifício e as áreas respectivas. Este túnel em betão armado possibilita também as passagens de condutas de águas quentes sanitárias e gases medicinais sendo que todos os depósitos necessários se encontram na área coberta a poente. Por exigência da verificação do Regulamento dos Sistemas Energéticos e de Climatização dos Edifícios, fomos obrigados a revestir o interior das paredes existentes



Planta de Implantação



0 5 25

em alvenaria de pedra com isolamento térmico e uma parede falsa de gesso cartonado.

Encontrando-se neste momento adjudicada a empreitada para a construção desta Unidade de Cuidados Continuados, o início da intervenção está previsto para meados de Setembro. Assim sendo , acompanharei a evolução da sua construção de muito perto, na esperança de ver concretizadas todas as intenções programáticas e de projecto aqui descritas.



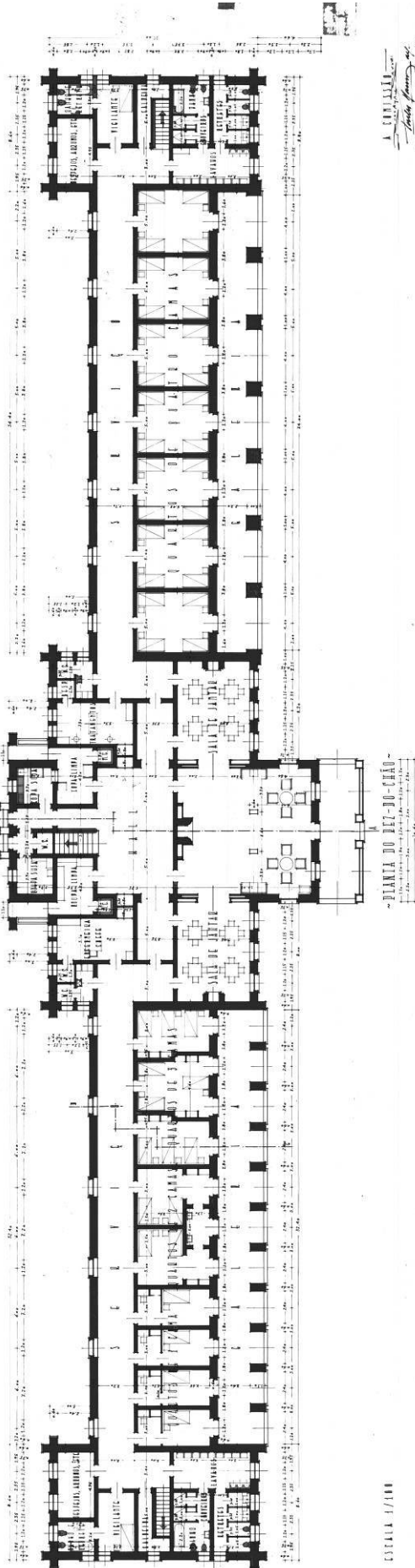
Casa dos Trabalhadores



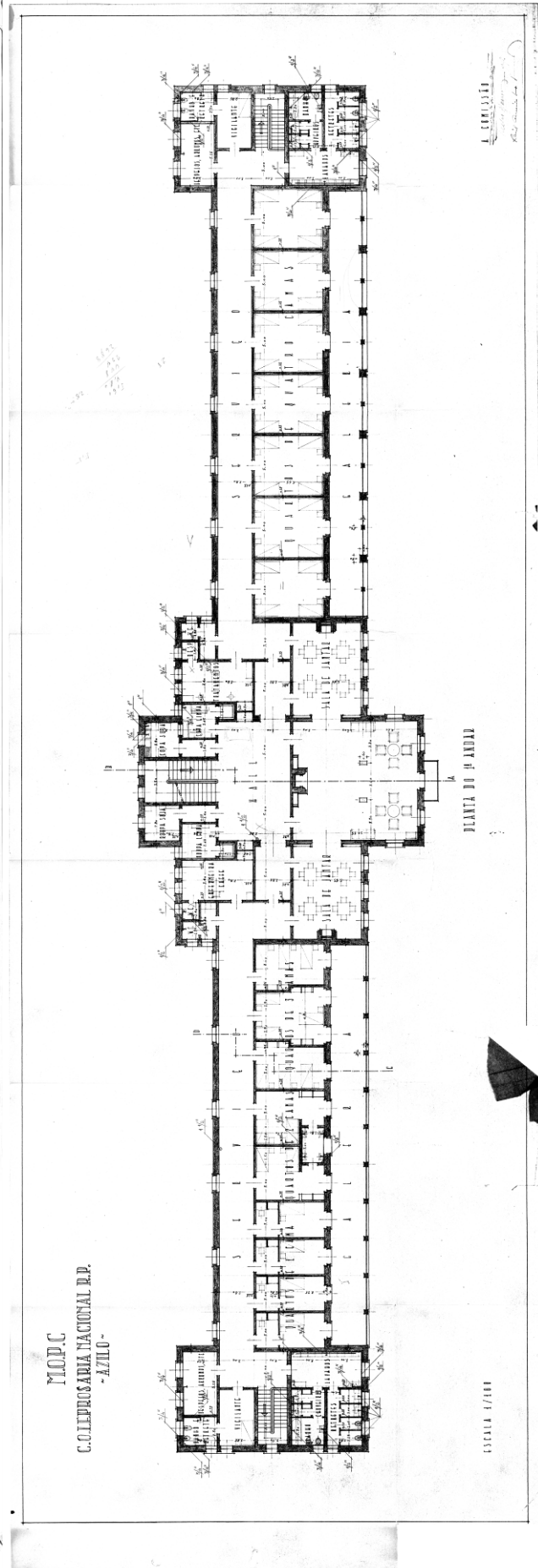
Conventinho

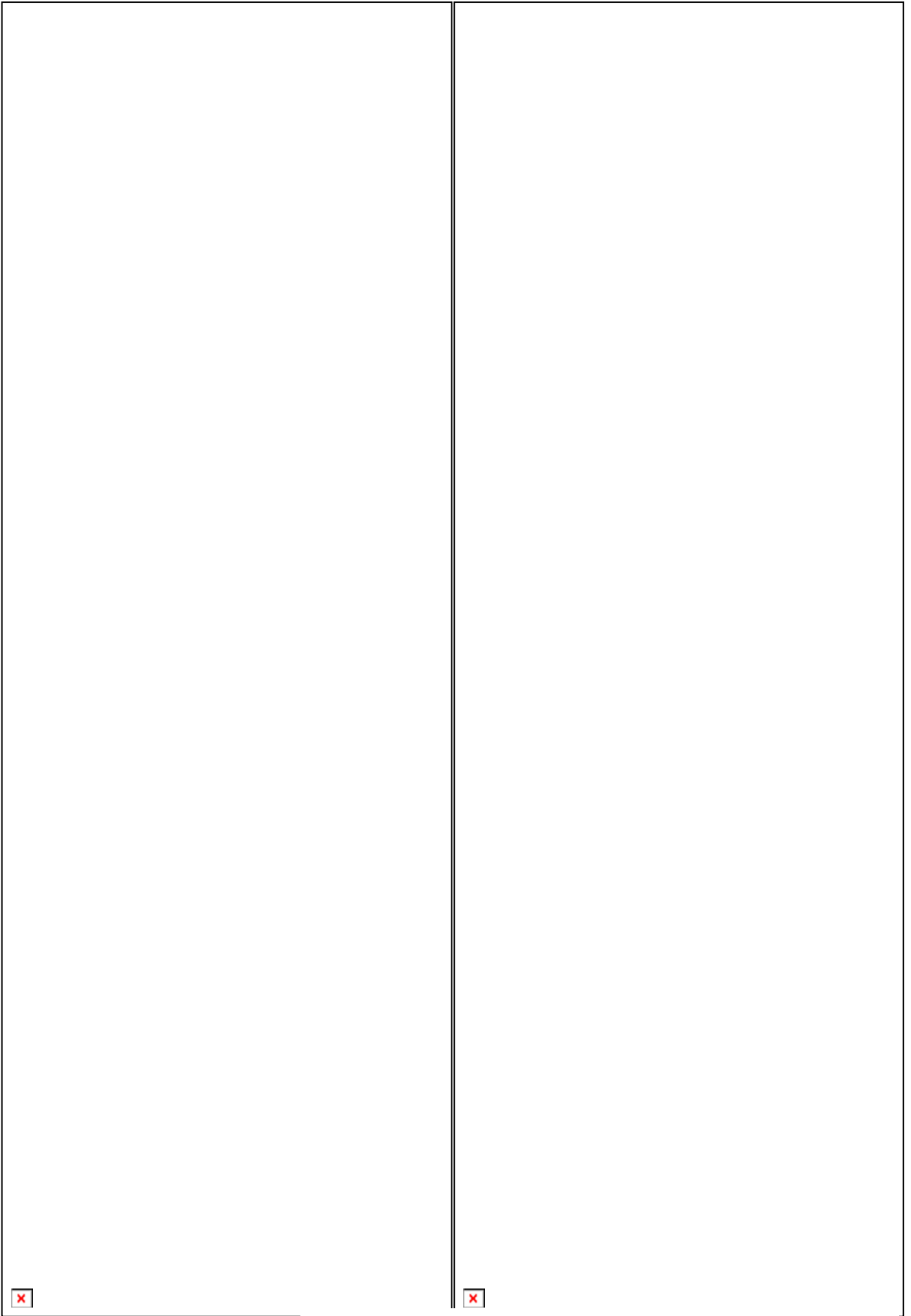
EMCO - C

MOP.C
C.COLLEGIADIA NACIONAL R.P.
- AZIL -



MOP.C
C.COLLEGIADIA NACIONAL R.P.
- AZIL -

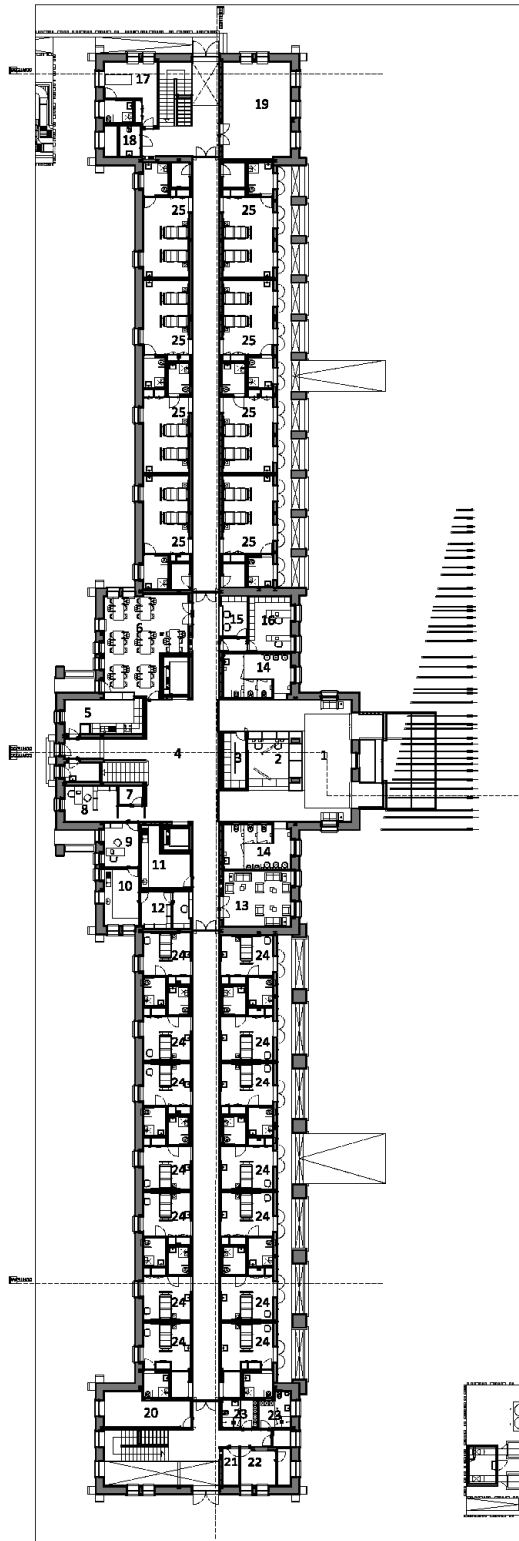




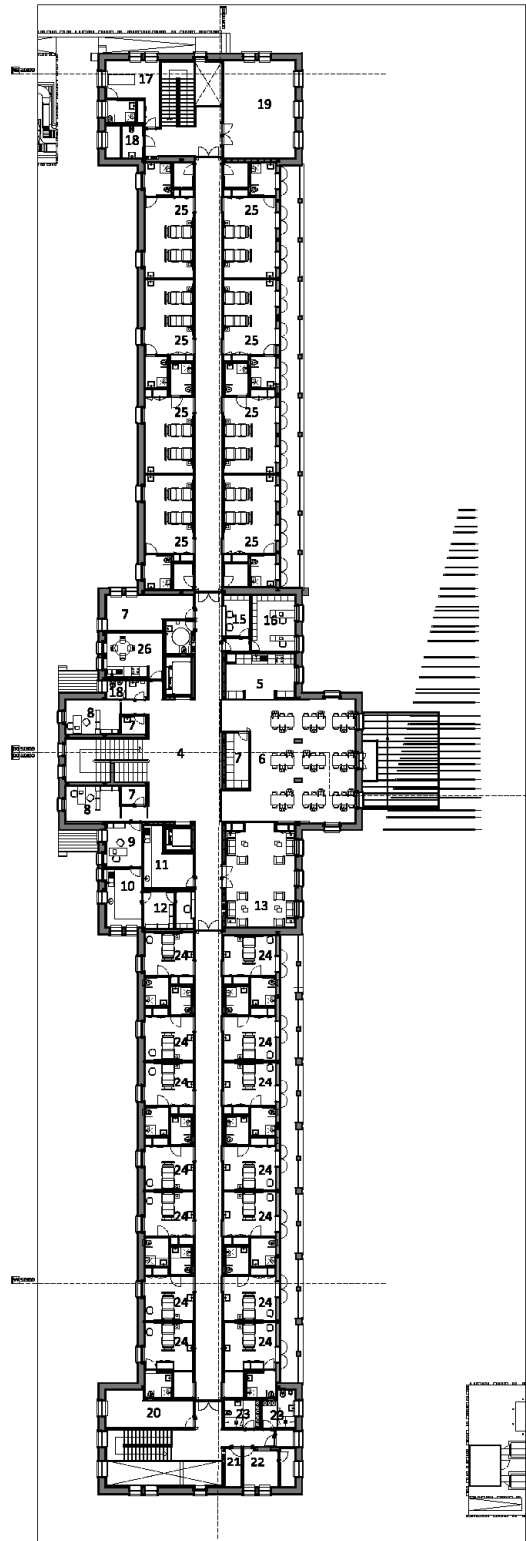
| | |
|--|--|
| | |
|--|--|



Memórias de Atelier



PLANTA PISO 0

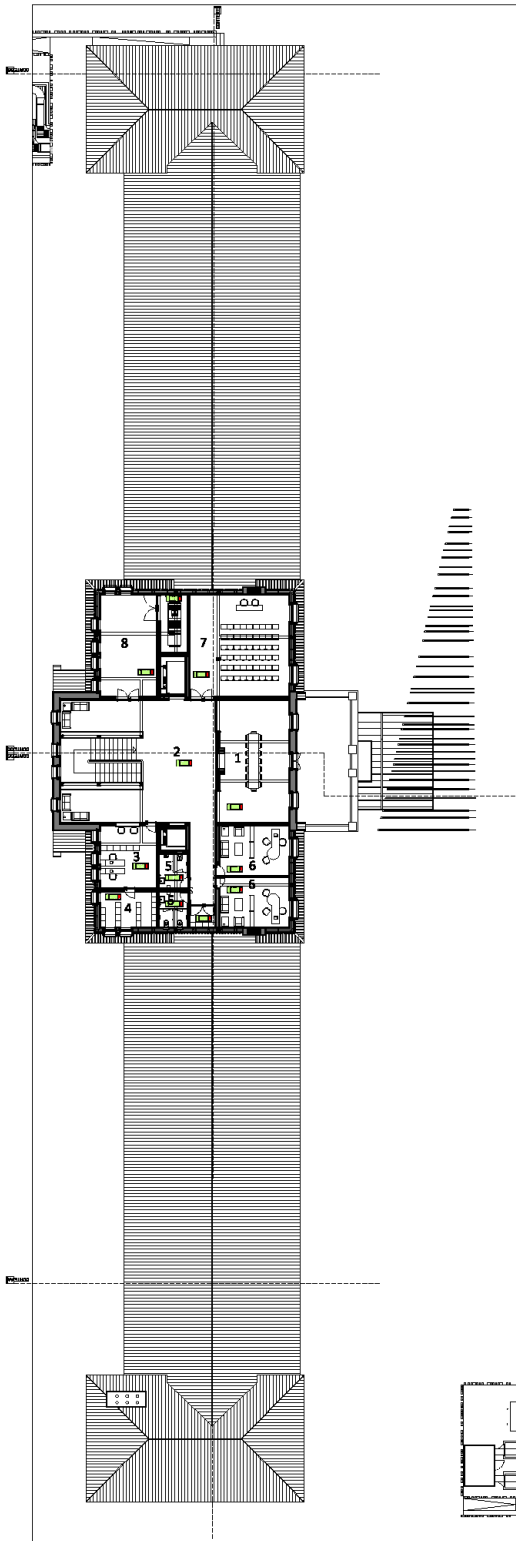


PLANTA PISO 1

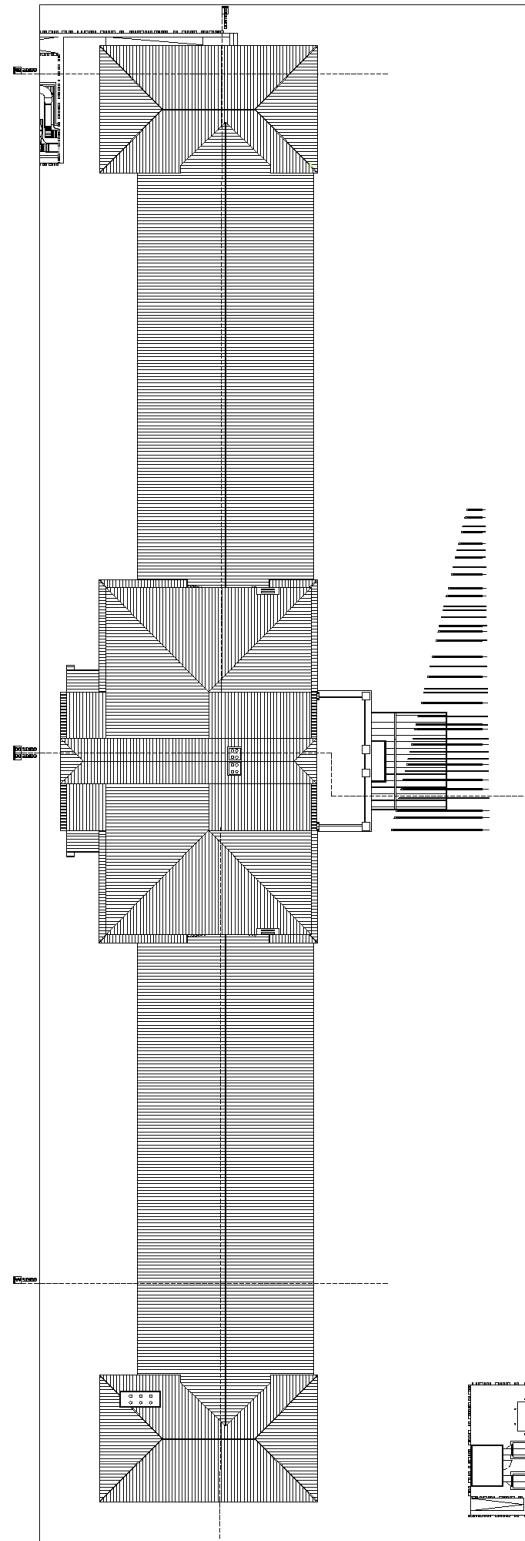
LEGENDA: 1. HALL DE ENTRADA 2. RECEPÇÃO 3. ÁREA TÉCNICA 4. ZONA DE DISTRIBUIÇÃO 5. COPA 6. SALA DE REFEIÇÕES 7. ARRUMOS 8. GABINETE MÉDICO 9. GABINETE DE ENFERMAGEM 10. SALA DE PREPARAÇÃO DE MEDICAMENTO 11. SALA DE TRATAMENTOS 12. SALA DE CONTROLO 13. SALA DE ESTAR 14. INSTALAÇÃO SANITÁRIA ACOMPANHANTES 15. SECRETARIADO CLÍNICO 16. SALA DE TRABALHO 17. BANHO ASSISTIDO 18. INSTALAÇÃO SANITÁRIA FUNCIONÁRIOS 19. GINÁSIO 20. SALA DE SUJOS 21. ROUPARIA 22. SALA DE EQUIPAMENTOS 23. VESTIÁRIO 24. QUARTO INDIVIDUAL 25. QUARTO DUPLO 26. SALA DE PESSOAL



0 1 10



PLANTA PISO 0

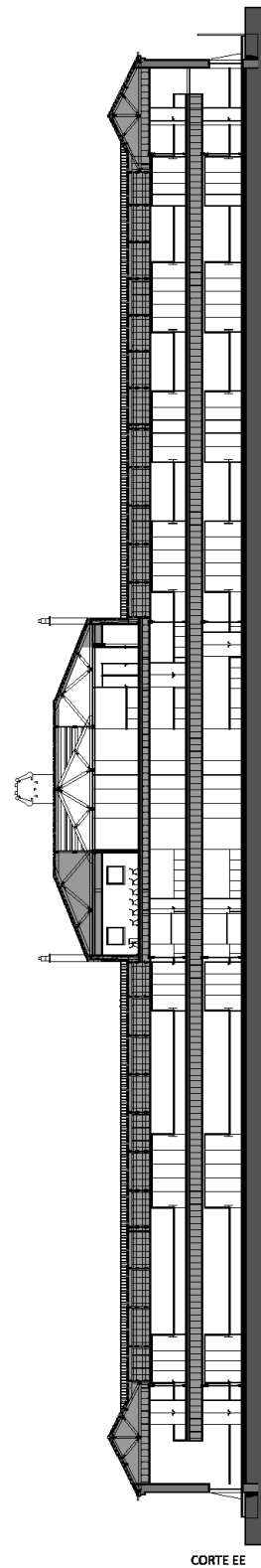
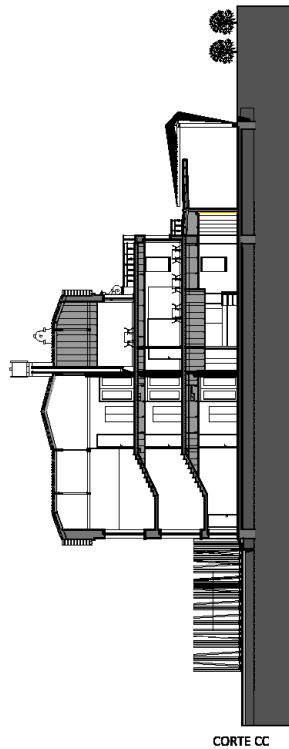
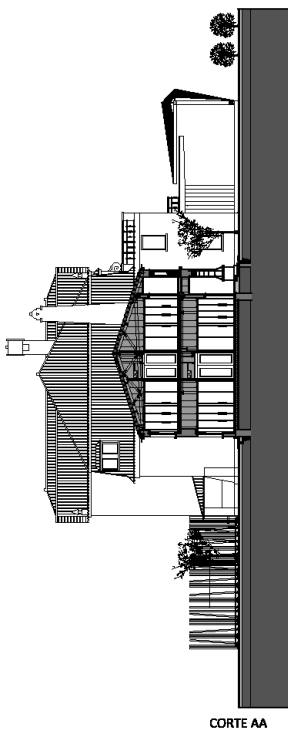
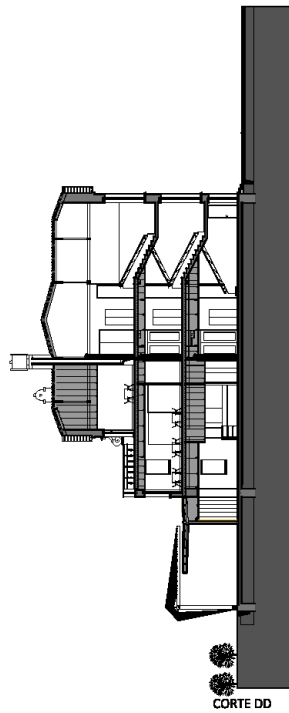
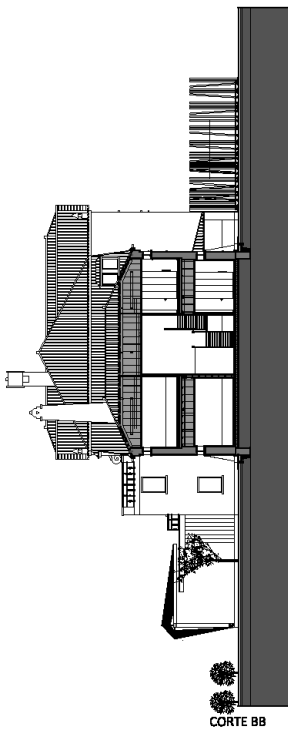


PLANTA PISO 1

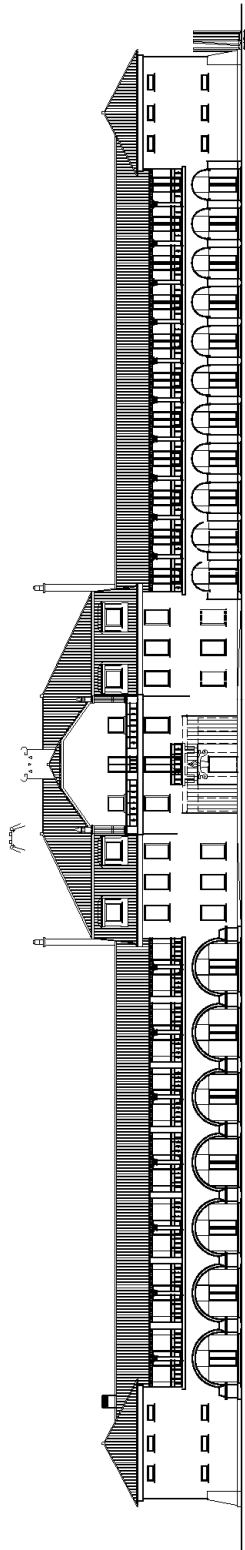
LEGENDA: 1. SALA DE REUNIÕES 2. RECEPÇÃO 3. SECRETARIADO 4. ARQUIVO 5. INSTALAÇÃO SANITÁRIA 6. GABINETE ADMINISTRATIVO 7. MINI AUDITÓRIO 8. SALA POLIVALENTE



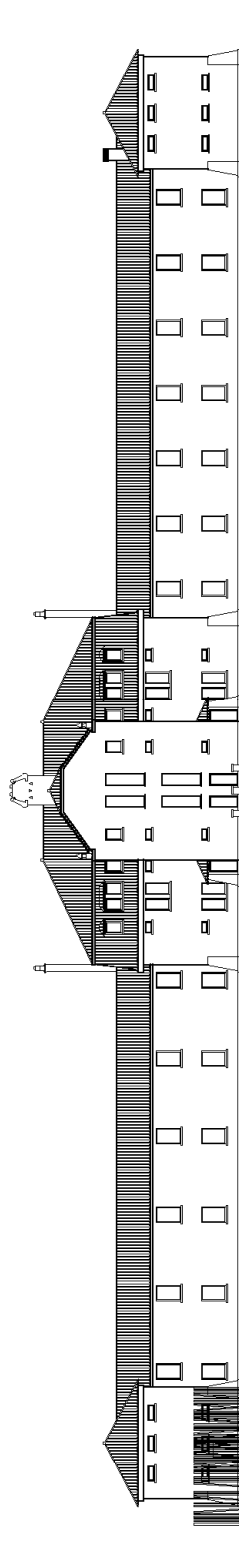
0 1 10



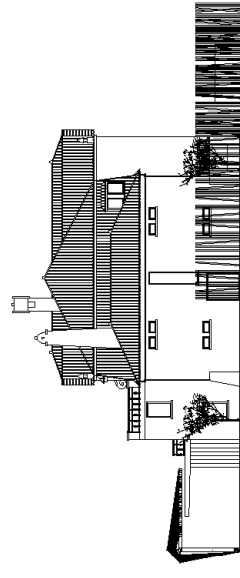
0 1 10



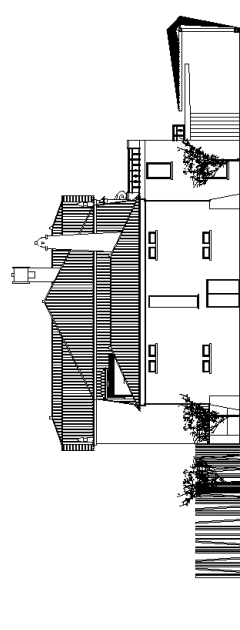
ALÇADO POENTE



ALÇADO NASCENTE



ALÇADO SUL



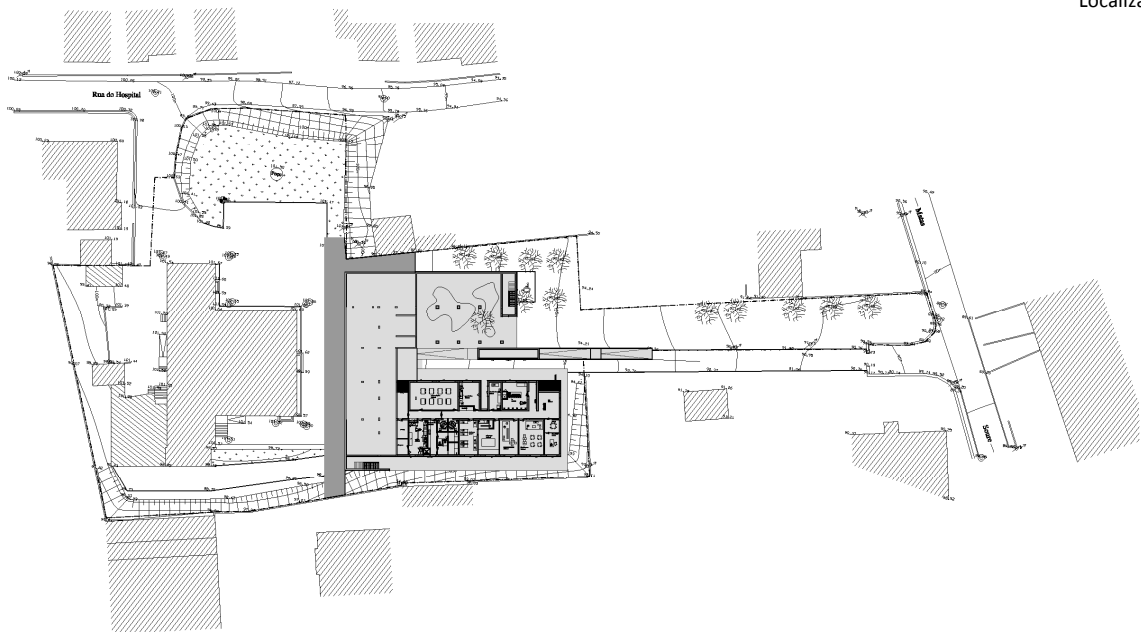
ALÇADO NORTE

0 1 10





Localização



0 10 50

Implantação Lar de Idosos

Lar de Idosos + Creche em Soure

O atelier foi abordado pela Santa Casa da Misericórdia de Soure no sentido de executar um projecto para um lar de Idosos e Creche para aumentar a capacidade já instalada da mesma na assistência a idosos e crianças. Esta Instituição particular de solidariedade social tem na Vila de Soure dois equipamentos complementares. Um deles localizado na zona poente da vila, está situado numa parcela contígua à antiga Escola Secundária entretanto transferida. O equipamento que aqui se apresenta em Projecto visa o reforço da capacidade de instalação da Santa Casa da Misericórdia através da construção de um novo lar na mesma parcela onde já tem um para utentes com mobilidade reduzida, e contíguo a um Jardim de Infância Municipal; facto que revela bem a apetência desta área para receber equipamentos.

A minha colaboração neste projecto foi apenas após o estudo prévio, tendo participado activamente no seu licenciamento e projecto de execução.

O terreno disponível para o projecto tinha em frente uma pré-existência: o antigo Hospital da Santa Casa da Misericórdia. O acesso ao terreno, por meio de uma rampa levava a uma escada em frente ao edifício existente. De pequenas dimensões para o programa pedido, o terreno era plano na zona de implantação do edifício, que ficava no topo poente. O volume implantado é então dividido em dois volumes, sendo que o inferior se desenvolve no sentido longitudinal do terreno e o superior se desenvolve em “L” interceptando o primeiro fechando o terreno no lado oposto. Esta



Imagem tridimensional



Imagem tridimensional

disposição permite a utilização do espaço intermédio para as entradas no edifício, a implantação de uma rampa para o piso 1 e o aproveitamento de uma zona coberta por baixo do volume dos quartos para o recreio coberto da creche. O volume dos quartos confronta com o alçado do antigo Hospital, no piso de cima, também com 2 pisos.

O programa do Lar+Creche é então resolvido em duas alas que se dividem nos dois volumes referidos. Cada uma dessas alas tem um programa diferente, sendo que os dois pisos superiores são os quartos do lar e os inferiores são a creche e o programa de apoio ao lar.

No piso zero, o acesso à creche é de nível com o exterior, e esta desenvolve-se ao longo de um corredor. As salas de apoio funcionam ao fundo deste tendo uma saída no topo do volume. Por motivos orçamentais todo o programa do edifício foi diminuído ao mínimo permitindo uma maior economia de materiais. No Piso 0, a entrada no lar é feita pelo topo oposto através da rampa de acesso permitindo uma separação física entre os dois programas distintos. O átrio de entrada no lar permite a distribuição entre a zona administrativa, iluminada por um pátio interior com os acessos verticais e no outro lado as zonas comuns e técnicas do lar. As cozinhas, lavandarias, e zonas destinadas a pessoal foram encostadas ao muro de suporte erguido pois não precisam de tanta iluminação natural. As zonas comuns, como a sala de estar e jantar comunicam com uma varanda coberta no alçado sul, e a norte o corredor encostado ao alçado faz a distribuição pelas várias divisões. Os dois pisos superiores, de plantas idênticas, comunicam com este através



Imagem tridimensional



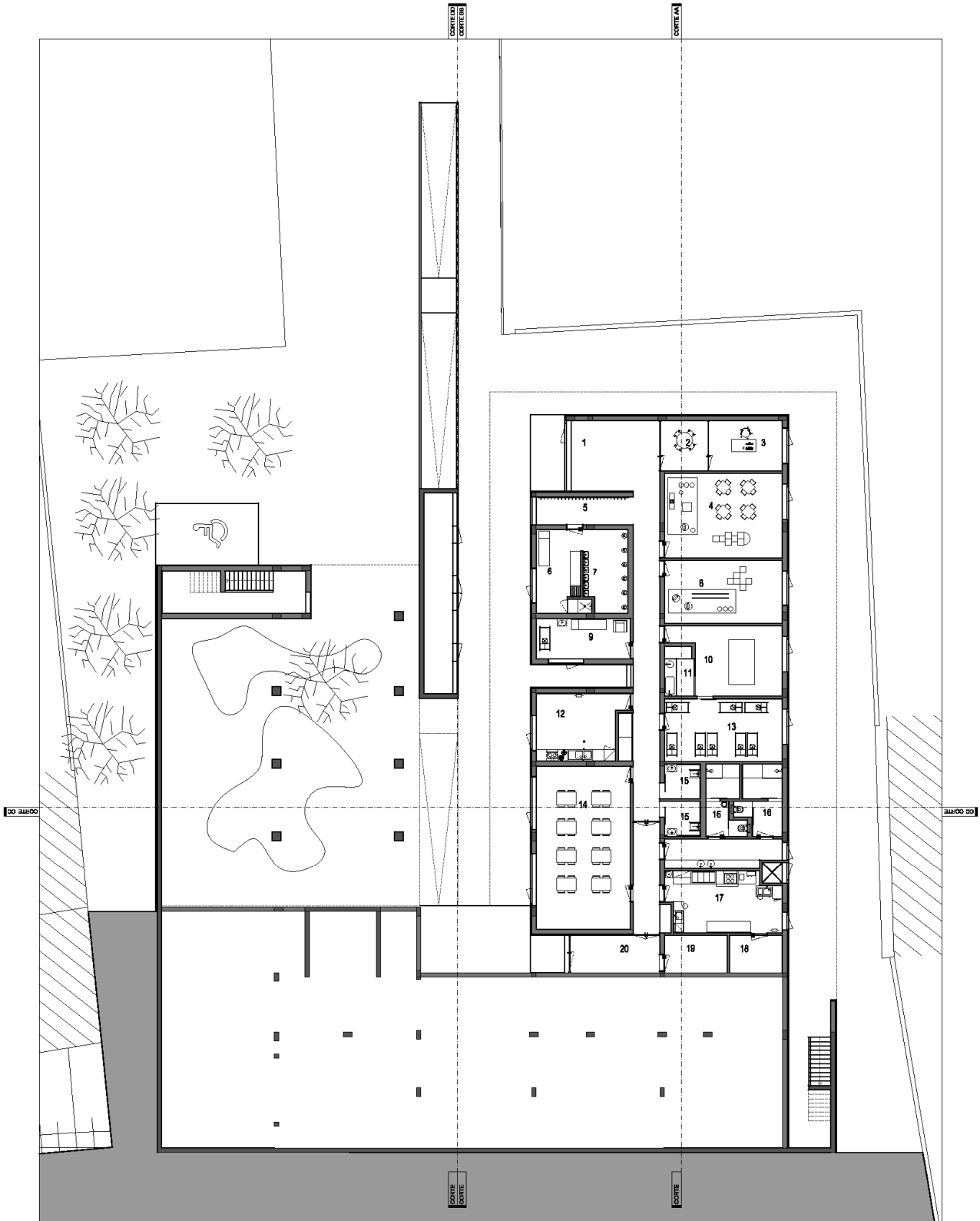
Imagem tridimensional

dos acessos verticais anexos. O primeiro, à cota do alçado principal do antigo hospital, não tem acesso exterior com este para permitir um maior controlo de entradas e saídas de utentes e funcionários. Neste volume em “L”, os 10 quartos duplos dispõem-se nos alçados poente e norte e os 6 simples nos alçados sul e nascente, intercalando com o programa de apoio aos quartos como as salas de descanso, casa de banho de apoio a deficientes e salas técnicas para especialidades. O segundo e último piso segue a mesma lógica do anterior repetindo-se programa e disposição do mesmo.

A volumetria resultante da conjugação destes dois volumes difunde-se pela utilização de avanços e recuos na fachada, maximizados pelo uso de dois materiais contrastantes. O reboco sintético sobre poliestireno expandido (sistema drivit) pintado a branco e a placagem de placas de cimento e madeira, vulgo “viroc”, pintado na cor oxicobre, dão uma leitura plástica ao edifício permitindo o uso das lages e platibandas para reforçar essa leitura de contorno e acolhimento aos núcleos do edifício.

Da entrada principal vemos dois volumes, o dos quartos poisado sobre o terreno e o das salas a poisar sobre um envasamento em cor terra chamando ao seu interior o utilizador.

Também o Lar de Idosos + Creche em Soure se encontra em fase final do processo de projecto. Entrará também em obra em Setembro, a par do Hospital Rovisco Pais. Vejo assim o meu trabalho de estirador começar a crescer na realidade, no local, e a ter o seu objecto final concretizado .

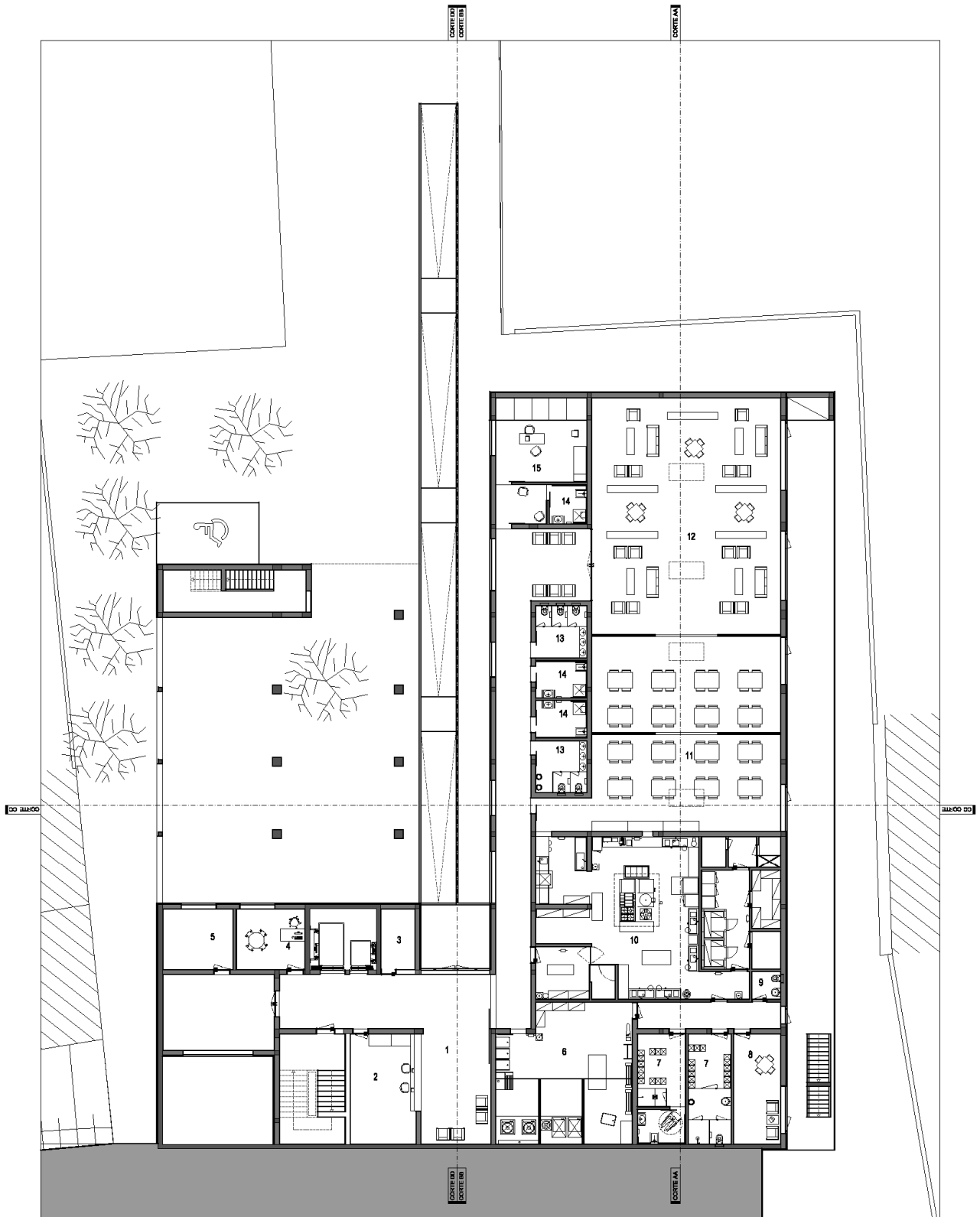


PLANTA PISO -1

LEGENDA: 1. HALL DE ENTRADA CRECHE 2. ATENDIMENTO 3. GABINETE DIRECTOR 4. SALA DE 34 A 36 MESES 5. CABIDES 6. BANCA DE MUDAS 7. INSTALAÇÃO SANITÁRIA INFANTIL 8. SALA DE MARCHA A 24 MESES 9. GABINETE MÉDICO 10. SALA PARQUE 11. ZONA HIGIENIZAÇÃO 12. COPA DE LEITES 13. SALA DE BERÇOS 14. SALA DE REFEIÇÕES 15. INSTALAÇÃO SANITÁRIA 16. INSTALAÇÃO SANITÁRIA FUNCIONÁRIOS 17. COZINHA 18. DESPENSA 19. ARRUMOS 20. ENTRADA DE SERVIÇO



0 1 5

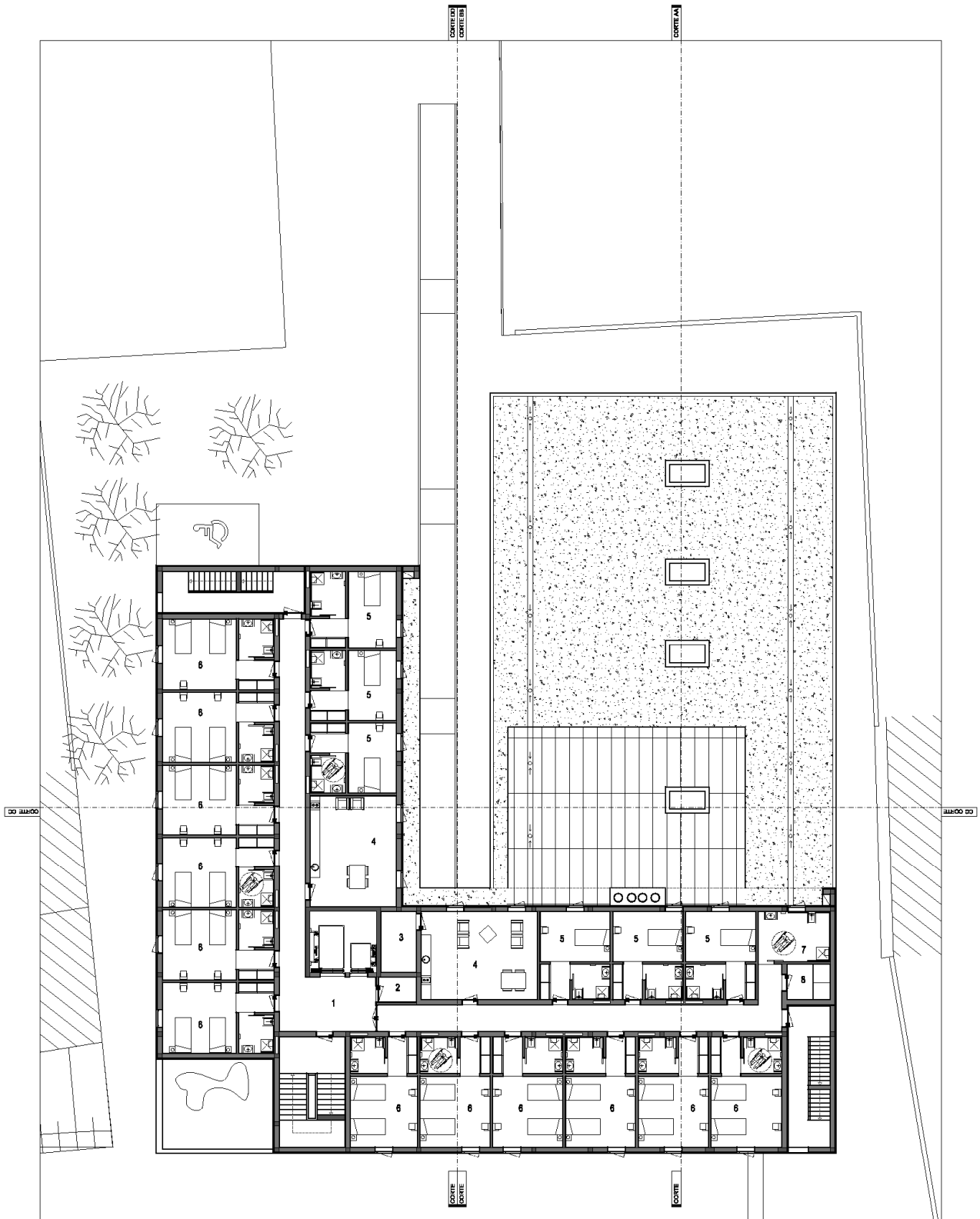


PLANTA PISO 0

LEGENDA: 1. HALL DE ENTRADA LAR DE ISOÇOS 2. ATENDIMENTO 3. ÁREA TÉCNICA 4. GABINETE DIRECTOR TÉCNICO 5. ARRUMOS 6. LAVANDARIA 7. VESTIÁRIOS FUNCIONÁRIOS 8. SALA DE FUNCIONÁRIOS 9. INSTALAÇÃO SANITÁRIA 10. COZINHA 11. SALA DE REFEIÇÕES 12. SALA DE ESTAR 13. INSTALAÇÃO SANITÁRIA 14. INSTALAÇÃO SANITÁRIA DE APOIO 15. GABINETE MÉDICO



0 1 5

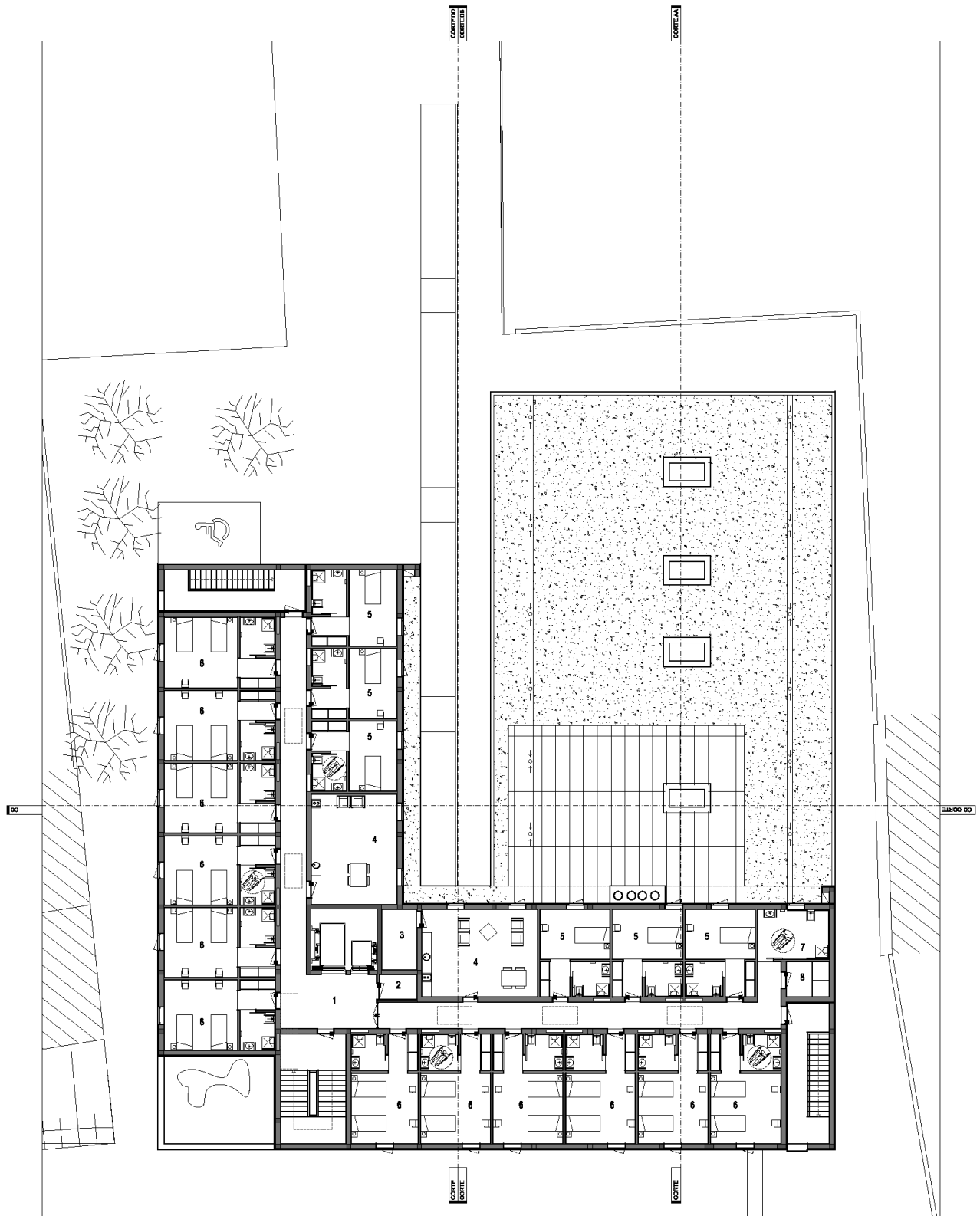


PLANTA PISO 1

LEGENDA: 1. HALL DE DISTRIBUIÇÃO 2.ROUPARIA 3.ÁREA TÉCNICA 4.SALA DE APOIO/SALA DE ESTAR 5.QUARTO INDIVIDUAL 6.QUARTO DUPLO 7.INSTALAÇÃO SANITÁRIA DE APOIO 8. SALA DE SUIOS



0 1 5

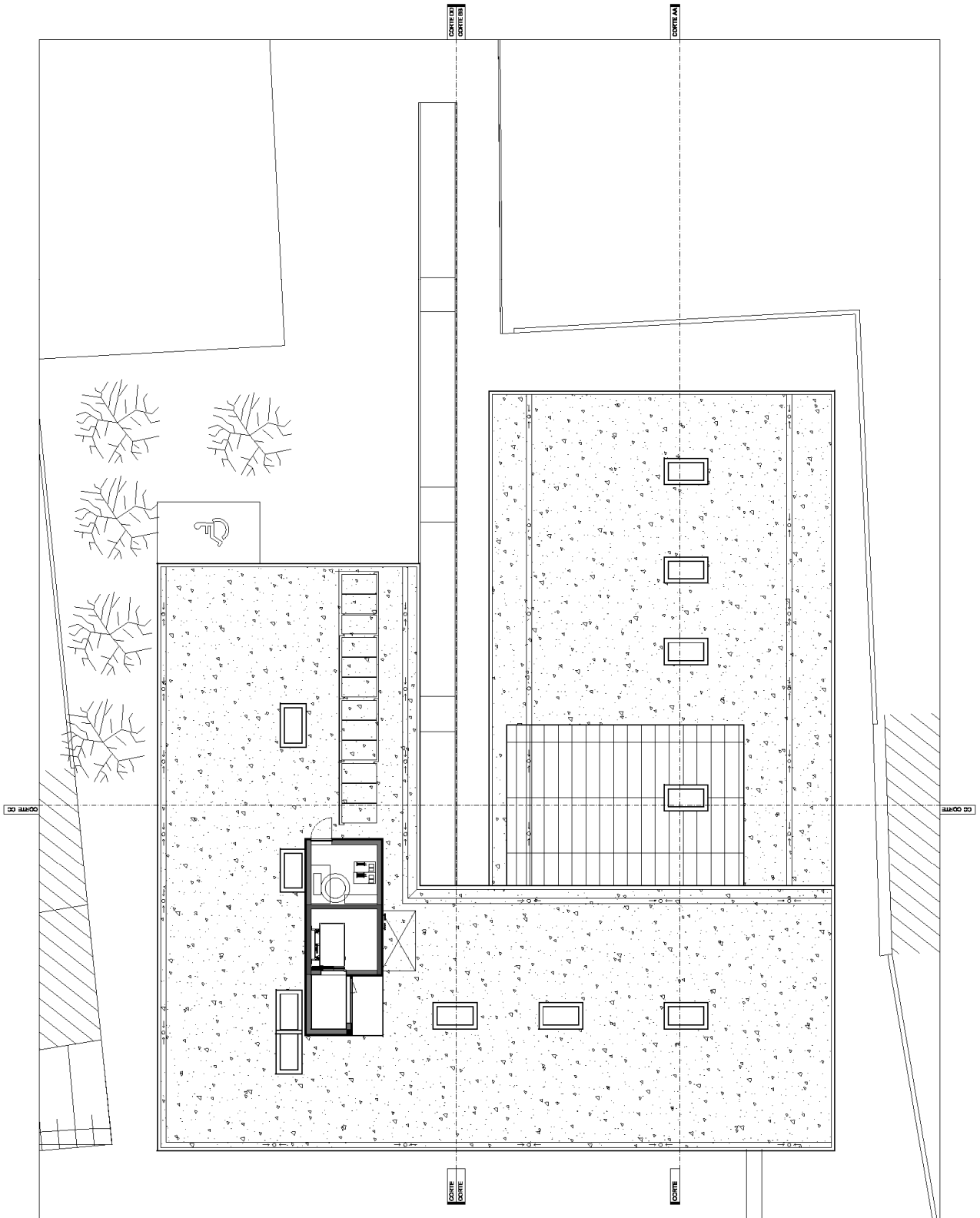


PLANTA PISO 2

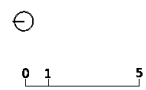
LEGENDA: 1. HALL DE DISTRIBUIÇÃO 2.ROUPARIA 3.ÁREA TÉCNICA 4.SALA DE APOIO/SALA DE ESTAR 5.QUARTO INDIVIDUAL 6.QUARTO DUPLO 7.INSTALAÇÃO SANITÁRIA DE APOIO 8. SALA DE SUJOS

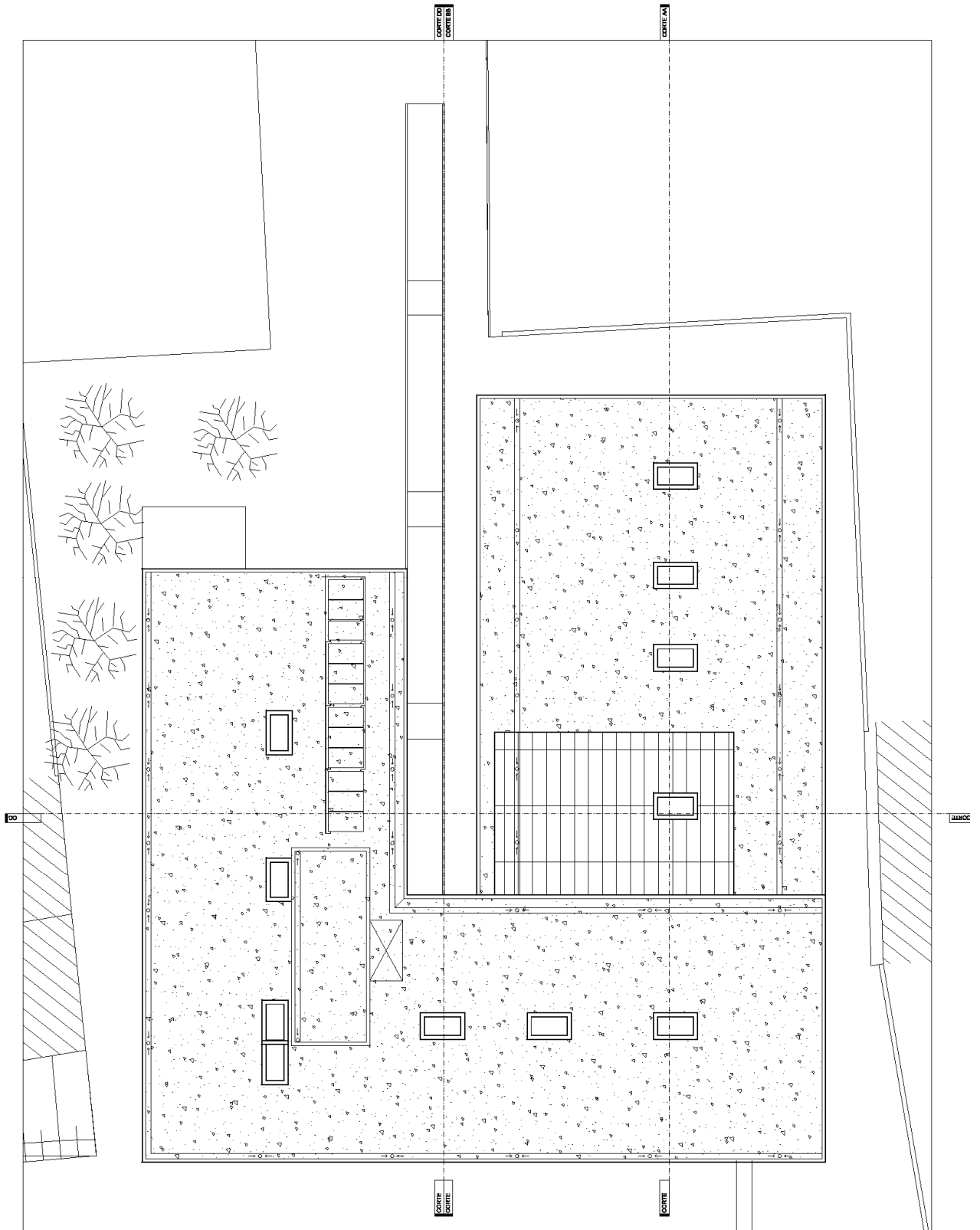


0 1 5



PLANTA PISO TÉCNICO

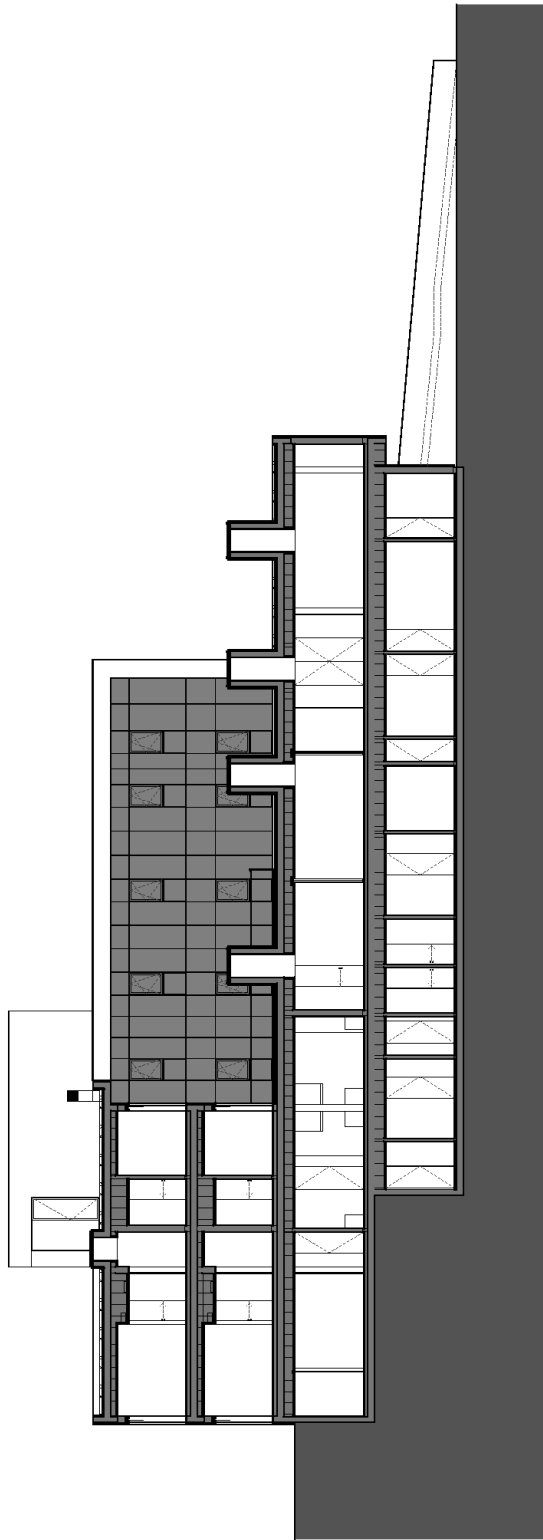




PLANTA COBERTURAS



0 1 5

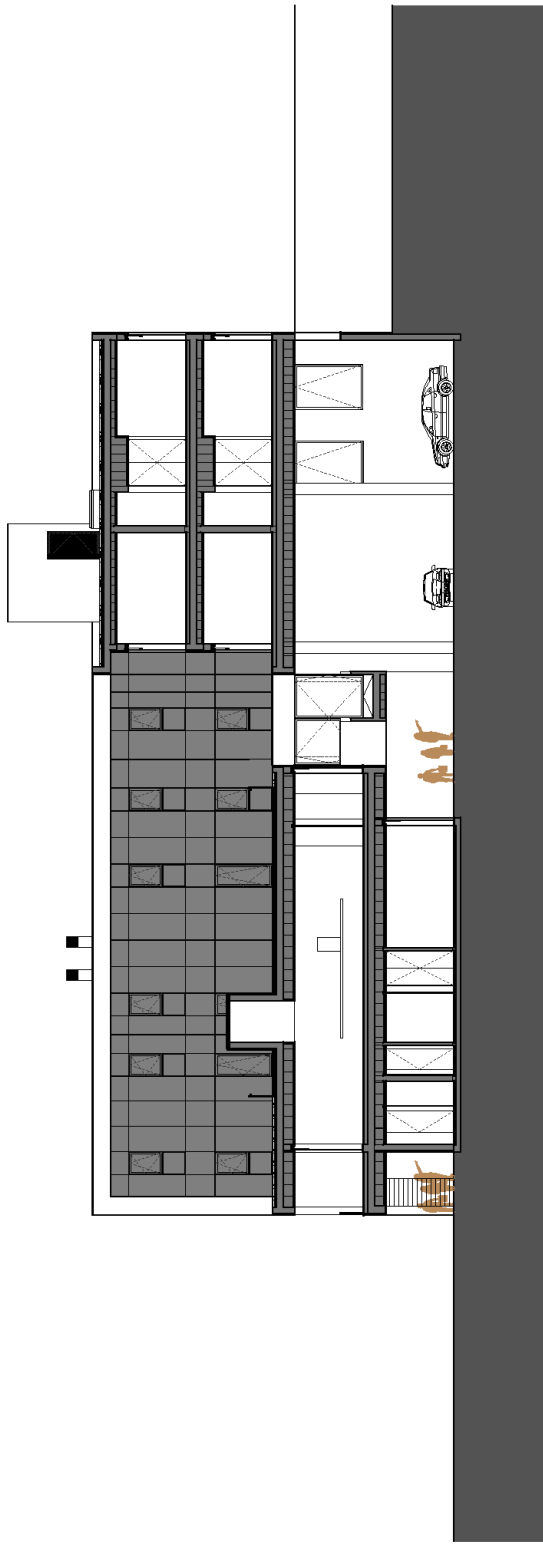


CORTE AA

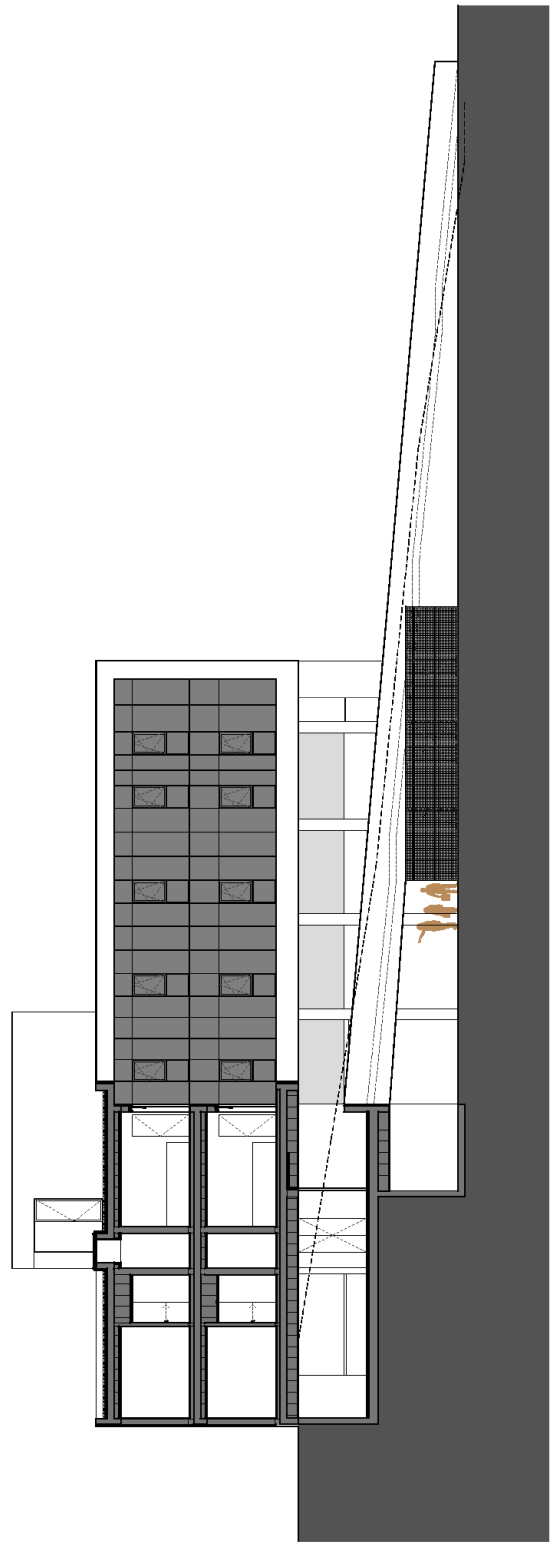


CORTE BB

0 1 5

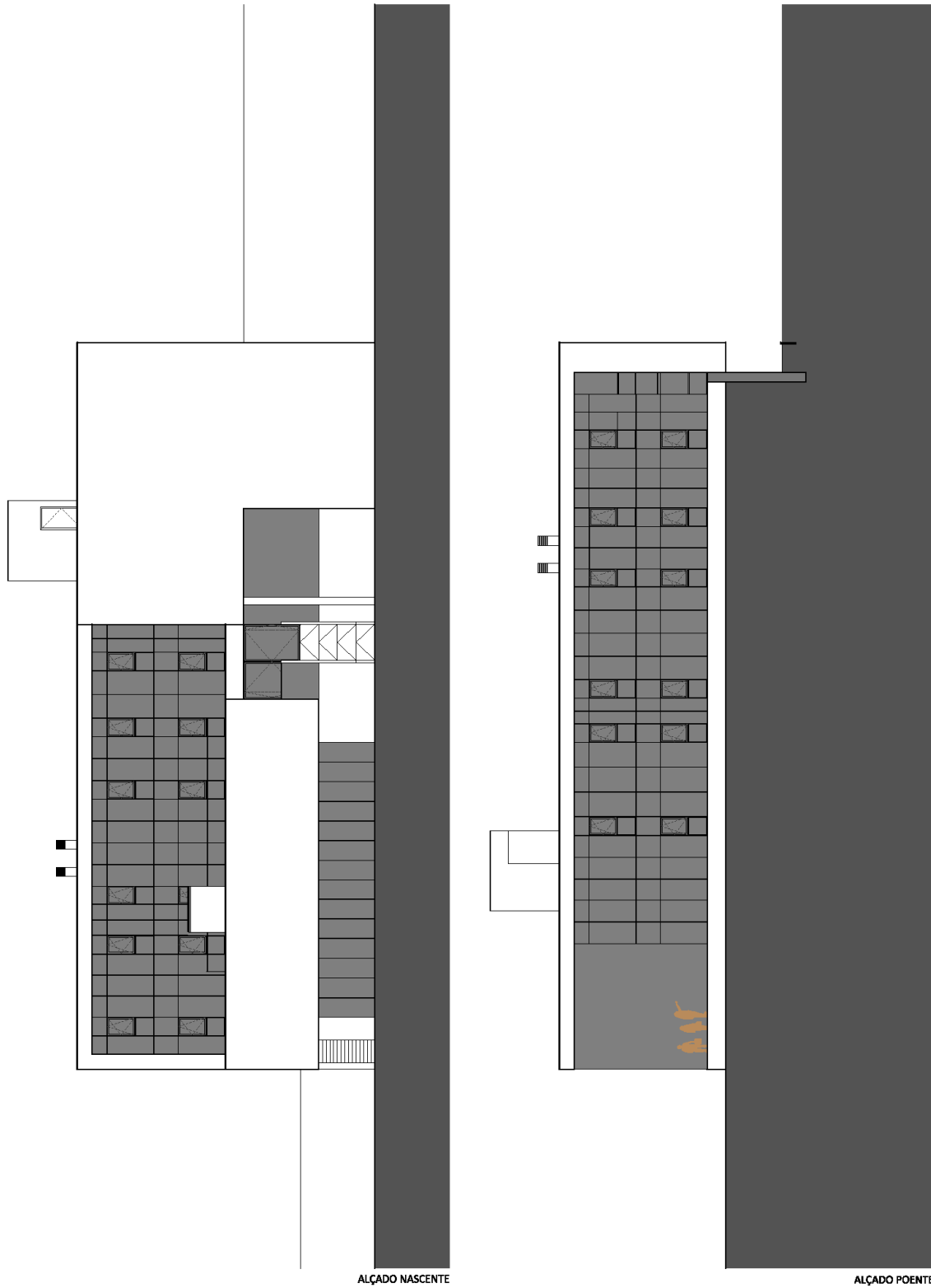


CORTE CC

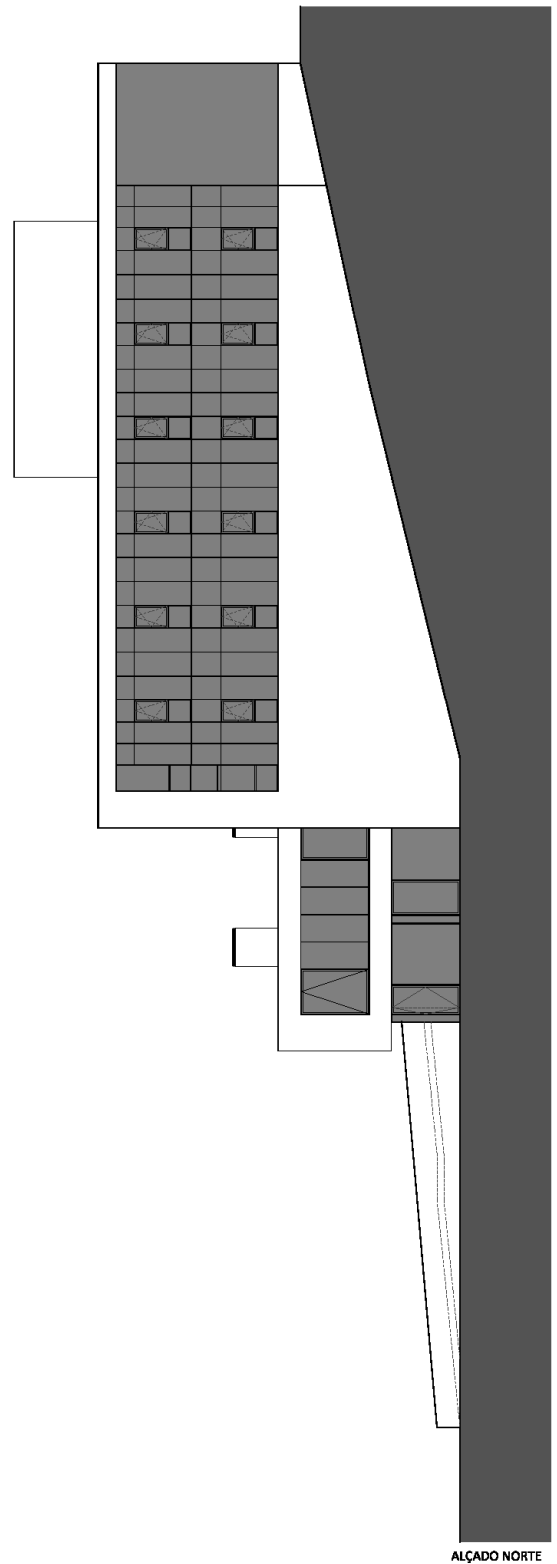
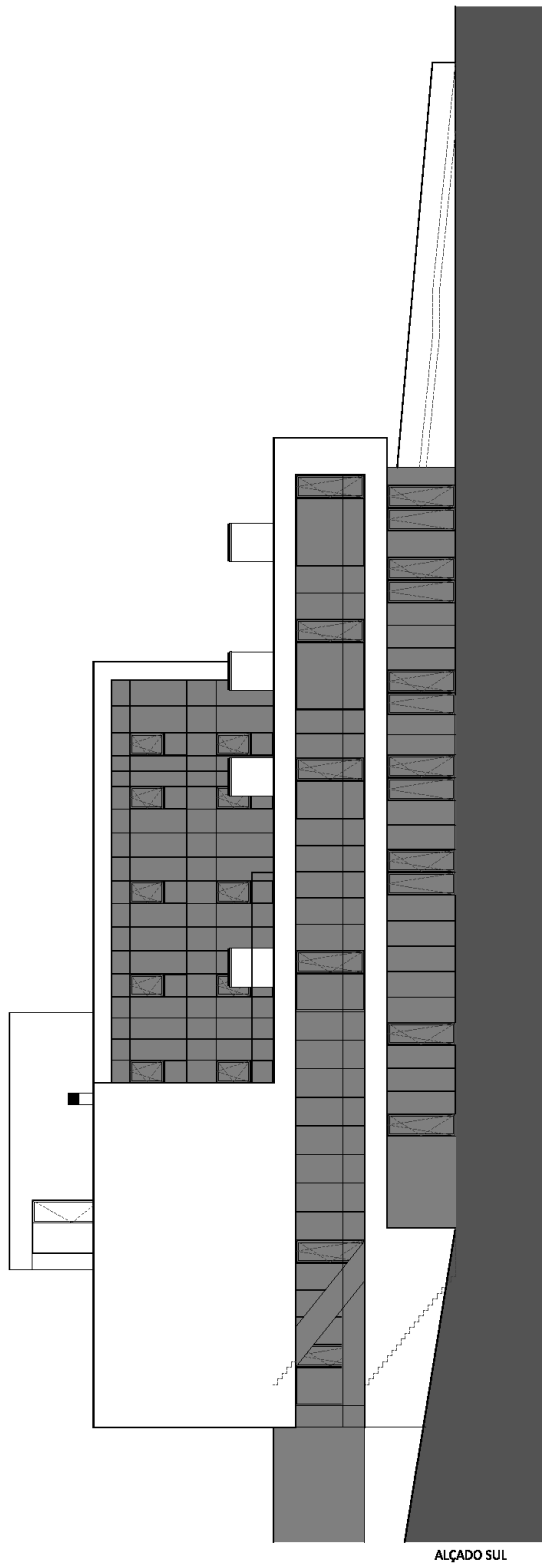


CORTE DD

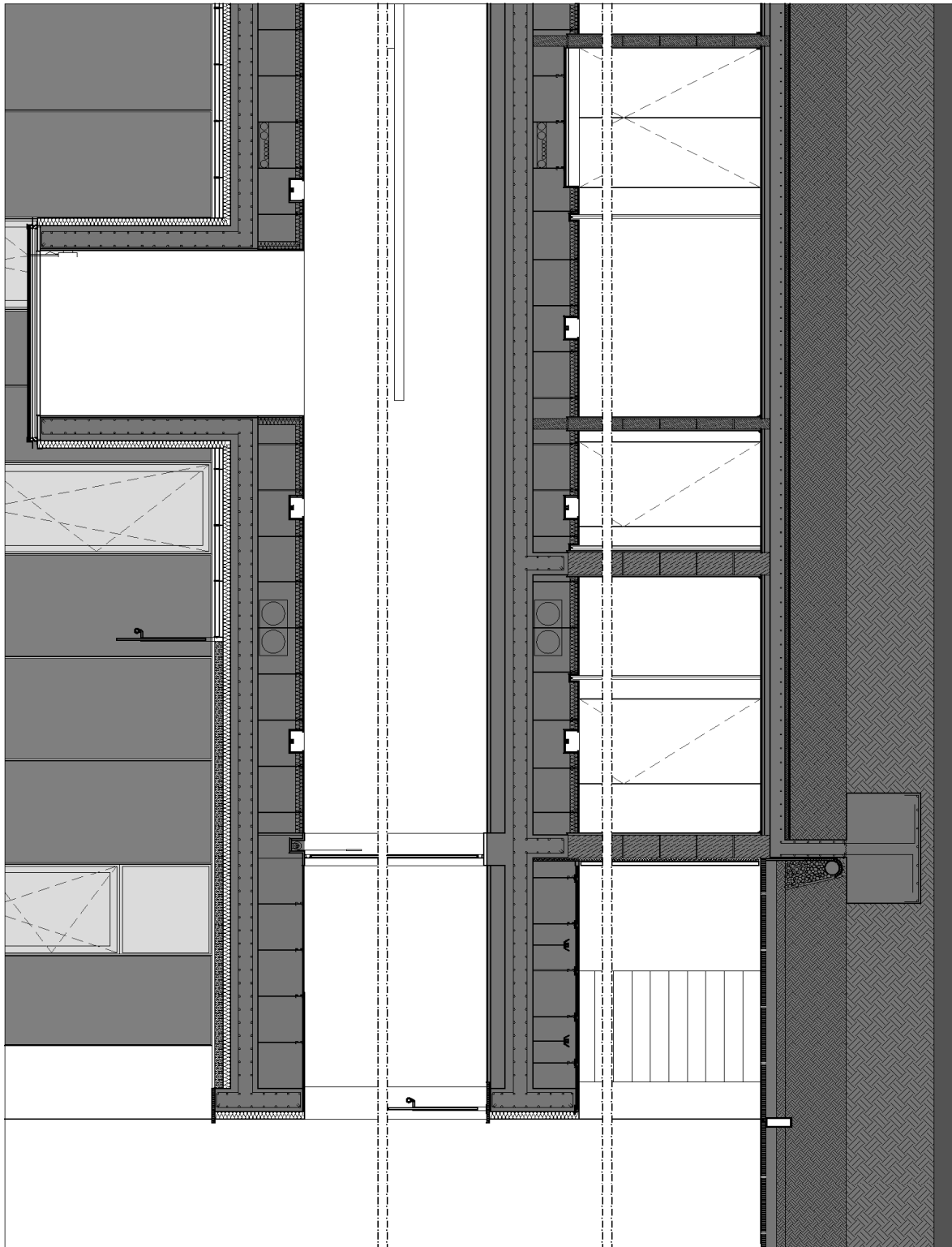
0 1 5



0 1 5



0 1 5

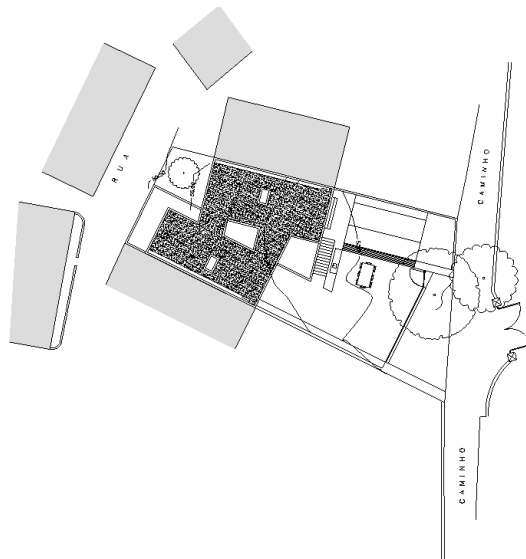


CORTE CC

00,1 1



Terreno existente



01 10

Habitação Unifamiliar em Pereiras, Loulé

Além dos edifícios de programa público, também participei em projectos de habitação unifamiliar. A moradia em Pereiras é um de alguns projectos que passam pelas minhas mãos. Neste caso estamos a falar de uma habitação familiar no Algarve, localizada num terreno de cerca de 330m² entre duas habitações existentes. O terreno tem acesso pelo topo nascente e poente. Partindo destes pressupostos, implantou-se a moradia respeitando as pré-existências contíguas ao terreno e prolongando a volumetria para o centro do terreno. A intercepção entre estas duas volumetrias cria um pátio central semi-coberto, em redor do qual o programa interior da habitação funciona. Este pátio abre-se para a traseira do terreno onde colocamos a piscina e a garagem. A entrada faz a distribuição da cozinha, sala de estar e escritório com a casa de banho de serviço. Apenas o escritório é aberto para a rua principal com um pequeno vão. A sala e a cozinha viram para Nascente e também para o pátio central ficando frente a frente e tendo uma leitura global da largura do lote. O acesso aos pisos superiores é feito através de escada encostada ao alçado poente, permitindo virar o programa comum da casa para poente e para a traseira do terreno. No piso 1 encontramos três quartos. Dois encostados ao alçado sul com instalação sanitária comum e o terceiro quarto, mais informal, virado a nascente e para o pátio. O acesso à cobertura é feito pela mesma caixa de escadas sendo que neste piso prevemos a instalação de um jacuzzi exterior. Na cave, localizamos a garagem com o comprimento total do volume

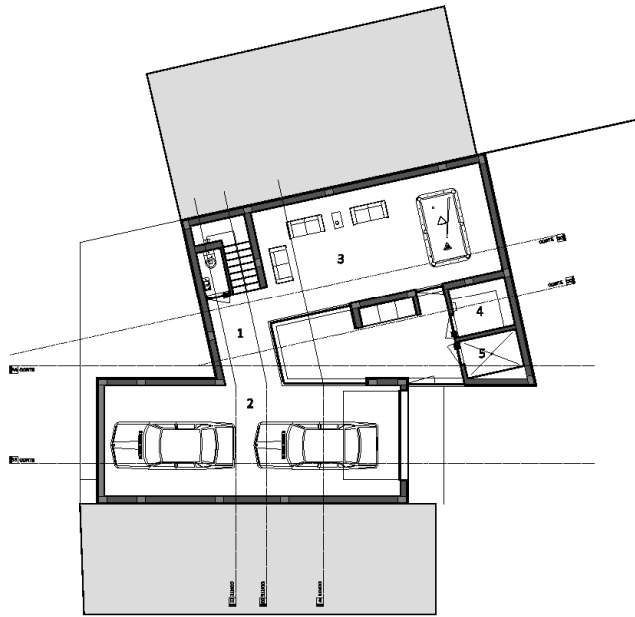


Imagem tridimensional fachada posterior

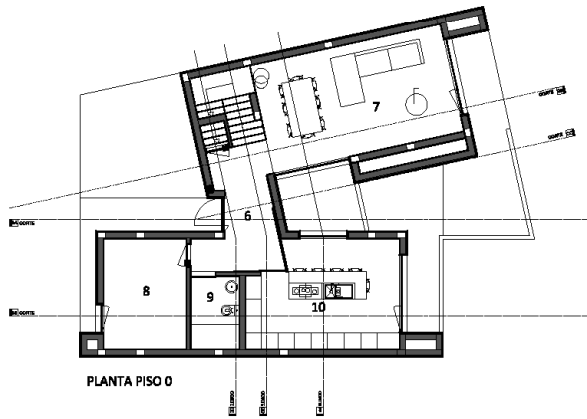


Imagem tridimensional fachada principal

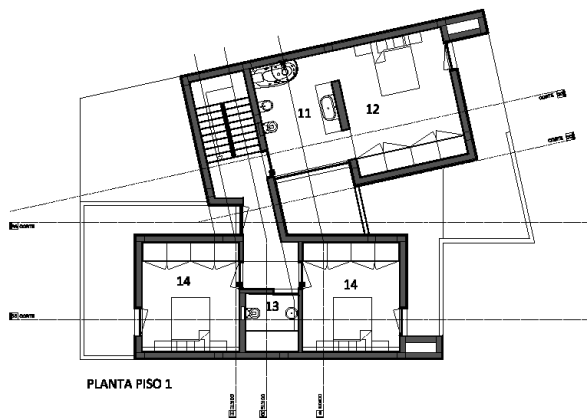
e no lado oposto uma sala de jogos. Por baixo do pátio introduziu-se também a sauna e o banho turco com acesso à zona exterior da piscina e jardim. A habitação funciona com uma caixa rachada no seu centro, em reacção à envolvente, permitindo a entrada de luz neste e a materialidade imposta ao edifício reflecte isso mesmo. Um ovo que abre e deixa espreitar pelo seu interior. A vista para o mar a nascente no primeiro piso e cobertura também justifica esta abertura da casa para as traseiras permitindo uma intimidade e ao mesmo tempo abertura para a envolvente.



PLANTA GARAGEM

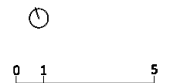


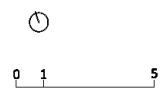
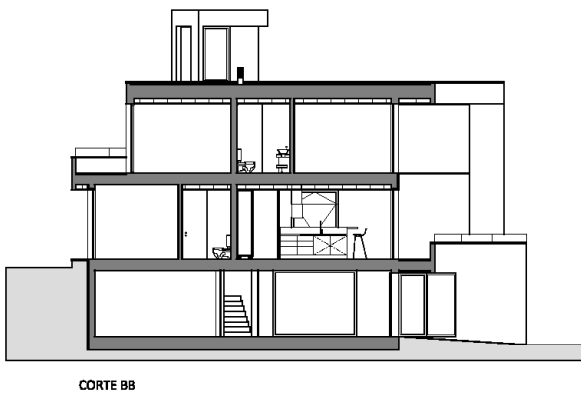
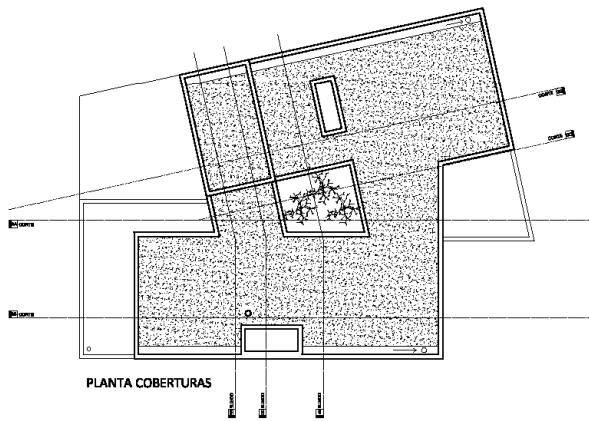
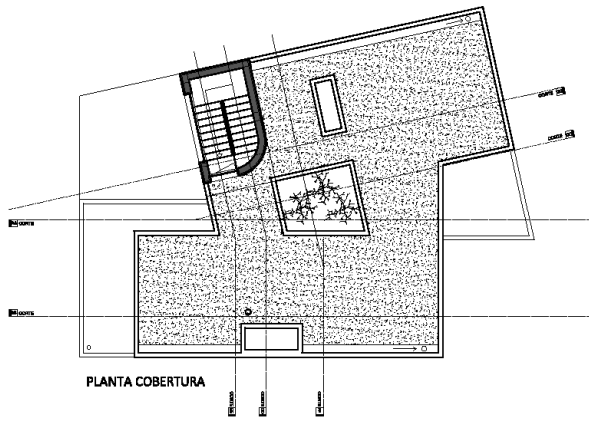
PLANTA PISO 0

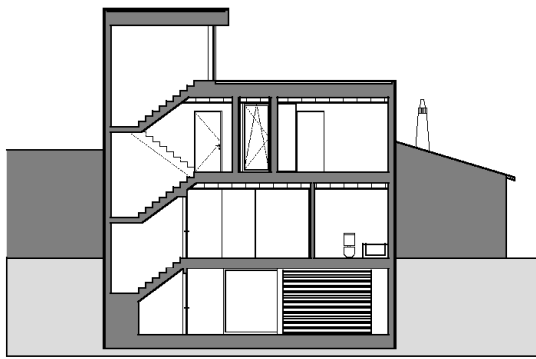


PLANTA PISO 1

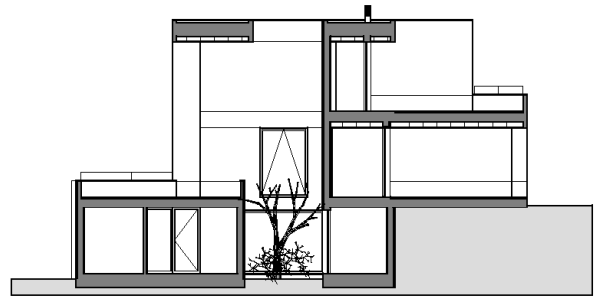
LEGENDA: 1. HALL DE DISTRIBUIÇÃO 2. GARAGEM 3. SALA DE JOGOS 4. SAUNA 5. BANHO TURCO 6. HALL DE ENTRADA 7. SALA 8. ESCRITÓRIO 9. INSTALAÇÃO SANITÁRIA 10. COZINHA 11. INSTALAÇÃO SANITÁRIA SUITE 12. SUITE 13. INSTALAÇÃO SANITÁRIA 14. QUARTO



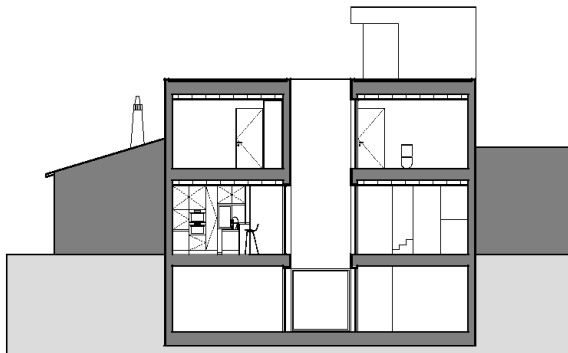




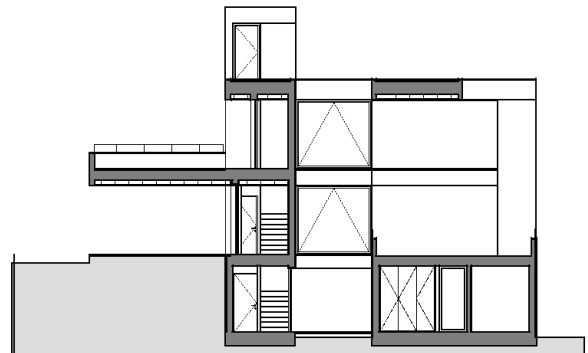
CORTE EE



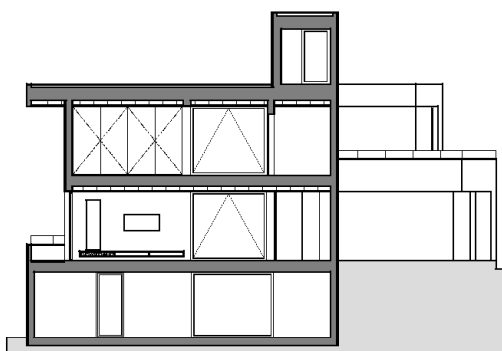
CORTE AA



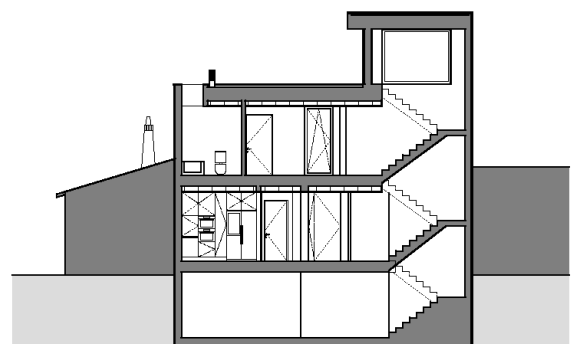
CORTE FF



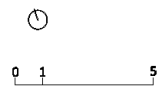
CORTE CC

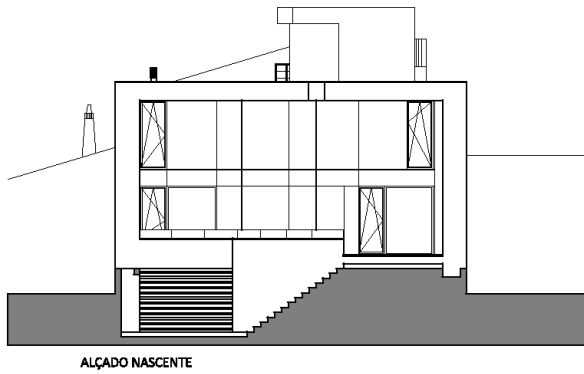


CORTE GG

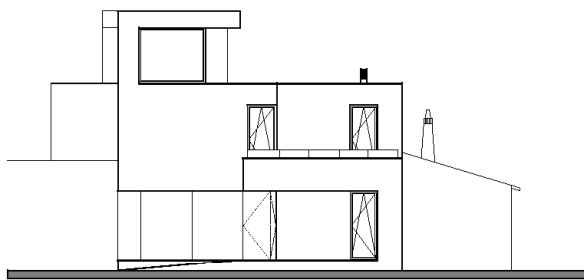


CORTE DD

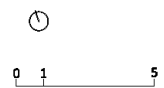




ALÇADO NASCENTE



ALÇADO POENTE



Concursos

Casa da juventude de Portimão

Este primeiro concurso pretendia dar uma resposta de requalificação para uma antiga escola pavilhonar pré-fabricada dos anos 70.

“Os Termos de Referência para este concurso enunciavam com clareza o posicionamento urbanístico da área onde se situa a antiga escola, face ao tecido alargado da cidade de Portimão: *“...numa zona periférica da cidade, a meio caminho da Praia da Rocha, no sítio do Pontal localiza-se a Escola Básica de 2º e 3º Ciclos, D. Martinho Castelo Branco...”*”.

Os termos “periférica” e “meio caminho” relevam, não uma fraqueza territorial, mas sim a expressão das formas de crescimento urbano recente da maioria das nossas cidades. De facto a condição periférica é um enunciado de distância face ao centro histórico e consolidado da cidade, mas não é necessariamente um sinónimo de falta de qualidades urbanística. O reconhecimento inequívoco da localização do centro de Portimão não pode ser confundido com o atributo de “centralidade” que reconhecemos imediatamente em outros pólos do tecido urbano. O aglomerado de equipamentos escolares existentes na área onde se inscreve este concurso confere-lhe uma elevada centralidade, naturalmente ligada à procura localizada de um tema: equipamentos de ensino.

Por outro lado, a definição “a meio caminho” pareceu-nos decisiva para entender a colocação urbanística deste equipamento: a



Escola existente



Escola existente

construção equilibrada e homogénea do tecido alargado da cidade de Portimão. Sem negar a potência da sua linha costeira e a eficácia da sua rede viária, parece-nos determinante que um equipamento como este se estabeleça como um pólo, de uma constelação urbana “multi-estelar”, com relações e conexões com todas as outras centralidades e a meio caminho... de todo o lado.”³

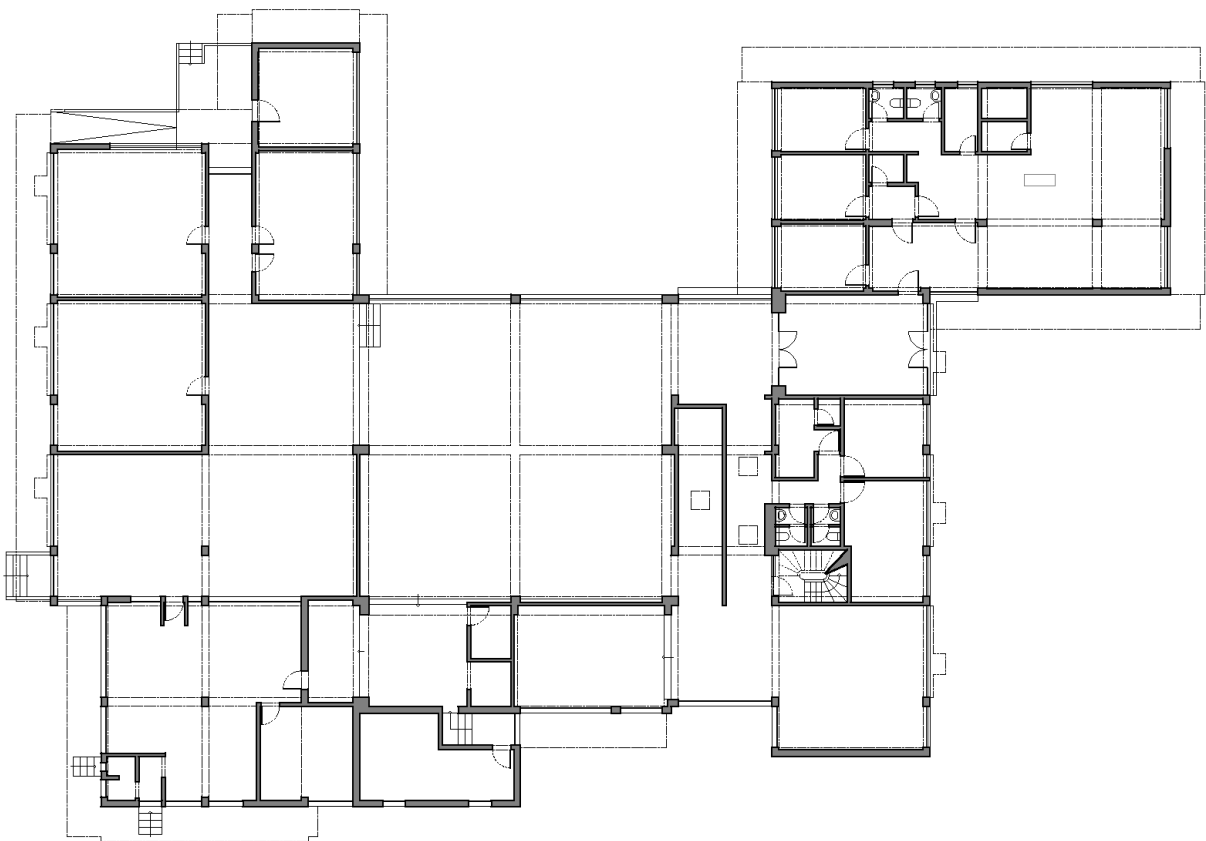
A Escola D. Martinho Castelo Branco (Pavilhão A) é a expressão edificada de uma resposta educativa própria de um país no despertar da democracia (entrada em funcionamento no ano lectivo 77/78), em que o esforço de investimento se dirigia na superação primária dos défices de equipamentos. As soluções de pré-fabricação e programas modulares eram uma ferramenta parcial que só resolvia a questão numérica do acesso geral da população ao ensino.

Trinta anos depois, e vinte cinco de serviço lectivo, o objecto que resiste não perdeu apenas a sua resposta funcional, perdeu também a capacidade de preencher o espectro simbólico que associamos aos novos equipamentos referenciais, sobretudo em tecidos urbanos de expansão recente onde o elevado crescimento do parque habitacional corrente atira para os equipamentos a responsabilidade da maior valia arquitectónica. O terreno em que se insere a escola é de planta quadrada, ladeado por duas frentes de ruas, que se cruzam numa rotunda, dando destaque ao terreno e ao edifício existente. Dada a sua ineficácia funcional, resolvemos entender o edifício

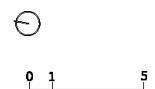
³ Da memória descritiva



Processo de revestimento dos alçados



Levantamento do existente

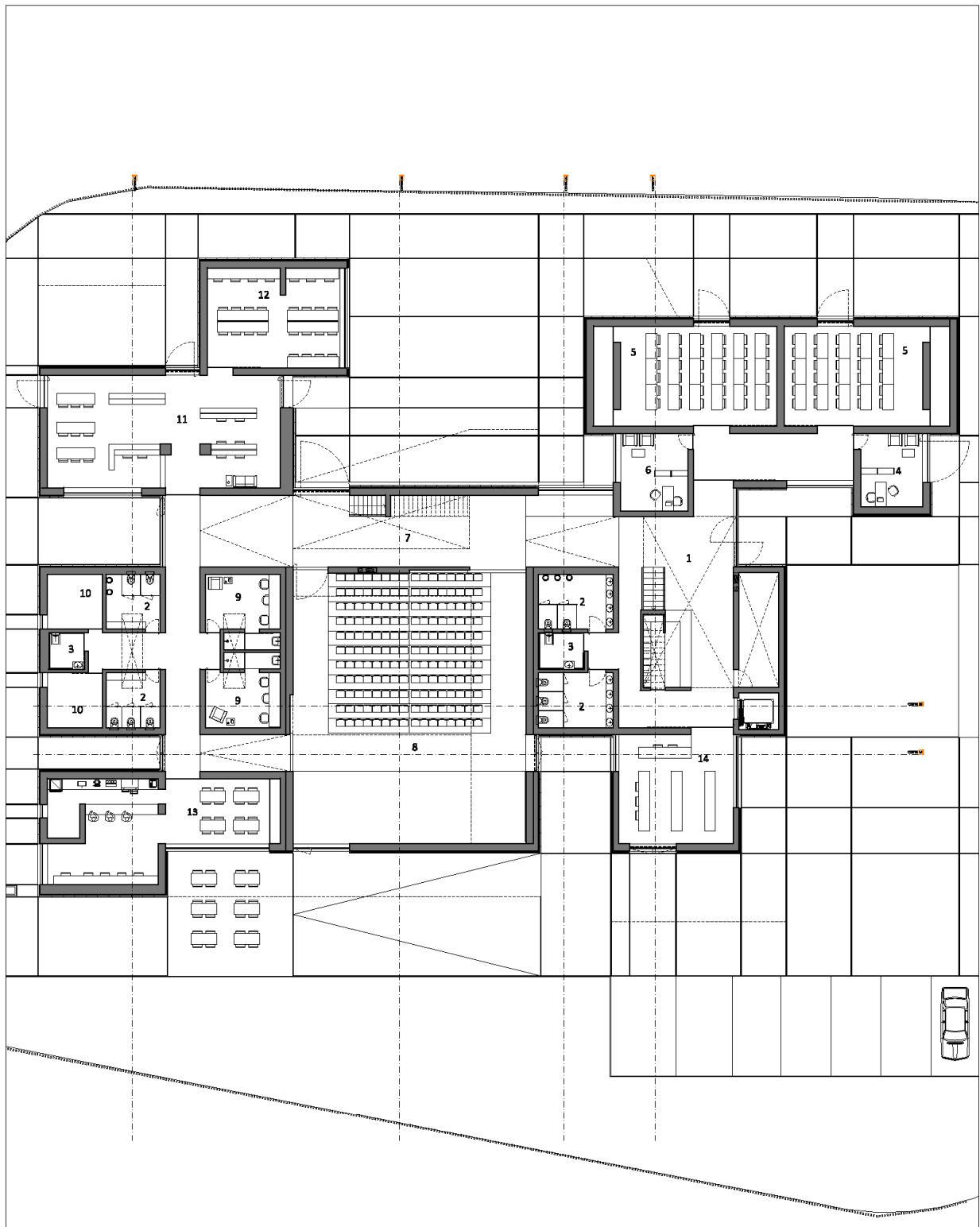


existente como uma malha estrutural sobre a qual iríamos intervir numa lógica de revestimento, reduzindo os trabalhos de demolição à expressão mínima, de aberturas de vãos ou correcções de geometria, mas fixados no objectivo de potenciar a expressão volumétrica do edifício, procurando ao mesmo tempo conferir unidade a um objecto que hoje se lê como soma de partes.

A opção por uma leitura global do edifício em contraste com a possível opção de assumir o volume existente e consequente adição de objectos construídos deve-se ao nosso entendimento de que o edifício existente, tendo a sua validade arquitectónica, não constitui uma mais valia na sua forma e expressão. A quantidade e diversidade de programa e as opções a tomar nas diversas áreas a considerar levam-nos, em âmbito de concurso, a optar pela unificação do volume descrito.

Percebemos, pois, que era através da solução construtiva que poderíamos alcançar uma imagem singular para o edifício, fundindo a sua expressão arquitectónica com os recursos construtivos e utilizando o material como tema de projecto. Em resposta ao programa pedido, estabeleceu-se um corredor funcional prioritário com 4 metros de largura, que percorre todo o programa e amarra os acessos verticais, resolvendo por intermédio de rampas as diferenças de cota existentes, e conferindo acessibilidade total para pessoas com mobilidade condicionada.

Perpendicular a este, colocou-se um corredor secundário de serviço, que resolve os restantes acessos e aumenta a capacidade de entrada/escoamento no auditório concebido como sala polivalente.



PLANTA PISO 0

LEGENDA: 1. ÁTRIO 2. INSTALAÇÃO SANITÁRIA 3. INSTALAÇÃO SANITÁRIA DE APOIO 4. GABINETE DE ACONSELHAMENTO JUVENIL 5. SALA DE FORMAÇÃO 6. GABINETE ADMINISTRATIVO 7. ZONA DE DISTRIBUIÇÃO 8. SALA POLIVALENTE 9. CAMARIM 10. ARRUMOS 11. BIBLIOTECA 12. SALA DE LEITURA 13. CAFETERIA 14. LOJA PONTO JÁ



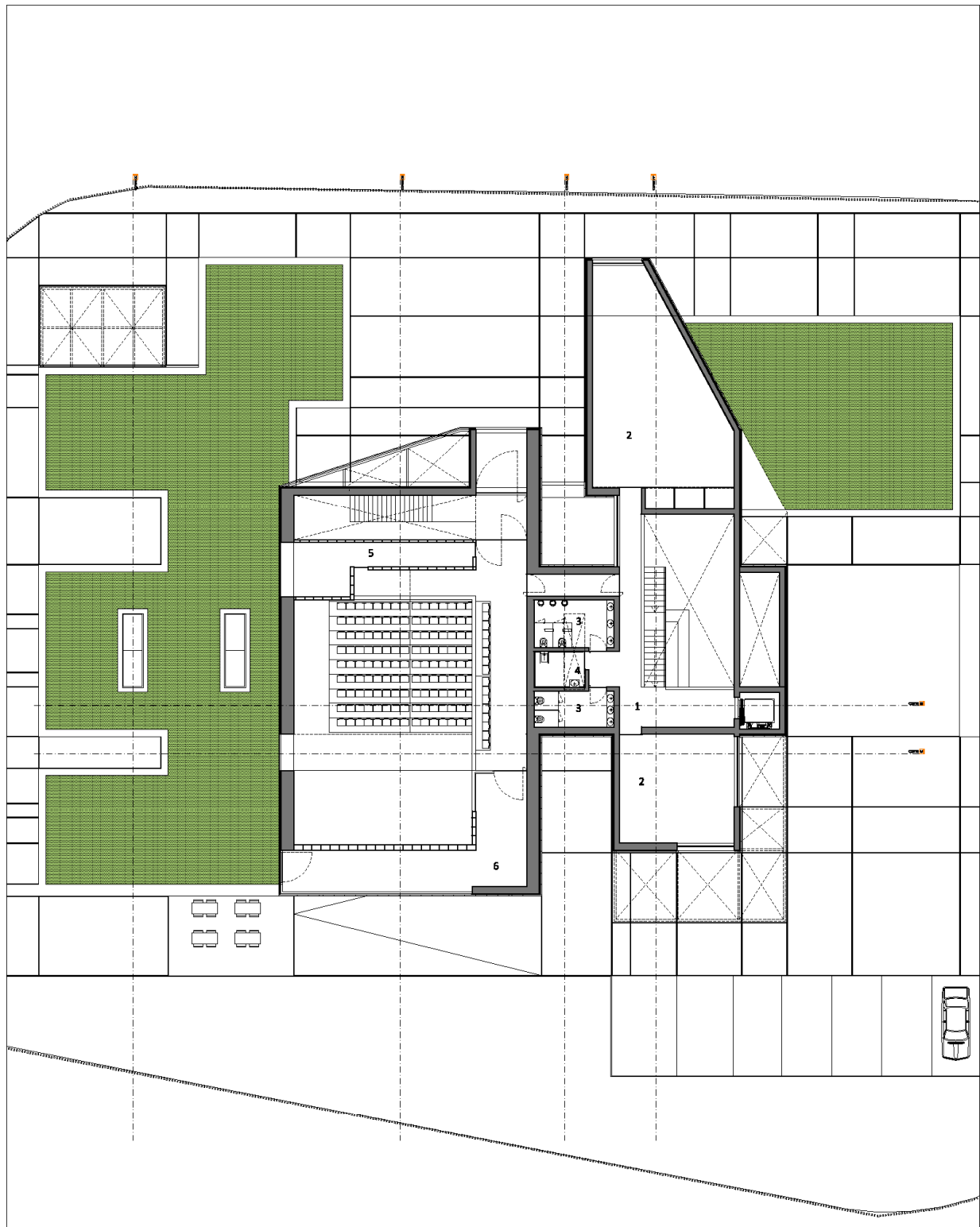
0 1 5

O resultado é um “L” de distribuição que amara o auditório e percorre todo o programa permitindo uma resposta funcional próxima de um edifício concebido de raiz para suportar o programa pretendido.

À entrada, com um vestíbulo de pé direito duplo, distribuímos a loja “Ponto Já” pedida no programa com entrada também pelo exterior, duas salas de formação, gabinetes administrativos e as instalações sanitárias que se escondem atrás do balcão de recepção do edifício. Ao fundo deste corredor, localizamos a biblioteca com a sala de leitura. No corredor auxiliar, com o bar no seu topo oposto, encontramos os camarins e as instalações sanitárias/arrumos. O bar relaciona-se com a fachada, abrindo-se para a esplanada que completa a área pública do exterior. À entrada encontramos um espelho de água limitado pelo pavimento quebrado pelas linhas orientadoras da planta.

No piso 1, com acesso pelo vestíbulo e pelo corredor, localiza-se a sala de projecção e reggie do auditório, assim como as salas de ensaio, mais privadas do resto do edifício.

O desenho do edifício resulta de 3 operações construtivas que passam pela: redução aos elementos construtivos primários, eliminando todos os elementos suplementares; desenho de estrutura de suporte do volume, unificando todo o objecto e concretizando as novas opções formais e o revestimento desta superfície com painéis de policarbonato assentes em perfis de alumínio que abraçam todas as expressões formais anteriores à intervenção. A opção pelos painéis de policarbonato, solução que é vulgarmente utilizado em



PLANTA PISO 1

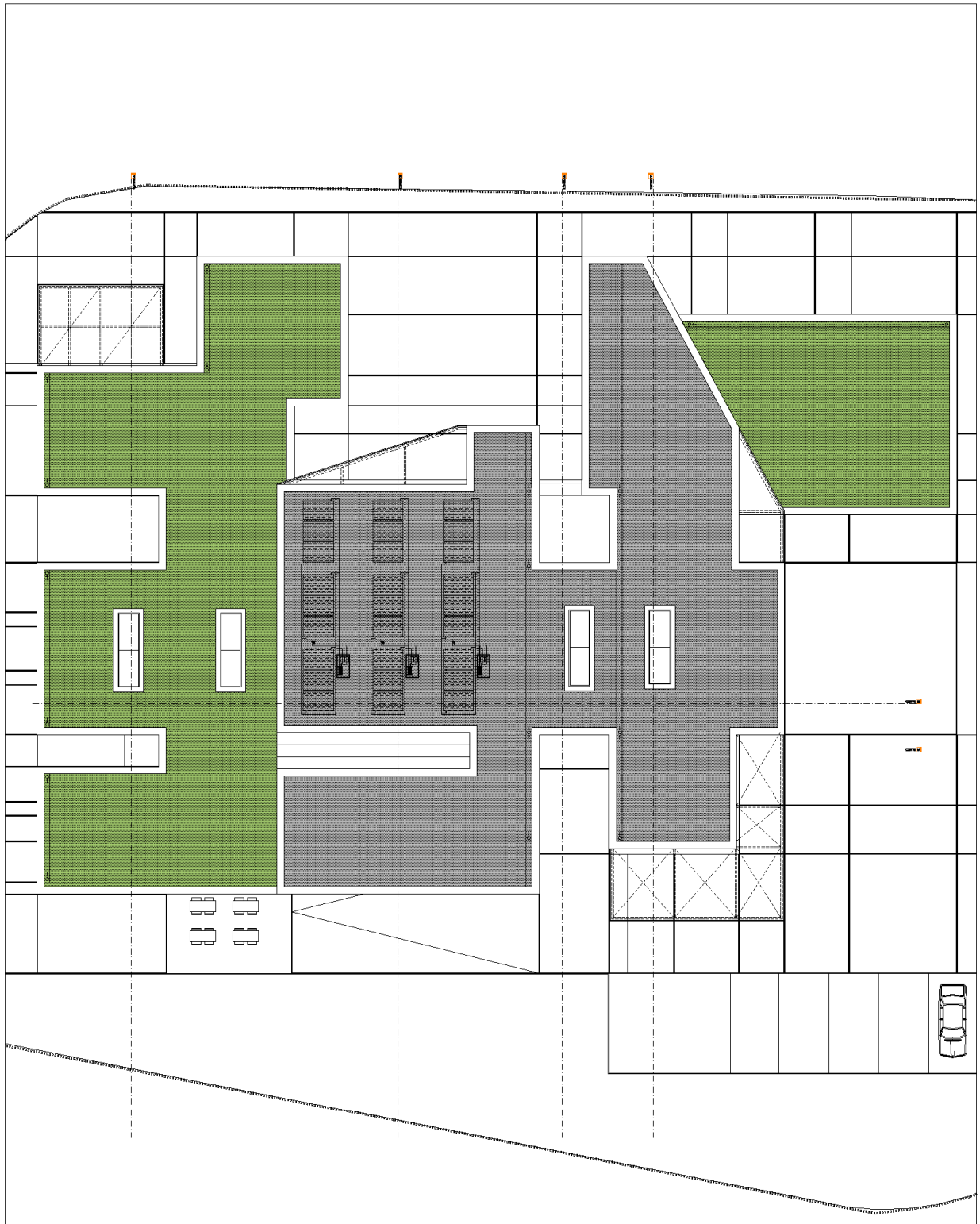
LEGENDA: 1. HALL DE DISTRIBUIÇÃO 2. SALA DE ENSAIOS 3. INSTALAÇÃO SANITÁRIA 4. INSTALAÇÃO SANITÁRIA DE APOIO 5. REGGIE 6. ARRUMOS



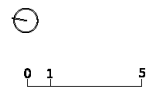
0 1 5

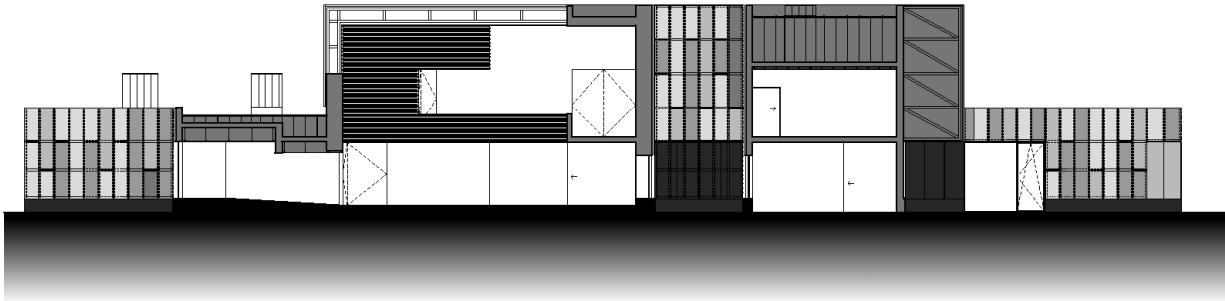
edifícios de cariz comercial ou mesmo industrial, possibilita uma solução total de revestimento e melhoria térmica com um custo comportável para os parâmetros estimados. Simultaneamente, tira-se partido do aspecto gráfico e sintético do material, num jogo de cores e transparência mais ou menos aleatórias, atribuindo a um edifício que se destina a Casa de Juventude uma imagem translúcida.

O resultado final é uma combinação entre a plasticidade das diferentes faces do objecto que se revela a cada ângulo e aresta, mas sem nunca se perder a leitura total conferida pelo material, e pelas diferentes matizes que este apresenta conforme a textura e a opacidade das superfícies que atravessa.

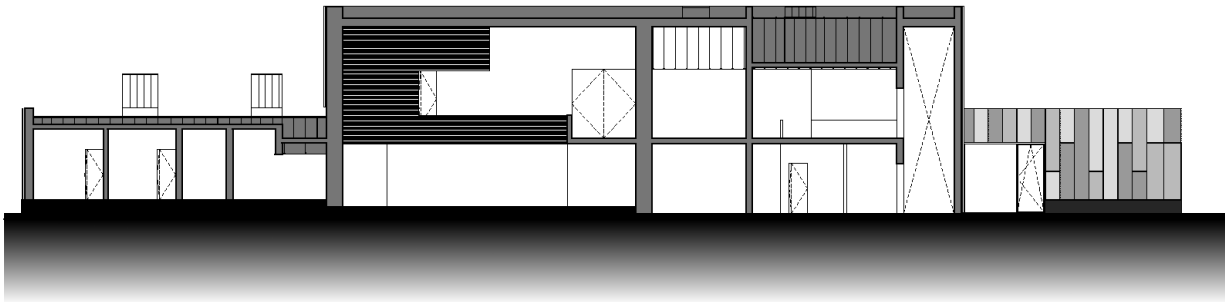


PLANTA COBERTURAS

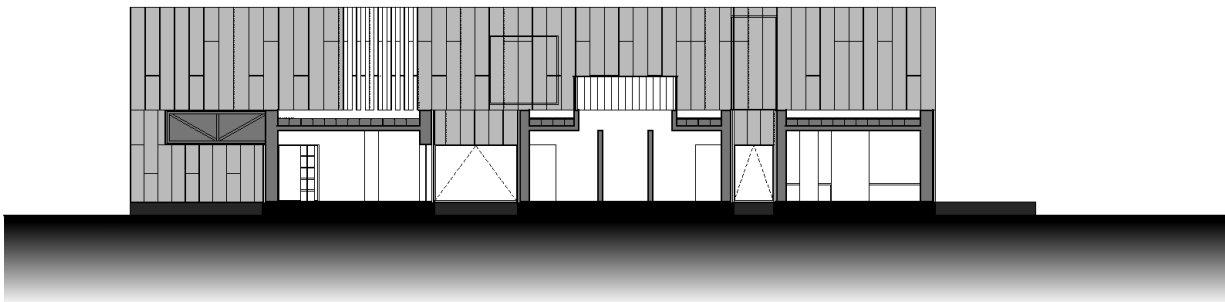




CORTE AA

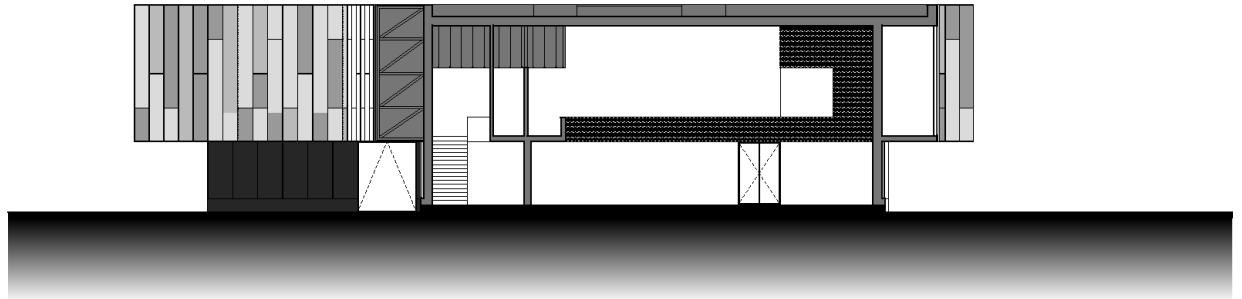


CORTE BB

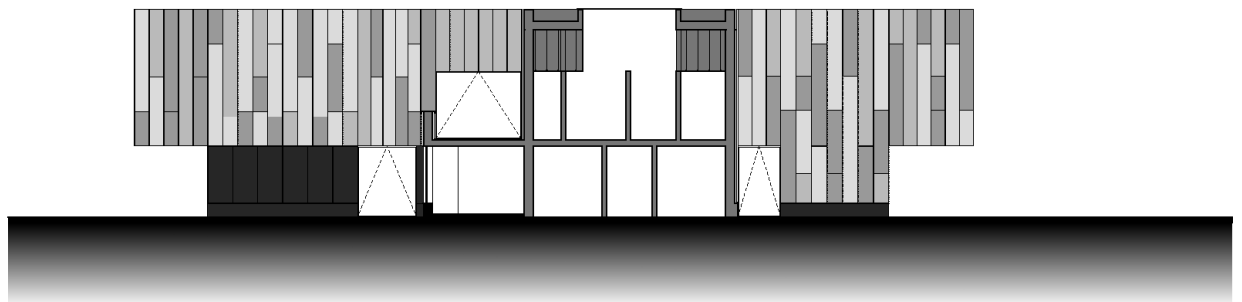


CORTE CC

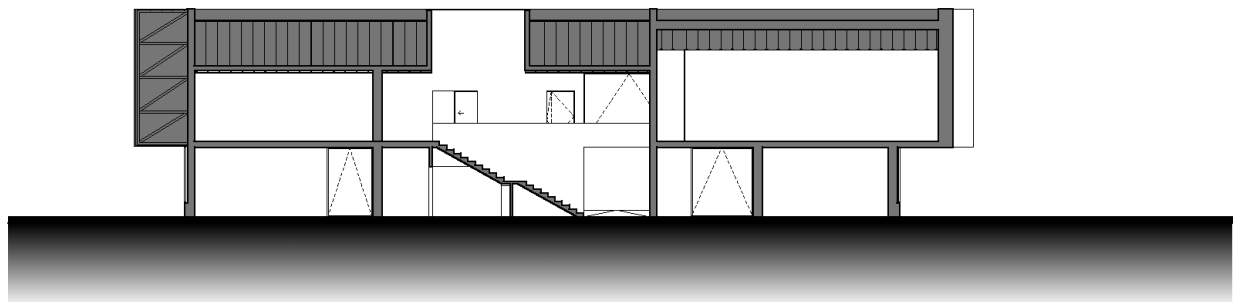
0 1 5



CORTE DD

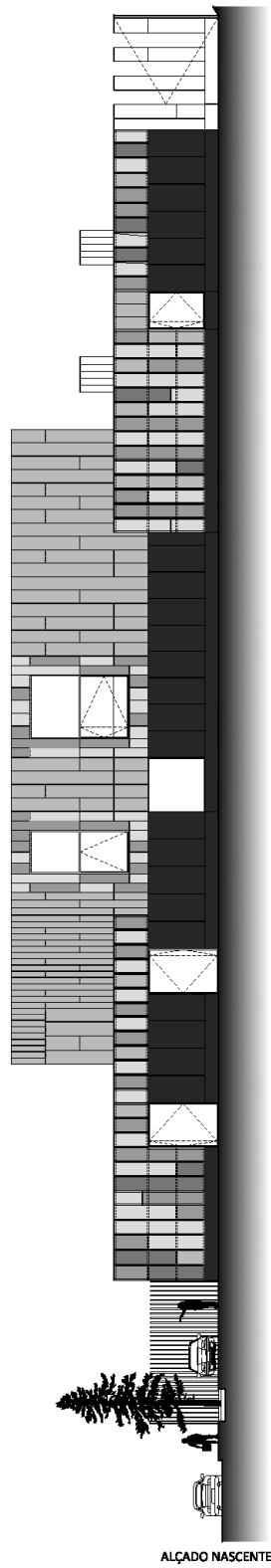
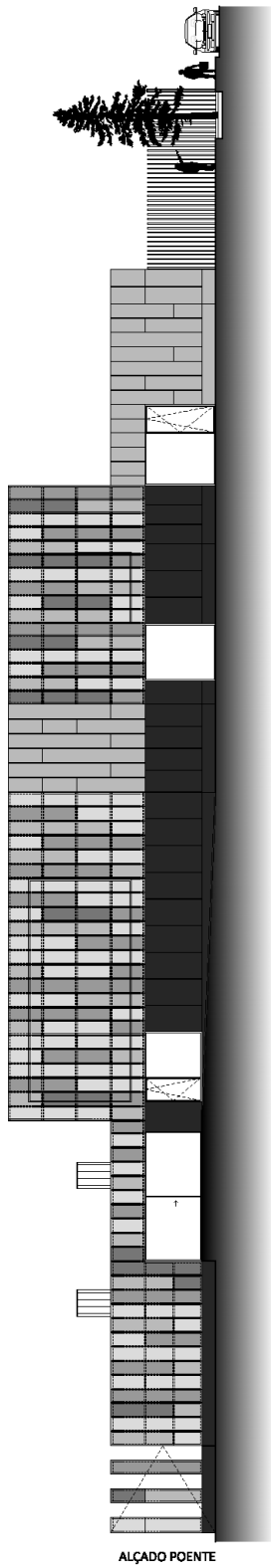


CORTE EE

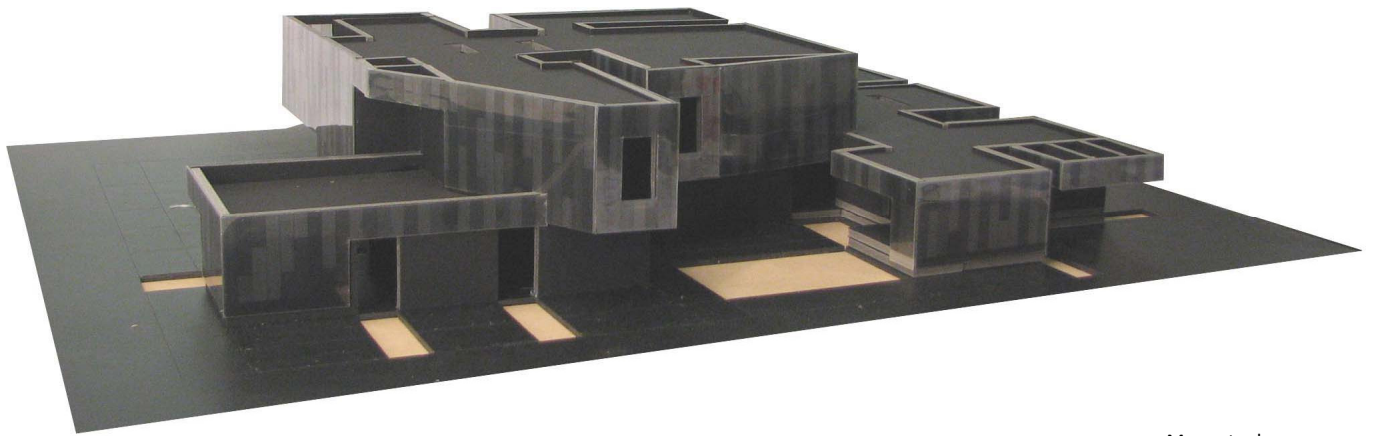


CORTE FF

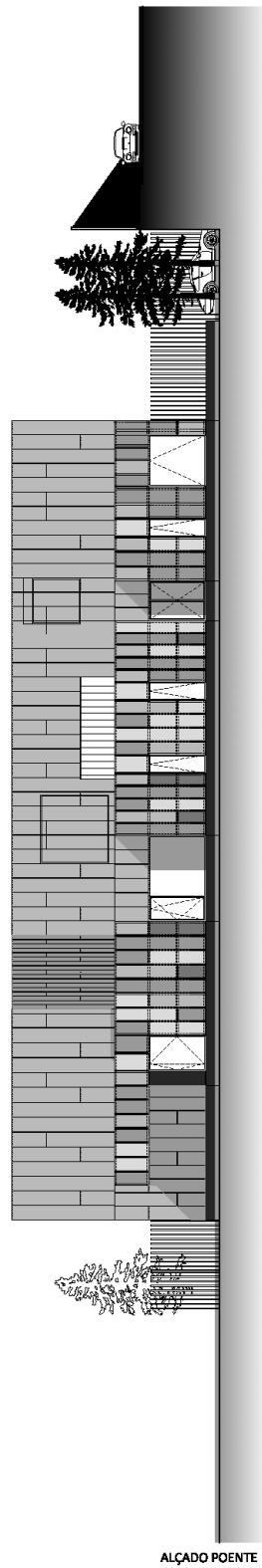
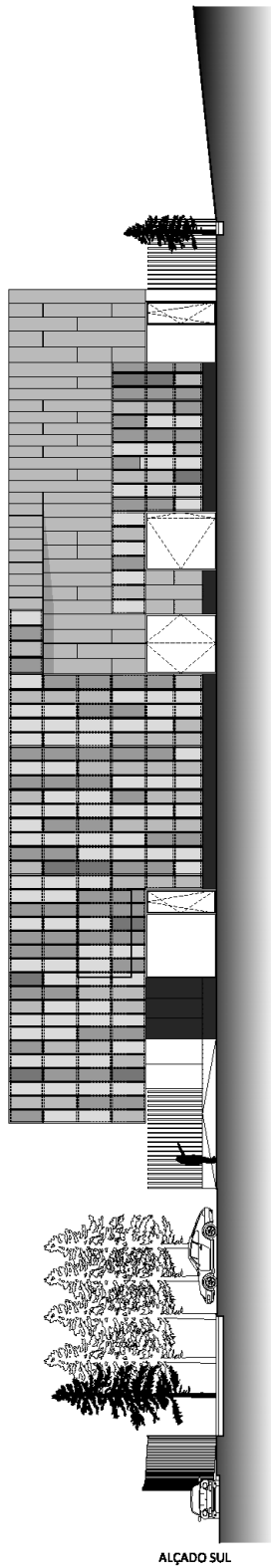
0 1 5



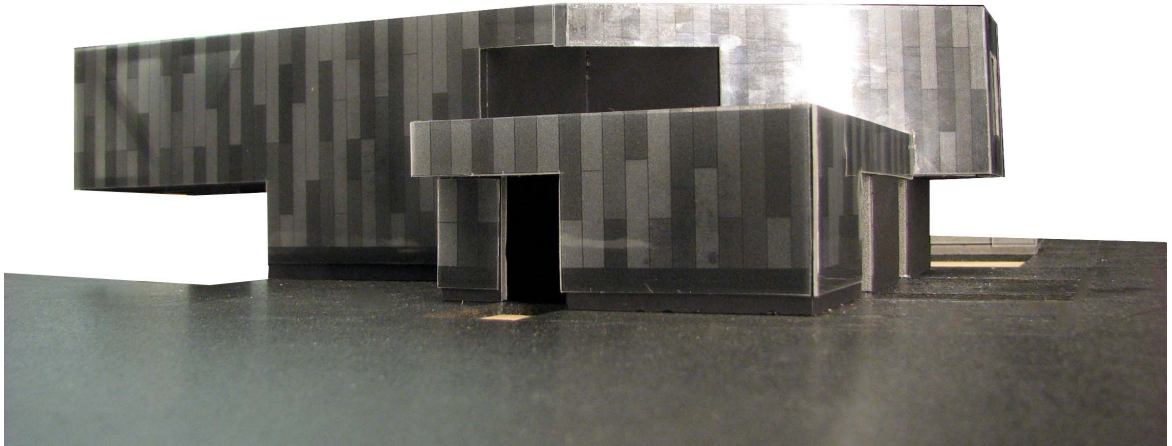
0 1 5



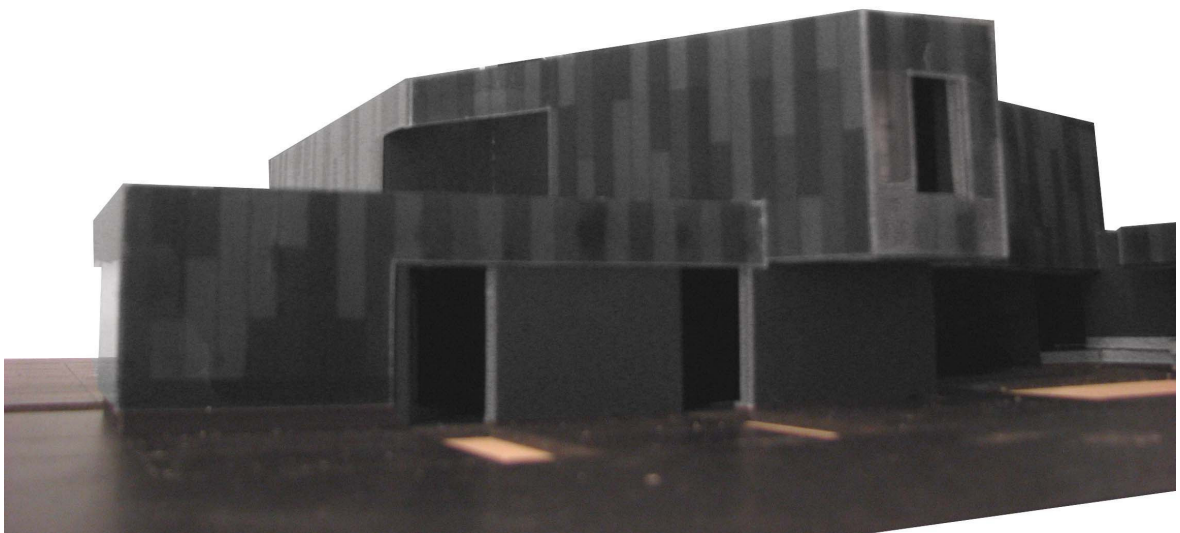
Maquete de concurso



0 1 5



Maquete de concurso



Maquete de concurso



CASA DA JUVENTUDE PORTIMÃO

CONCURSO PÚBLICO PARA APRESENTAÇÃO DE PROPOSTA DE REQUALIFICAÇÃO E ADAPTAÇÃO DO ANTIGO EDIFÍCIO DA ESCOLA D. MARTINHO CASTELO BRANCO EM CASA DA JUVENTUDE PORTIMÃO



SÍNTESE PROJECTUAL

...da periferia às nossas centralidades...

Da Terna de Referência para o concurso acima descrito, assumem com clareza o poder de modo: utilizarão da área onde se situa o equipamento a interconectar, face ao tecido alargado da cidade de Portimão "... numa zona periférica da cidade, a meio caminho da Praia da Rocha, no alto do Pórtico Colégio e a Escola Básica de 2.ª e 3.ª Cidades, D. Martinho Castelo Branco..."

De termos "periferia" e "meio caminho", relevam não uma frequência territorial, mas sim a expressão das formas de crescimento urbano recente da maioria das nossas cidades. De facto a condição periférica é um enunciado da distância face ao centro histórico e consolidado da cidade, mas não é necessariamente um sintoma do nível de qualidades urbanas. O reconhecimento inequívoco da localização do centro de Portimão, não pode ser confundido com o conceito de "periferia" que incorporamos imediatamente ao tecido urbano. O equipamento de equipamentos escolares existentes na área onde se inscreve este concurso confirma-se uma elevada centralidade, naturalmente ligada à procura localizada de um tema: equipamento de ensino.

Por outro lado, a definição "a meio caminho" parece-nos decisiva para entender a colocação urbanística deste equipamento: a construção equilibra-se homogênea do tecido alargado da cidade de Portimão. Sem negar a importância da localização e a qualidade da sua rede viária, queremos dizer que um equipamento como este se estabelece como um nó, de uma construção urbana "multicêntrica" com múltiplos e conexões com todas as outras centralidades e a meio caminho... de todo o lado.

Foi sobre estes dois primeiros referenciais estratégicos que quisemos assentar a nossa proposta: a) um edifício capaz de cumprir uma resposta de "nova centralidade"; b) um objecto reconhecível como expressão de uma parcela de território urbano.

...da superação dos edifícios aos equipamentos de referência...

A Escola D. Martinho Castelo Branco (Pavilhão A), é a expressão construída de uma resposta educativa própria de um país no despertar da democracia (entendida em funcionamento no ano lectivo 1977/78), em que o esforço de investimento se dirigiu na superação primária dos edifícios de equipamentos. As soluções de pré-fabricação e programas modulares, eram uma ferramenta parcial que só resolvia a questão numérica do acesso por parte da população ao ensino.

Tinha antes disso, o vício cinco de serviço lectivo, o objecto que existe não perdeu apenas a sua resposta funcional, perdeu também a capacidade de preencher o espectro simbólico que associamos aos novos equipamentos referenciais, sobretudo em locais urbanos de expansão recente onde o elevado crescimento do parque habitacional corrente, afeta para os equipamentos a responsabilidade da maior valia arquitectónica.

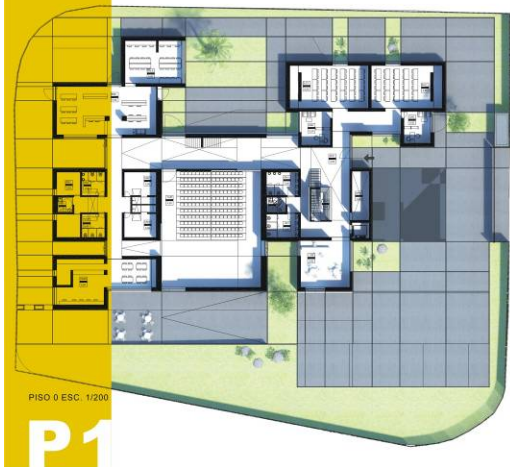
É neste terceiro referencial que inscrevemos outro objectivo para a nossa proposta: c) uma definição arquitectónica que seja expressão de contemporaneidade e imagem de inovação e prestígio dos equipamentos públicos.

...da arquitectura construída à construção da arquitectura...

Entendamos a natureza do objecto resultante, e uma vez que este concurso se destina a propostas para requalificação e adaptação do edifício, seguia-se a definição da metodologia da intervenção tendo em conta a maximização dos objectivos acima descritos, e o cumprimento da meta orçamental dos 650.000,00€.

Assim, resolvemos entender o edifício existente como uma malha estrutural (casatura), sobre a qual iríamos intervir numa lógica de revestimento (pele), reduzindo os trabalhos de demolição à expressão mínima, de aberturas de vãos ou correções de geometria, mas fixados no objectivo de potenciar a expressão volumétrica do edifício, procurando ao mesmo tempo conferir unidade a um objecto que hoje se lê como soma de três partes.

Percebemos pois, que através da solução construtiva que poderíamos alcançar uma imagem singular para o edifício, fundindo a sua expressão arquitectónica com os recursos construtivos, e utilizando material como tema de projecto. Ficou estabelecido um último objectivo: d) uma solução construtiva inovadora.



PISO 0 ESC. 1/2000

P1

| PISO 1 | | |
|--------|------------------|----|
| 010 | Sala de Reuniões | 12 |
| 020 | Sala de Trabalho | 12 |
| 030 | Sala de Trabalho | 12 |
| 040 | Sala de Trabalho | 12 |
| 050 | Sala de Trabalho | 12 |
| 060 | Sala de Trabalho | 12 |
| 070 | Sala de Trabalho | 12 |
| 080 | Sala de Trabalho | 12 |
| 090 | Sala de Trabalho | 12 |
| 100 | Sala de Trabalho | 12 |
| 110 | Sala de Trabalho | 12 |
| 120 | Sala de Trabalho | 12 |
| 130 | Sala de Trabalho | 12 |
| 140 | Sala de Trabalho | 12 |
| 150 | Sala de Trabalho | 12 |
| 160 | Sala de Trabalho | 12 |
| 170 | Sala de Trabalho | 12 |
| 180 | Sala de Trabalho | 12 |
| 190 | Sala de Trabalho | 12 |
| 200 | Sala de Trabalho | 12 |
| 210 | Sala de Trabalho | 12 |
| 220 | Sala de Trabalho | 12 |
| 230 | Sala de Trabalho | 12 |
| 240 | Sala de Trabalho | 12 |
| 250 | Sala de Trabalho | 12 |
| 260 | Sala de Trabalho | 12 |
| 270 | Sala de Trabalho | 12 |
| 280 | Sala de Trabalho | 12 |
| 290 | Sala de Trabalho | 12 |
| 300 | Sala de Trabalho | 12 |
| 310 | Sala de Trabalho | 12 |
| 320 | Sala de Trabalho | 12 |
| 330 | Sala de Trabalho | 12 |
| 340 | Sala de Trabalho | 12 |
| 350 | Sala de Trabalho | 12 |
| 360 | Sala de Trabalho | 12 |
| 370 | Sala de Trabalho | 12 |
| 380 | Sala de Trabalho | 12 |
| 390 | Sala de Trabalho | 12 |
| 400 | Sala de Trabalho | 12 |
| 410 | Sala de Trabalho | 12 |
| 420 | Sala de Trabalho | 12 |
| 430 | Sala de Trabalho | 12 |
| 440 | Sala de Trabalho | 12 |
| 450 | Sala de Trabalho | 12 |
| 460 | Sala de Trabalho | 12 |
| 470 | Sala de Trabalho | 12 |
| 480 | Sala de Trabalho | 12 |
| 490 | Sala de Trabalho | 12 |
| 500 | Sala de Trabalho | 12 |

| PISO 0 | | |
|--------|------------------|----|
| 010 | Sala de Reuniões | 12 |
| 020 | Sala de Trabalho | 12 |
| 030 | Sala de Trabalho | 12 |
| 040 | Sala de Trabalho | 12 |
| 050 | Sala de Trabalho | 12 |
| 060 | Sala de Trabalho | 12 |
| 070 | Sala de Trabalho | 12 |
| 080 | Sala de Trabalho | 12 |
| 090 | Sala de Trabalho | 12 |
| 100 | Sala de Trabalho | 12 |
| 110 | Sala de Trabalho | 12 |
| 120 | Sala de Trabalho | 12 |
| 130 | Sala de Trabalho | 12 |
| 140 | Sala de Trabalho | 12 |
| 150 | Sala de Trabalho | 12 |
| 160 | Sala de Trabalho | 12 |
| 170 | Sala de Trabalho | 12 |
| 180 | Sala de Trabalho | 12 |
| 190 | Sala de Trabalho | 12 |
| 200 | Sala de Trabalho | 12 |
| 210 | Sala de Trabalho | 12 |
| 220 | Sala de Trabalho | 12 |
| 230 | Sala de Trabalho | 12 |
| 240 | Sala de Trabalho | 12 |
| 250 | Sala de Trabalho | 12 |
| 260 | Sala de Trabalho | 12 |
| 270 | Sala de Trabalho | 12 |
| 280 | Sala de Trabalho | 12 |
| 290 | Sala de Trabalho | 12 |
| 300 | Sala de Trabalho | 12 |
| 310 | Sala de Trabalho | 12 |
| 320 | Sala de Trabalho | 12 |
| 330 | Sala de Trabalho | 12 |
| 340 | Sala de Trabalho | 12 |
| 350 | Sala de Trabalho | 12 |
| 360 | Sala de Trabalho | 12 |
| 370 | Sala de Trabalho | 12 |
| 380 | Sala de Trabalho | 12 |
| 390 | Sala de Trabalho | 12 |
| 400 | Sala de Trabalho | 12 |
| 410 | Sala de Trabalho | 12 |
| 420 | Sala de Trabalho | 12 |
| 430 | Sala de Trabalho | 12 |
| 440 | Sala de Trabalho | 12 |
| 450 | Sala de Trabalho | 12 |
| 460 | Sala de Trabalho | 12 |
| 470 | Sala de Trabalho | 12 |
| 480 | Sala de Trabalho | 12 |
| 490 | Sala de Trabalho | 12 |
| 500 | Sala de Trabalho | 12 |



PISO 1 ESC. 1/2000

Z



CASA DA JUVENTUDE PORTIMÃO

CONCURSO PÚBLICO PARA APRESENTAÇÃO DE PROPOSTA DE REQUALIFICAÇÃO E ADAPTAÇÃO DO ANTIGO EDIFÍCIO DA ESCOLA D. MARTINHO CASTELO BRANCO EM CASA DA JUVENTUDE PORTIMÃO



IMAGEM BAR



LOJA PONTO JA

RESPOSTA FUNCIONAL

Estabelecidas as premissas essenciais para o desenvolvimento do projecto, estruturamos o programa funcional de forma a cumprir as seguintes respostas:

1. a loja "ponto ja", estaria directamente associada ao átrio, mas com a possibilidade de funcionar autonomamente para o exterior, em horário mais alargado do que o próprio equipamento;

2. o auditório ficaria localizado em posição central no edifício, aproveitando a maior disponibilidade de pé-direito aí existente;

3. o programa estende-se no edifício de acordo com a gradualidade (em tempo) da ocupação, da entrada para o topo da loja. No primeiro momento localiza-se o programa de procura espontânea, a loja "ponto ja" e as salas de formação, num segundo momento o programa de ocupação pontual, o auditório, e por fim o programa de ocupação mais demorada, cibercafé e biblioteca/funoteca.

Estabeleceu-se um corredor funcional prioritário com 4 metros de largura, que percorre todo o programa e amarra os acessos verticais, resolvendo por intermédio de rampas as diferenças de cota existentes, e conferindo acessibilidade total para pessoas com mobilidade condicionada.

Perpendicular a este, colocou-se um corredor secundário de serviço, que resolve os restantes acessos, e aumenta a capacidade de entrada/escameento no auditório. O resultado é um "L" que percorre todo o programa, e permite uma resposta funcional próxima de um edifício concebido de raíz para suportar o programa pretendido.

O piso superior permite cumprir a disposição programática prevista no ponto 1.3 do Programa de Concurso no que diz respeito à sala de projecção e régie, localizando-se aqui também as salas de ensaio, uma vez que é a área mais privada do edifício.

solução arquitectónica

Colocou o programa, a definição formal do edifício atinge-se através de três operações construtivas:

1. **redução aos elementos construtivos primários:** trata-se de eliminar do edifício todos os elementos construtivos suplementares aos seus painéis principais, reduzindo o objecto à sua expressão formal mínima.

2. **construção de estrutura de suporte fundamental:** com recurso a perfis de aço galvanizado (10x10), constrói-se um volume integral, que unifica todo o objecto e concretiza as novas opções formais.

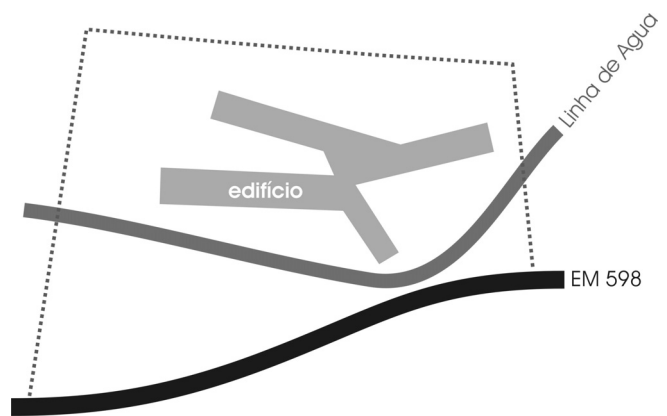
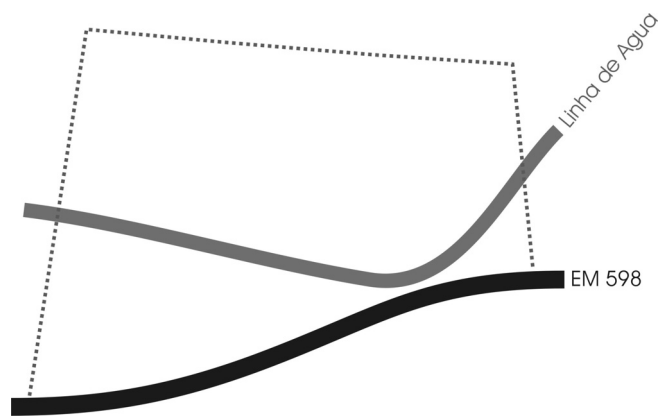
3. **revestimento de superfície:** através de painéis de policarbonato assentes em perfis de alumínio, constrói-se uma pele total, que cobre o objecto, e funciona como revestimento unitário às variadas expressões formais, e ao jogo tonal utilizado.

A opção pelos painéis de policarbonato, solução que é vulgarmente utilizado em edifícios de cariz comercial ou mesmo industrial, possibilita uma solução total de revestimento e melhoria térmica com um custo comportável para os parâmetros estimados. Simultaneamente tira-se partido do aspecto gráfico e sintético do material, para atribuir a um edifício que se destina a Casa de Juventude uma imagem moderna e ousada.

O resultado final, é uma combinação entre a plasticidade das diferentes faces do objecto que se revela a cada ângulo e aresta, mas sem se perder a leitura total conferida pelo material, e pelas diferentes texturas que este apresenta conforme a textura e a opacidade das superfícies que atravessa.

A solução de espaço público adoptada, serve para enfatizar os aspectos atrás descritos, pois foi definida como um grande plateau, para posar o objecto, e tirar partido da reflexão dos materiais nas várias superfícies, incluindo um espelho de água.





Centro Escolar de Fonte de Angeão

O concurso para o estudo Prévio Simplificado para o Centro Escolar da Fonte de Angeão foi mais um desafio em que o gabinete se envolveu em equipa. A Fonte de Angeão é uma localidade no município de Vagos que conjuntamente com a Gandara, Parada de Cima e Rines formam aglomerados ao longo da EM 598. A parcela disponível para este Centro Escolar é delimitada por esta mesma estrada municipal. Os restantes limites são aparentemente aleatórios e cadastrais. Uma linha de água seccionando o terreno cria uma charneira entre esta e a estrada existente. Estes últimos são os referentes de uma paisagem que assente no desenho infra-estrutural e na permanência dos principais valores territoriais.

Assumido o objecto, desde o início, como elemento reconhecível e singular na unidade da paisagem, notando a sua qualidade de equipamento referência e contribuindo para o reforço da singularidade destas formas de ocupação e estruturação do território. Das pré-existências, a mais interessante é o ângulo natural criado entre a estrada e a linha de água, assumindo-a como tema e âncora da intervenção.

Estabeleceu-se assim uma primeira premissa de projecto: a repetição do “alicate” que formam via e linha de água, exponenciando a sua geometria e traduzindo na definição formal do edifício uma tensão que reconhecemos desde as primeiras visitas ao terreno. Não se procurou com esta decisão uma atitude de legitimação de uma qualquer escolha formal, mas sim identificar a arquitectura com a marca territorial preexistente.

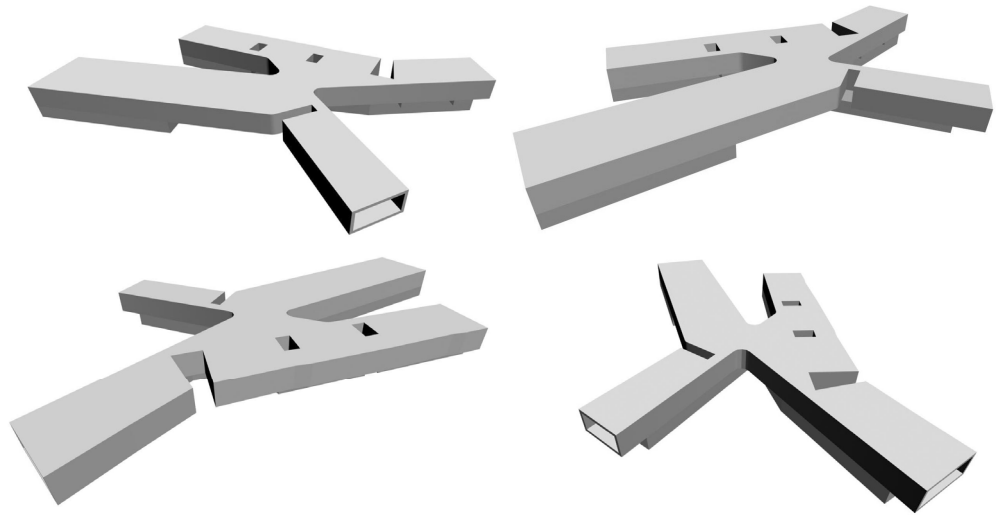


Utilizou-se a linha de água como uma marcação clara de divisão do terreno. Colocada a zona de entrada no terreno, com acesso automóvel e estacionamento, a volumetria assenta no lado oposto, com uma linha de acesso ao equipamento com uma outra geometria. Porém, não é só a expressão planimétrica da via que nos interessa para o desenvolvimento do projecto, mas também a leitura linear que se faz do terreno (parcela) a partir do movimento de quem percorre a estrada em ambos os sentidos. Assim, estabeleceu-se que o objecto se construiria com um único movimento horizontal, sem variações altimétricas e de leitura contínua a partir de qualquer ponto: como se o edifício fosse a linha de terra, uma espécie de envasamento a partir do qual se enfatiza todos os elementos da paisagem natural.

“Procurou-se assim que o enquadramento paisagístico com a envolvente não se resolvesse por mimetismo de alguma referência formal, mas sim por complementaridade com a paisagem bucólica de um território que é lido maioritariamente a partir das vistas estabelecidas da rodovia para cada uma das suas margens. O objecto é como um grande *outdoor*, que encontramos a pontuar um momento particular da viagem, e que reconhecemos pertencer a uma categoria híbrida de elementos de fronteira entre o urbano e o rural”⁴.

Partindo destas intenções planimétricas e formais, a questão construtiva rapidamente se colocou. Tendo sempre em conta as

⁴ Da memória descritiva



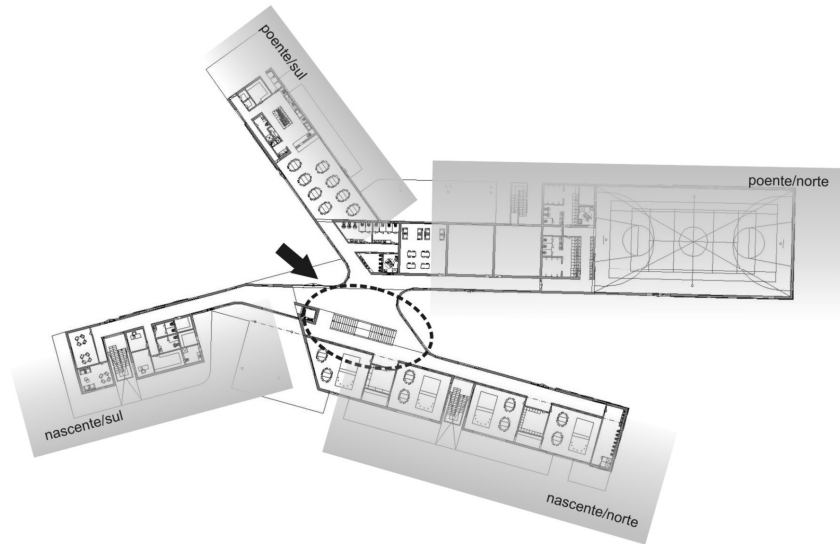
Estudo Volumétrico

questões económicas que se colocavam para o concurso a intenção de criar um volume contrastante como marco do território levou-nos a algumas opções. A opção pelo policarbonato não foi inocente, mas sem dúvida que traria uma leitura gráfica do edifício não reconhecendo a sua leitura ritmada do vão.

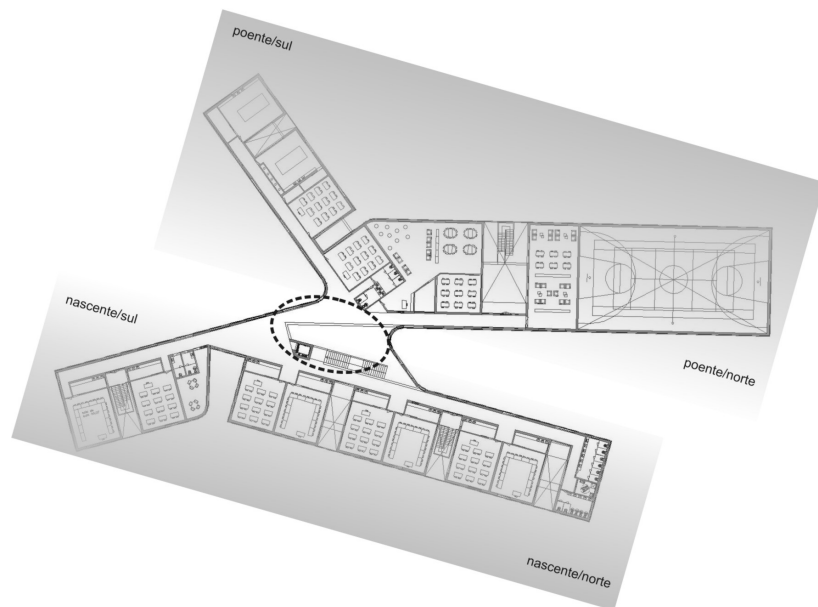
As diferentes relações entre as alas do elemento através de subtracções volumétricas, tratamento de arestas ou outros acontecimentos volumétricos permitem a execução de um espaço escolar animado de constante reinvenção. Com estas operações eliminou-se a monotonia que poderia existir num objecto com grande predominância de um material, estabelecendo um equilíbrio entre a potência formal que vem da adopção de uma solução mais platónica, e as estratégias de projecto mais localizadas e individualizadas, com a ajuda da solução plástica do material utilizado.

Respondendo ao programa pedido, que assenta em dois níveis distintos de ensino, a colocação do jardim-de-infância no piso térreo foi imediata e aconselhável, pelo que foi colocado o 1º ano do ensino básico no piso superior, procurando também criar diferentes comunidades no mesmo edifício.

Salvaguardando esta intenção, criou-se um acesso único para todos os alunos, docentes, funcionários e visitantes, optimizando circuitos e controlo de acessos, e criando apenas entradas de serviço para cozinhas e saídas de lixos. Separaram-se por alas as unidades de apoio ao equipamento (cozinha, refeitório, salas de atendimento) das unidades de funcionamento escolar, de modo a minimizar o



Estrutura programática piso 0



Estrutura programática piso 1

cruzamento da comunidade com outras actividades da escola, como visitas externas ou rotinas de abastecimento. O recreio exterior coberto, também pedido em programa de concurso, relaciona-se directamente com o átrio geral e comunicações verticais agilizando os percursos de entrada e saída.

No piso 0 o átrio central e de entrada no edifício permite o acesso diferenciado às quatro alas e ao piso superior, cada uma delas com uma resposta funcional de conjunto: Poente/Sul, refeitório e cozinha, com a possibilidade de acesso pelo exterior; Poente/Norte, ginásio e ATL, procurando-se concentrar aqui a actividade complementar à acção lectiva em sala; Nascente/Sul, gabinetes de atendimento e salas de educadores e professores, localizaram-se aqui as actividades que recebem visitas de forma mais permanente; Nascente/Norte, salas de actividade de Jardim-de-infância.

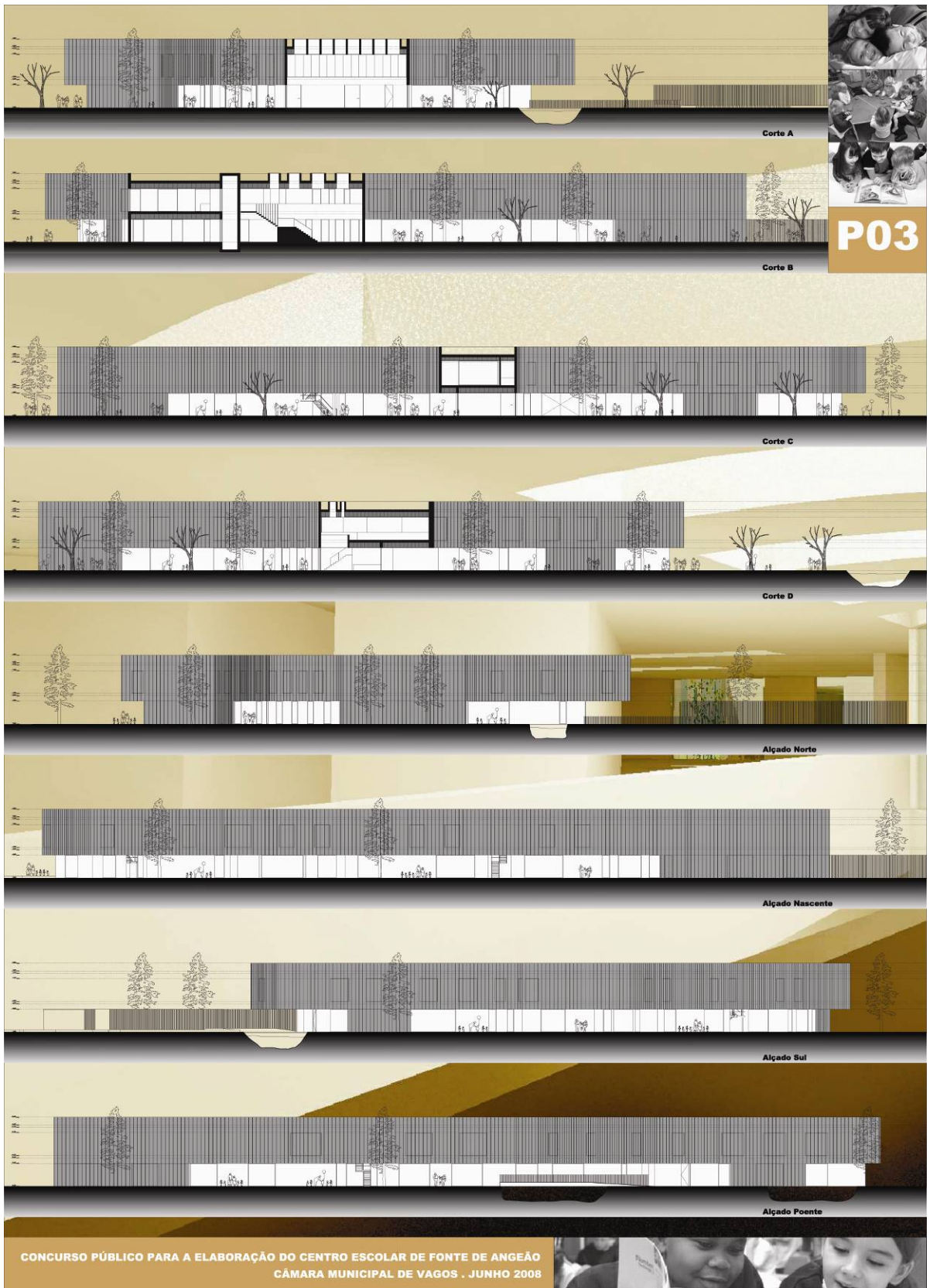
No piso 1, os acessos verticais dividem as seguintes utilizações: Nascente/Norte e Nascente/Sul, salas de aula e expressão e educação plástica; Poente/Norte e Poente/Sul, programa complementar às salas de aula, laboratórios, salas de informática e biblioteca.

Procurou-se com esta divisão, estruturar o equipamento em seis áreas funcionais, que correspondem a outros tantos tipos de utilização, num exercício que procura evitar a segmentação excessiva e induzir a mobilidade interna no edifício. Á medida que nos afastamos do átrio o programa torna-se cada vez mais específico. Por outro lado é junto ao átrio central que estão os espaços de utilização comum.



CONCURSO PÚBLICO PARA A ELABORAÇÃO DO CENTRO ESCOLAR DE FONTE DE ANGEÃO
CÂMARA MUNICIPAL DE VAGOS . JUNHO 2008







CONCLUSÃO

As dinâmicas inerentes a cada experiência de projecto são únicas no percurso de um arquitecto. O percurso académico tem um papel exemplar neste percurso mas não vale só por si. Durante o percurso académico a cada ano era lançado um novo desafio, com diversas motivações e a resolução dessas motivações era sempre empolgante. No entanto, no âmbito de um atelier de arquitectura, cada projecto que aparece, com as mesmas motivações e problemas a serem ultrapassados, têm que ser resolvidos de uma forma quase instantânea. A estes problemas temos que adicionar aqueles a que não estamos habituados ao longo do curso: a coordenação com as diferentes especialidades, os espaços distintos para cada uma delas, as fases que o projecto sofre com os licenciamentos ou outras burocracias, e até mesmo um cliente insistente ou simplesmente em constante dúvida.

A expectativa de um projecto desenvolvido numa prática profissional é a da construção do mesmo, da obra feita para ser vivida. Esta expectativa é por outro lado uma responsabilidade acrescida, à qual não estava habituado e com a qual me deparo todos os dias.

No SIRUM senti parte desta responsabilidade. Não porque alguma das ideias que ficaram no papel seja construída, mas porque uma comunidade inteira de Mindelenses aguardava ansiosamente pelos resultados do Seminário. Estes Homens e Mulheres sabiam que estava a ser discutida a sua cidade e exigiam discutir algumas respostas que alterassem de forma positiva e construtiva a sua qualidade de vida. Por isso, conservo até hoje, e julgo que no resto da

minha vida profissional, as palavras do Arq. Walter Rossa referidas anteriormente.⁵

No caso do Roteiro não estamos a falar de obra construída mas sim de obra impressa, mas também neste caso havia uma responsabilidade acrescida já que o mesmo foi publicado e posto à venda.

O início da minha actividade profissional no atelier reforça ainda mais a responsabilidade acrescida que refiro atrás. Os instrumentos de trabalho são os mesmos mas o trabalho real prende-nos ao limite do possível, do executável. Os concursos, por outro lado, reaproximaram-me da escola, com a sua discussão intensa de projecto pelo culto de desenvolvimento do mesmo. Também o tempo disponível, entre os outros projectos em mãos, exige uma grande flexibilidade na interpretação das ideias que surgem em cima do estirador e nas implicações que trazem ao resto do projecto. É, em suma, o fluir das ideias, intenções, detalhes que constroem o projecto no seu todo.

No entanto são estas dificuldades acrescidas com que me deparo no dia-a-dia que me fazem crescer e me trazem uma renovada vontade de aprofundar o que a escola me ensinou. São estas as ferramentas de trabalho que me acompanham no processo de projecto. A prova não é um conjunto de projectos desenvolvidos em diferentes âmbitos. A prova é o fruto desses projectos e é a minha experiência pessoal e profissional.

⁵ ver pág. 72

BIBLIOGRAFIA

ALDANONDO, Iñaki Galarraga; GOIKOETXEA, Xabier Unzurrunzaga; ABERASTURI, António López de; ALBISTEGUI, Ana Azpiri; AZNE, José Maria Alcorta, *Ensanches urbanos en las ciudades Vascas*, Servicio Central de Publicaciones del Gobierno Vasco, Victoria-Gasteiz, 2002

ALMEIDA, José Miguel Lobo, *Sem Tempo nem medida*, Prova Final de Licenciatura, Departamento de Arquitectura da FCTUC, Porto, 2007

“Arquitectura Ibérica”, Direcção José Manuel das Neves, *Caleidóscópio*, Outubro 2007, nº22 “Habitar”, Barcelona

“Arquitectura Ibérica”, Direcção José Manuel das Neves, *Caleidóscópio*, Fevereiro 2008, nº24 “Recuperar”, Barcelona

ARROTEIA, Jorge Carvalho; PORTAS, Nuno; TOUSSAINT, Michael, *Universidade de Aveiro: trinta anos de arquitectura*, White & Blue, Lisboa, 2001

ARROTEIA, Jorge Carvalho; PORTAS, Nuno; TOUSSAINT, Michael, *Universidade de Aveiro: arquitectura e urbanismo*, White & Blue, Lisboa, 2000

BASÍLIO, Marco; GOMES, Pedro Luís Marques Vieira; RODRIGUES, Pedro, *Leprosaria Rovisco Pais*, Trabalho da disciplina de História da Arquitectura Contemporânea na licenciatura em Arquitectura Departamento de Arquitectura da FCTUC, Coimbra, 1999

BETTENCOURT, António Alberto de Faria, *Uma Experiência de Atelier*, a primeira aproximação à actividade profissional, Prova Final de Licenciatura, Departamento de Arquitectura da FCTUC, Coimbra, 1995

BOM, Sónia Margarida Tavares dos Santos, *Memórias de atelier, projectos e/ou realidades*, Prova Final de Licenciatura, Departamento de Arquitectura da FCTUC, Coimbra, 2002

CARVALHO, Filipe Trigo de, *work in progress*, Prova Final de Licenciatura, Departamento de Arquitectura da FCTUC, Coimbra, 2008

COUTINHO, Bárbara dos Santos, *Carlos Ramos(1897-1969): obra, pensamento e acção; a procura do compromisso entre o modernismo e a tradição*, Dissertação de Mestrado em História da Arte Contemporânea, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2001

COSTA, Alexandre Alves; FIGUEIRA, Jorge; MONIZ, Gonçalo Canto, *Cidades Sofia: Cidades Universitárias em destaque*, e.d.arq, Coimbra, 2003

FONSECA, Joana Rita Rodrigues, *Historicidades: Reflexão sobre novas intervenções em contextos Urbanos Históricos*, Prova Final de Licenciatura, Departamento de Arquitectura da FCTUC, Espinho, 2006+

FRAMPTON, Kenneth, *Steven Holl Architect*, Electaarchitecture, Milão, 2007

GRAÇA, João Luís Carrilho da, *Plano Urbanístico – Agra do Crasto – Universidade de Aveiro: Estudo Final*, Lisboa, 1996

GOMES, João Nuno Pinto Bastos Moreira, *Oito Projectos: quatro anos de experiência profissional*, Prova Final de Licenciatura, Departamento de Arquitectura da FCTUC, Espinho, 2001

HENRIQUES, Fernando; AMARAL, Fernando, *Hospital Rovisco Pais, de segregação à reabilitação*, Revista Sinais Vitais, nº4, Coimbra, 1995

MARQUES, Helena Sá, *Entre o Centro e a periferia: franjas estruturadoras de cidade*, Prova Final de Licenciatura, Departamento de Arquitectura da FCTUC, Coimbra, 2006

MATOS, Sónia, *Univer(c)idade de Aveiro: Questões da sua urbanística*, Prova Final de Licenciatura, Departamento de Arquitectura da FCTUC, Coimbra, 2000

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL, *Democratização do Ensino: sonho de ontem, lei de hoje, força de amanhã: discursos e declarações mais importantes do Ministro da Educação Nacional José Veiga Simão proferidos no ano de 1973*, Lisboa, 1974

MONIZ, José Eduardo, *A Crise e a Incógnita na Universidade Portuguesa*, Bertrand, Amadora, 1976

KOOLHAAS, Rem; MAU, Bruce (1995) . *S, M, L, XL*. New York: The Monacelli Press. 1998

KOOLHAAS, Rem (2004) . *Content*. Köln: Taschen. 2004

LEPROSARIA NACIONAL ROVISCO PAIS, *Asilos: Memória Descritiva e Justificativa*, Comissão de Obras, Tocha, 1946

LEPROSARIA NACIONAL ROVISCO PAIS, *Pavilhão para trabalhadores: Memória Descritiva e Justificativa*, Comissão de Obras, Tocha, 1949

LINO, Raul, *Casa Portuguesa: Alguns apontamentos sobre o arquitectura das casas simples*, 1ª edição Valentim de Carvalho 1933, 5ª edição Edições Cotovia, Lisboa, 1992

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando, *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2000

ORDEM DOS ARQUITECTOS, *IAPXX: Inquérito à Arquitectura Portuguesa do Séc. XX em Portugal*, Lisboa, 2006

PIRES, Pedro Jorge Brígida, *10 anos na clandestinidade*, Prova Final de Licenciatura, Departamento de Arquitectura da FCTUC, Coimbra, 2007

PROENÇA, Cesar Manuel Alves Ferreira Barroso, *Da Intuição ao Método: A Memória na Modernidade Crítica*, Prova Final de Licenciatura, Departamento de Arquitectura da FCTUC, Coimbra, 1999

REIS, Tânia Filipa Brites dos, *sobre workshops: a experiência do Mindelo*, Prova Final de Licenciatura, Departamento de Arquitectura da FCTUC, Coimbra, 2006

CENTRO DE ESTUDOS DA FAUP, *Revisão Do Plano Geral Da Universidade De Aveiro: Trabalho Integrado no protocolo com a Universidade de Aveiro(1987/89)*, coordenação Prof. Arqtº Nuno Portas, Porto, 1988

RICHARDSON, Phyllis, *XS: Big Ideas, Small Buildings*, Thames & Hudson, Londres, 2001

ROSA, Fernando Baeta Bissaya Barreto, *Uma obra social realizada em Coimbra*, 3 volumes, Coimbra, 1970-1974

ROSSA, Walter, *Reabilitação Urbana – Mindelo*, ecdj nº6.7, e.d.arq. , Coimbra, 2006

ROSSA, Walter, *Roteiro Campus da Universidade de Aveiro*, Universidade de Aveiro, Aveiro, 2006

SOUSA, Jorge Pais de, *Bissaya Barreto: ordem e progresso*, Minerva, Coimbra, 1999

SILVA, Armindo do Espírito Santo e, ANDRADE, Eduardo Rebello de, *Universidade de Aveiro – Plano Geral*, Lisboa, 1979

SIRUM, Seminário Internacional de Reabilitação Urbana do Mindelo, Mindelo, 2006, Manual, Departamento de Arquitectura da FCTUC, Coimbra, 2006

WANG, Wilfried, *Herzog & de Meuron*, Gustavo Gili, 2000

TAVARES, André, *Arquitectura antituberculose: trocas e tráficos na construção terapêutica entre Portugal e Suíça*, FAUP, Porto, 2005

TÁVORA, Fernando, *Da organização do espaço*, FAUP, Porto, 2004

UNIVERSIDADE DE AVEIRO, Campus de Santiago: Vinte anos na construção da Universidade de Aveiro, Universidade de Aveiro, Aveiro, 1994

Agradecimentos

aos meus pais e à minha irmã

ao João Gomes

à Renata

aos colegas de atelier

a todos os amigos que, no momento certo, estiveram presentes